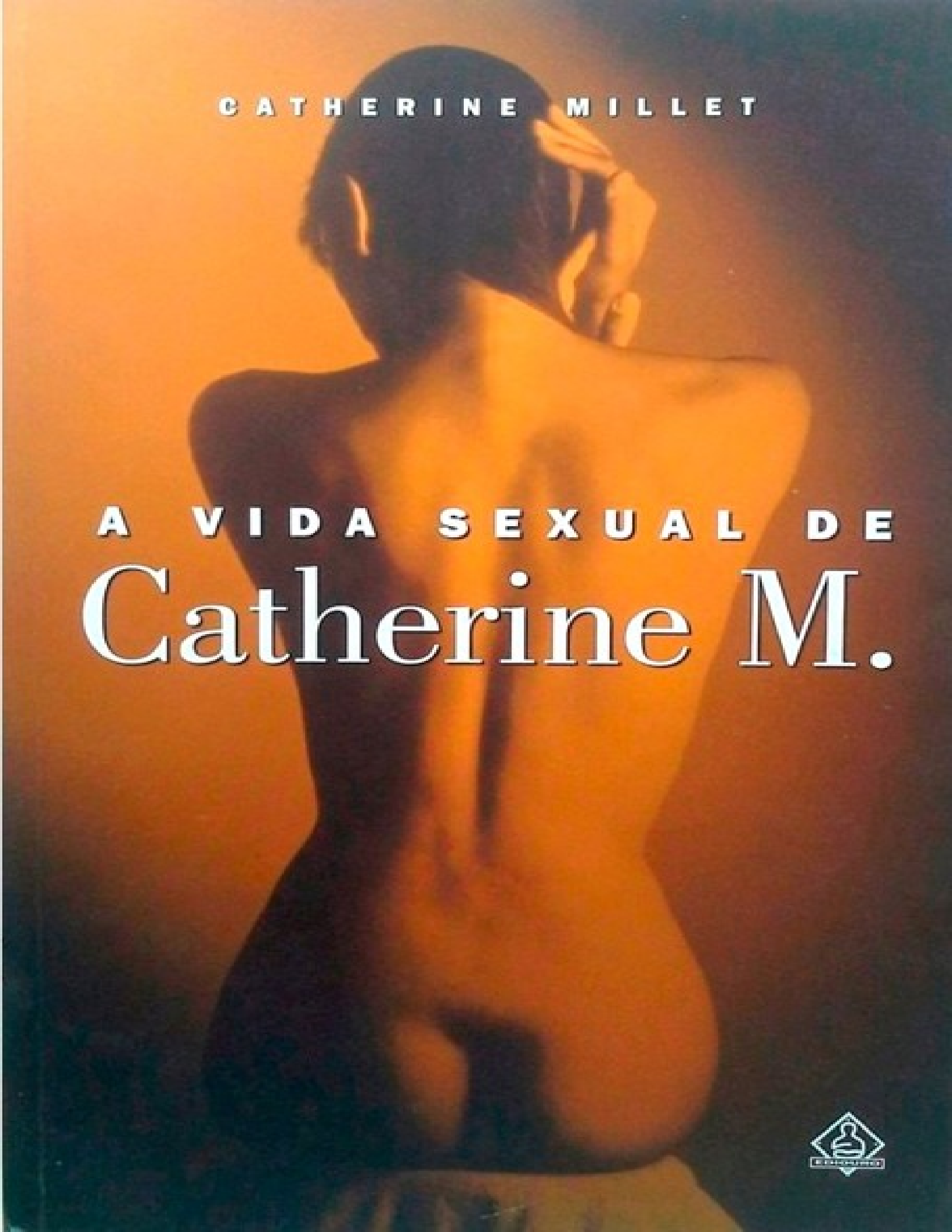




CATHERINE MILLET

A VIDA SEXUAL DE
Catherine M.





A Vida Sexual de Catherine M.

Catherine Millet

Tradução: Claudia Fares

2001
Editora Ediouro

1. O NÚMERO

Quando criança, eu era muito preocupada com os números. A lembrança que guardamos dos pensamentos ou das ações solitárias é muito clara: são as primeiras chances dadas à consciência de se mostrar a si mesma. Os acontecimentos compartilhados, por outro lado, permanecem presos à incerteza dos sentimentos que os outros nos inspiram (admiração, medo, amor ou aversão) e que, quando crianças, somos ainda menos aptos a enfrentar e mesmo compreender do que na idade adulta. Lembro-me, então, particularmente dos pensamentos que, toda noite antes de adormecer, me aliciavam para uma escrupulosa ocupação de contagem.

Pouco tempo depois do nascimento de meu irmão (eu tinha então três anos e meio), minha família mudou-se para um novo apartamento. Durante os primeiros anos em que moramos lá, minha cama ficava no cômodo maior, diante da porta. Olhando fixamente para a luz que vinha da cozinha, do outro lado do corredor, onde minha mãe e minha avó ainda trabalhavam, eu não conseguia conciliar o sono enquanto não tivesse considerado, em seqüência, várias questões. Uma delas dizia respeito ao fato de alguém ter muitos maridos. Não pensava sobre a possibilidade de que tal situação existisse, o que me parecia óbvio, mas, evidentemente, sobre suas condições.

Uma mulher poderia ter muitos maridos ao mesmo tempo ou apenas um depois do outro? Neste caso, quanto tempo deveria ficar casada com um antes de poder trocar por outro? Quantos maridos ela "razoavelmente" poderia ter: alguns, cinco ou seis, ou um número muito maior, ilimitado? Como eu agiria quando crescesse? Com o passar dos anos, a contagem de maridos foi substituída pela contagem de filhos. Acho que me sentia menos vulnerável à incerteza quando fixava meus devaneios nos traços de um

homem identificado (atores de cinema, um primo alemão etc.), com quem me encontrava sob o signo da sedução.

Imaginava assim, de maneira mais concreta, minha vida de mulher casada e, portanto, a presença de crianças.

Colocavam-se novamente as mesmas perguntas: seis era um número razoável ou se poderia ter mais? Que diferença de idade poderia haver entre eles? Acrescentava-se a divisão entre meninas e meninos.

Não posso rememorar esses pensamentos sem ligá-los a outras obsessões que também me ocupavam.

Na relação que eu tinha estabelecido com Deus, todas as noites ocupava-me com Sua alimentação e com a enumeração dos pratos e dos copos d'água que eu, em pensamento, Lhe servia — preocupada com a quantidade certa, com o ritmo da transmissão etc. Esta obsessão se alternava com as interrogações sobre o preenchimento de minha vida futura com maridos e filhos.

Eu era muito religiosa, e é possível que a confusão na qual eu percebia a identidade de Deus e de Seu filho tenha favorecido minha inclinação pela atividade de contagem.

Deus era a voz soante que, sem mostrar o rosto, lembrava a ordem aos homens. Mas tinham me ensinado que Ele era também o boneco de gesso rosa que eu colocava todo ano no presépio, o infeliz pregado na cruz diante do qual rezávamos — apesar de um e outro serem também Seu filho —, da mesma maneira que uma espécie de fantasma se chamava Espírito Santo.

Enfim, eu sabia muito bem que José era o marido da Virgem e que Jesus, sendo Deus e filho de Deus, O chamava de "Pai". A Virgem era não apenas a mãe de Deus, mas dizia-se também Sua filha.

Um dia, quando cheguei à idade de freqüentar o catecismo, quis ter uma conversa com um padre. Meu problema era o seguinte: eu queria me tornar religiosa, "casar com Deus" e ser missionária numa África onde pululavam

povos desprovidos, mas desejava também ter maridos e filhos. O padre era um homem lacônico, e interrompeu a conversa, julgando minha preocupação prematura.

Até que nascesse a idéia deste livro, nunca havia pensado muito sobre minha sexualidade. Tinha, no entanto, consciência das múltiplas relações precoces que vivi, o que é pouco costumeiro, sobretudo para meninas, pelo menos no meio em que cresci. Deixei de ser virgem aos dezoito anos — que não é especialmente cedo —, mas participei de uma suruba pela primeira vez nas semanas que se seguiram a minha defloração.

Evidentemente, não tomei a iniciativa da situação, mas fui eu quem a precipitou, o que aos meus próprios olhos permanece um fato inexplicado.

Sempre considerei que as circunstâncias puseram em meu caminho homens que gostavam de transar em grupo ou de observar sua parceira com outros homens. A única idéia que eu tinha a esse respeito era que, sendo naturalmente aberta às experiências e não vendo nelas nenhum entrave moral, tinha, de boa vontade, me adaptado a elas. Mas delas nunca fiz nenhuma teoria e, portanto, nenhuma militância.

Éramos três rapazes e duas moças e acabávamos de jantar no jardim de uma casa, situada numa colina acima de Lyon.

Eu viera de Paris visitar um rapaz que tinha conhecido em Londres um pouco antes, e aproveitara a carona do namorado de uma amiga, André, que era de Lyon. Na estrada, pedi que parasse para eu fazer xixi. Quando estava agachada, ele veio observar e me acariciar. Não foi desagradável, mas fiquei um pouco envergonhada. Foi, talvez, naquele momento que aprendi a me livrar deste tipo de embaraço mergulhando meu rosto entre as pernas do homem, pegando seu pau com a boca.

Chegando a Lyon, André e eu nos instalamos na casa de uns amigos dele, Ringo e uma mulher mais velha, que era a dona da casa. Como ela estava fora, os rapazes aproveitaram para fazer uma festa.

Chegou outro rapaz, acompanhado de uma moça, alta, de cabelos muito curtos e grossos, um pouco masculina.

Era junho ou julho, fazia calor e alguém sugeriu que tirássemos a roupa e mergulhássemos juntos numa grande fonte que ficava no jardim. Eu já passava a camiseta pela cabeça quando escutei a voz de André, um pouco abafada, exclamando que sua "namorada" não seria a última a mergulhar.

Há muito tempo não usava mais roupas de baixo (apesar de minha mãe ter me obrigado a usar, desde os treze ou quatorze anos, sutiã e cinta-liga com o pretexto de que uma mulher "devia ter postura"). O fato é que, imediatamente, fiquei quase nua.

A outra moça começou também a tirar a roupa e, é claro, ninguém entrou na água. O jardim era devassado e, por essa razão, as imagens que lembro em seguida são as do quarto, eu na concavidade de uma cama alta de ferro forjado vendo, através das barras, apenas as paredes muito ilumina das, imaginando a outra moça estirada sobre um divã num canto.

André foi o primeiro a me comer, demorada e tranqüilamente como costumava fazer. Em seguida, interrompeu bruscamente.

Uma inefável inquietação tomou conta de mim, no tempo justo de vê-lo afastarse, andando lentamente, os quadris curvados, em direção a outra moça. Ringo veio substitui-lo em cima de mim, enquanto o terceiro rapaz, que era mais reservado e falava menos que os outros, acotovelado perto de nós, passava a mão livre sobre a parte superior do meu corpo. O corpo de Ringo era muito diferente do de André, e eu gostava mais dele. Ringo era maior, mais nervoso, era desses que separam o movimento da bacia do resto do corpo, que metem sem se deitar totalmente, o tronco sustentado pelos braços. Mas André me parecia um homem mais maduro (de fato, mais velho, ele tinha lutado na Argélia), sua carne era um pouco mais flácida e seus cabelos já um pouco ralos, e eu achava agradável adormecer enroscada nele, com as nádegas coladas em sua barriga, dizendo-lhe que eu tinha as medidas certas para aquilo.

Ringo se retirou e o rapaz, que antes apenas observava e me acariciava, tomou o lugar dele. Eu estava há algum tempo com uma terrível vontade de urinar. Tive de ir ao banheiro e o rapaz tímido ficou desapontado. Quando voltei, ele estava com a outra menina. André ou Ringo, já não lembro mais, teve o cuidado de me dizer que ele tinha ido apenas "finalizar com ela".

Fiquei cerca de duas semanas em Lyon. Meus amigos trabalhavam durante o dia e eu passava as tardes com o estudante que havia conhecido em Londres.

Quando seus pais estavam ausentes, deitava-me em sua cama e ele sobre mim, muito atenta para não acabar batendo com a cabeça na estante que circundava a cama. Eu não tinha ainda muita experiência, mas percebia que ele era ainda mais desajeitado do que eu pela maneira como deslizava furtivamente seu sexo ainda flácido e pouco úmido em minha vagina, e pela forma como logo afundava o rosto em meu pescoço. Ele devia estar seriamente intrigado com o que deveriam ser as sensações de uma mulher quando me perguntou se o esperma quando lançado nas paredes da vagina proporcionava algum tipo de prazer específico. Fiquei desconcertada. Se eu mal sentia a penetração, como poderia sentir uma pequena gosma viscosa se espalhando dentro de mim! "É mesmo curioso, nenhuma sensação a mais?" "Não, nenhuma." Ele estava mais preocupado do que eu.

No final da tarde, o pequeno grupo de amigos vinha me esperar no cais onde a rua desembocava. Eles eram alegres e, um dia, observando-os, o pai do estudante afirmou de uma maneira simpática que eu devia ser uma puta de uma garota para ter todos aqueles rapazes à minha disposição. Para falar a verdade, eu não fazia mais contas. Tinha esquecido completamente minhas interrogações infantis sobre o número permitido de maridos. Eu não era mais uma "coleccionadora", e os rapazes e as moças que eu via flertando nas festassurpresas (quer dizer, se amassando e beijando até perder o fôlego) com o maior número de pessoas para, no dia seguinte, contar vantagem na escola, me chocavam. Contentava-me em descobrir que este desfalecimento voluptuoso, experimentado no contato com a inefável doçura de todos os lábios estranhos ou quando uma mão se colava em meu púbis, podia se renovar infinitamente, pois confirmava-se que o mundo estava cheio de homens dispostos a isto. O resto me era indiferente.

Pouco tempo antes de tudo isso, eu quase tinha sido deflorada por um rapaz que me provocara uma forte impressão, ele tinha o rosto um pouco flácido, lábios imensos e cabelos negríssimos. Enfiando sua mão sob meu pulôver, ele percorreu uma superfície extensa do meu corpo, ao mesmo tempo que esticava a borda da calcinha até quase me cortar a virilha.

Assim foi a primeira vez que me senti tomada pelo prazer. Ele ainda me perguntou se eu "queria mais". Eu não tinha nenhuma idéia do que ele estava querendo dizer, mas eu disse que não, porque não imaginava o que podia acontecer além daquilo.

Aliás, interrompi a experiência e, apesar de nos reencontrar-mos regularmente nas férias, não pensei em repeti-la.

Não estava também muito preocupada em sair com alguém, nem com alguns.

Por duas vezes, estive apaixonada por homens com quem as relações físicas não eram, em princípio, permitidas.

O primeiro tinha acabado de se casar e, de qualquer forma, não manifestava nenhum interesse por mim, e o segundo morava longe, não fazia, portanto, questão de ter um namorado.

O estudante era muito insípido, André era quase noivo de minha amiga, e Ringo vivia com uma mulher.

Em Paris, tinha Claude, o amigo com quem fiz amor pela primeira vez, que parecia estar apaixonado por uma jovem burguesa capaz de lhe dizer frases poéticas do tipo "veja como meus seios estão doces esta noite", sem permitir que ele fosse mais longe.

Comecei imediata e confusamente a compreender que eu não pertencia ao grupo das mulheres sedutoras e que, conseqüentemente, meu lugar no mundo era mais ao lado dos homens do que diante dos homens.

Nada me impedia de simplesmente renovar a experiência de aspirar uma saliva cujo gosto é completamente diferente, de apertar em minhas mãos, sem ver um objeto sempre inesperado.

Claude tinha um belo pau, reto, bem proporcionado, e as primeiras trepadas me deixaram na lembrança um tipo de entorpecimento, como se eu tivesse ficado intumescida e obturada por ele.

Quando André abriu a braguilha na altura do meu rosto, fiquei surpreendida ao descobrir um objeto menor e também mais maleável porque, ao contrário de Claude, ele não era circuncidado.

O pau com a cabeça imediatamente à mostra se dirige ao olhar e provoca excitação por sua aparência de monolito liso, enquanto o vai-e-vem do prepúcio, revelando a glândula como se fosse uma grande bolha de sabão na superfície da água, suscita uma sensualidade mais fina, sua flexibilidade se propagando em ondas até o orifício do corpo do parceiro. O pau de Ringo era mais do tipo do de Claude, o do rapaz tímido mais como o de André, e o do estudante pertencia a uma categoria que eu só reconheceria mais tarde, a dos que, sem ser particularmente grandes, proporcionam à mão uma imediata sensação de consistência, talvez em razão de uma camada cutânea mais densa. Eu aprendia que cada sexo suscitava de minha parte gestos e até comportamentos diferentes. Da mesma maneira que, a cada vez, era necessário adaptar-me a outra epiderme, outra carnadura, outra pilosidade, outra musculatura (não é preciso dizer, por exemplo, que a maneira de agarrar um tronco que nos cobre varia segundo sua conformação: ele pode ser liso como uma pedra, pesado e com algum veio ou ainda os que impedem a visão da genitália. É, também, evidente que estas visões não repercutem no imaginário da mesma forma, e, assim, retrospectivamente, parece que minha tendência era de ser mais submissa aos corpos mais magros, como se eu os considerasse verdadeiramente machos, enquanto tinha mais iniciativa com os corpos mais pesados que eu feminizava, qualquer que fosse seu tamanho); a complexão característica de cada corpo parecia me induzir a atitudes próprias.

Guardo a lembrança agradável de um corpo nervoso, com uma vara afilada golpeando apenas minha bunda a distância, com as mãos sustentando minhas ancas, sem que praticamente nenhuma outra parte do meu corpo fosse tocada.

Inversamente, homens gordos, apesar de me atraírem, me incomodavam quando se esparramavam sobre mim e, sem que eu procurasse me desvencilhar, combinavam comportamento e corpulência, com uma tendência a beijocar e lambe. Enfim, entrei na vida sexual adulta como uma menina, abismava-me às cegas no túnel do trem fantasma pelo prazer de ser sacudida e apanhada por acaso. Ou melhor, pelo prazer de ser engolida como uma rã por uma serpente.

Alguns dias depois de minha volta a Paris, André mandou uma carta para me prevenir, com tato, que todos nós provavelmente havíamos pegado uma gonorréia. Minha mãe abriu o envelope. Mandaram-me ao médico e proibiram que eu sáísse. Mas, a partir daí, o pudor de que meus pais pudessem me imaginar transando tornou-se extremamente intransigente e não me permitiu continuar a suportar a coabitação com eles. Fugi e fui recapturada. Finalmente, deixei de viver definitivamente com eles para viver com Claude. A gonorréia tinha sido meu batismo e, depois, durante anos, vivi obcecada por aquela ruptura que, no entanto, me parecia ser uma espécie de marca distintiva, uma espécie de fatalidade compartilhada pelos que trepam muito.

"Como um caroço..." Nas maiores surubas que participei, nos anos seguintes, era possível encontrar algumas vezes até cento e cinquenta pessoas (nem todas trepavam, algumas iam apenas para observar), e com um quarto ou um quinto delas eu fazia sexo de várias maneiras: com as mãos, com a boca, na boceta e no rabo. Acontecia de beijar e trocar carícias com outras mulheres, mas isso era muito secundário.

Nos clubes, a quantidade era mais variável certamente em função dos participantes, é claro, mas também dos hábitos do lugar — retomarei a questão mais adiante. Para as noites passadas no bosque de Boulogne', a estimativa seria ainda mais difícil de ser feita: devo considerar apenas os homens que chupei com a cabeça comprimida contra o volante dos carros, ou aqueles com quem mal tive tempo de tirar a roupa dentro da cabine de um

caminhão, e não levar em conta os corpos sem cabeça que se alternavam do lado de fora da porta do carro, sacudindo com mãos loucas cacetes em vários estágios de ereção, enquanto outras mãos mergulhavam pelo vidro aberto para massagear energicamente meus peitos? Hoje, sou capaz de contabilizar quarenta e nove homens que me penetraram e aos quais posso atribuir um nome, ou, pelo menos, em alguns casos, uma identidade. Mas não posso incluir nos cálculos os que se perderam no anonimato.

Nas circunstâncias que evoco aqui e também nas surubas quando havia pessoas que eu conhecia ou reconhecia, o encadeamento e a confusão dos amassos e das trepadas eram tais que, se era possível distinguir corpos, ou ainda seus atributos, nem sempre era possível distinguir as pessoas. E mesmo quando evoco atributos, devo confessar que não tinha sempre acesso a todos eles; certos contatos são muito efêmeros e, se muitas vezes podia, de olhos fechados, reconhecer uma mulher pela doçura de seus lábios, não poderia necessariamente reconhecê-la pelos toques que, eventualmente, podiam ser muito enérgicos. Já aconteceu de me dar conta apenas bem depois de estar há algum tempo trocando carícias com um travesti. Estava entregue a uma hidra até que Éric se separasse do grupo para me soltar, como, ele mesmo disse, "como um caroço da fruta".

Conheci Éric aos vinte e um anos, depois de ele ter-me sido "anunciado", várias vezes, por amigos comuns que estavam certos de que, considerando meus gostos, ele seria, sem dúvida, um homem que eu deveria encontrar.

Depois das férias em Lyon, eu e Claude tínhamos continuado a ter relações sexuais em grupo. Com Éric, o regime se intensificou, não somente porque ele me levava a lugares onde eu poderia me entregar a um número incalculável de mãos e de cacetes, mas sobretudo porque as sessões eram realmente organizadas.

Sempre estabeleci uma diferença clara entre as circunstâncias mais ou menos improvisadas que levam os convidados, depois de um jantar, a se redistribuir em sofás e camas à sua volta, ou as que fazem um grupo animado dar voltas de carro na porta Dauphine, até estabelecer contato com os

passageiros de outros carros e acabar todos juntos num grande apartamento, e as noites organizadas por Éric e seus amigos. Eu preferia o inflexível desenrolar destas últimas e seu objetivo único: não havia precipitação nem crispação, nenhum fator estranho (álcool, comportamento exibicionista...) emperrava a mecânica dos corpos. As idas e vindas jamais se afastavam de uma determinação de insetos.

As festas de aniversário de Victor eram as que mais me impressionavam. Na entrada, seguranças com cães falavam em walkie-talkies e a multidão me intimidava. Algumas mulheres vestiam-se para a ocasião com roupas transparentes que eu invejava e, enquanto as pessoas chegavam e se reencontravam tomando champanhe, eu me mantinha à parte. Só me sentia à vontade quando tirava o vestido ou a calça. Minha nudez era a roupa que verdadeiramente me protegia.

A arquitetura do lugar me divertia porque parecia uma boutique da moda, La Gaminerie, que ficava no boulevard Saint-Germain. Era uma gruta, maior do que a boutique, com cavidades de estuque branco. Nos reuníamos no subsolo e a iluminação vinha do fundo de uma piscina que ficava diretamente sobre a gruta. Através do fundo de vidro, como em uma imensa tela de televisão, assistíamos a evolução dos corpos que mergulhavam na piscina na parte de cima. Descrevo um lugar no qual não costumava me deslocar muito. A escala das coisas tinha mudado a minha volta, mas a situação não era muito diferente do que tinha sido em minha primeira vez com meus amigos de Lyon.

Éric me instalava sobre uma das camas ou sofás colocados nas alcovas e, seguindo um ritual informal, tomava a iniciativa de tirar minha roupa e de me deixar exposta. Ele geralmente começava a me acariciar e a me beijar, sendo imediatamente substituído por outros. Eu ficava quase sempre deitada de costas, talvez porque outra posição mais comum, em que a mulher monta ativamente no homem, não permite a participação de várias pessoas e acaba implicando uma relação mais pessoal entre os parceiros. Deitada, eu podia ser acariciada por muitos homens enquanto um deles, de pé, para aumentar o espaço de observação, se satisfazia no meu sexo. Eu era manipulada por partes; uma mão estimulava a parte mais acessível de meu púbis com

movimentos circulares, outra roçava meu dorso ou esfregava meus mamilos...

Mais até do que as penetrações, as carícias me proporcionavam muito prazer, principalmente as picas que passeavam na superfície do meu rosto ou as glândes esfregadas nos meus seios.

Eu adorava segurar de passagem uma com a boca, fazê-la ir e vir entre meus lábios enquanto outra reclamava minha boca do outro lado, roçando em meu pescoço esticado para, logo depois, virar a cabeça e pegar a recém-chegada.

Ou ter uma na boca e outra na mão. Meu corpo entregava-se mais sob o efeito desses toques, de sua relativa brevidade e de sua renovação, do que nas trepadas. A propósito, lembro-me sobretudo da ancilose entre minhas coxas, às vezes depois de quase quatro horas de atividade, provocada pela preferência de muitos homens em manter as coxas das mulheres muito abertas, para simultaneamente aproveitar a visão e meter mais fundo. Quando conseguia descansar, tomava consciência do entorpecimento de minha vagina. Era uma volúpia sentir as paredes enrijecidas, pesadas, um pouco doloridas, guardando, de certa forma, a marca de todos os membros que nela se alojaram.

Este lugar de aranha ativa no meio de sua teia me convinha. Uma vez, não na casa de Victor, mas numa sauna da praça Clichy, encontrei-me na situação de não sair, praticamente durante toda a noite, do fundo de um grande sofá, mesmo havendo uma cama imensa que ocupava o centro da sala. Com a cabeça na altura certa, eu podia chupar quem se apresentasse ao mesmo tempo que, apoiada nos braços do sofá, estimulava até dois sexos ao mesmo tempo. Mantinha minhas pernas bastante levantadas para que os que ficassem suficientemente excitados viessem, um depois do outro, continuar em minha boceta.

Transpiro muito pouco, mas, às vezes, ficava inundada com o suor dos meus parceiros. Aliás, havia sempre filetes de esperma secando no alto das coxas, às vezes nos seios ou no rosto, e até mesmo nos cabelos.

Aliás, os homens que costumam fazer surubas gostam muito de esporrar em uma boceta quando ela já está forrada de bastante porra. De tempos em tempos, com o pretexto de ir ao banheiro, conseguia cair fora do grupo e me lavar. A casa de Victor tinha um banheiro com uma luz azulada suficientemente clara sem ser agressiva. Um espelho acima da banheira ocupava toda a parede, e a imagem profunda e fundida que ele refletia tomava a atmosfera ainda mais doce. Costumava ficar observando meu corpo, espantada ao constatar que ele era mais miúdo do que eu suspeitava ser alguns minutos antes.

Naquele banheiro havia espaço para trocas mais tranqüilas. Sempre havia alguém para me cumprimentar pela cor morena de minha pele e pelo meu savoir-faire no uso da boca — comentários que eu usufruía melhor ali do que quando estava enterrada no sofá, e ouvia, como se fosse muito longe, um grupo trocar impressões sobre mim, como um doente percebendo através do torpor a conversa de médicos e internos na ronda de leito em leito.

Jato d'água em minha xoxota aberta e entorpecida. Era raro que aquele que vinha ao banheiro para uma pausa não aproveitasse do momento em que eu me agachava no bidê, para agitar nos meus lábios a pica já quase flácida mas sempre disposta. E, muitas vezes, apenas refrescada, de pé, as mãos nas bordas do lavabo, ofereci minha vulva à pressão cada vez mais determinada de um sexo que finalmente conseguia ainda dar mais uma bombada. Um dos meus maiores prazeres é o que proporciona um sexo que desliza por entre os grandes lábios e vai ficando firme, descolando progressivamente um lábio do outro, antes de engolfar-se num espaço que fui paulatinamente sentindo se abrir.

Nunca fui vítima de um gesto desajeitado ou brutal; pelo contrário, sempre fui objeto de cuidado e atenção. Se estava cansada ou se a posição se tornava desconfortável, bastava que eu comunicasse, por intermédio de Éric (que sempre estava por perto), para que me deixassem descansar ou me levantar.

De fato, a gentileza sem insistência, quase indiferente, que me rodeava nas surubas, convinha perfeitamente à mulher muito jovem que eu era, gauche em

suas relações com o outro. A população do bosque de Boulogne era mais heterogênea — também do ponto de vista social — e parece-me que, neste caso, devo ter tido relações com homens mais tímidos ainda que eu. Via poucos rostos, mas cruzei com olhares que me examinavam com uma espécie de expectativa, alguns até mesmo com espanto. Havia os freqüentadores que conheciam os lugares, organizavam rapidamente o desenrolar das coisas, outros cuja presença era mais furtiva, e também aqueles que observavam sem participar.

Por mais que a situação e os protagonistas sempre mudassem, e Éric se empenhasse em sua renovação — eu o acompanhava sempre com um pouco de apreensão —, meu prazer era, paradoxalmente, o de reencontrar relações familiares nessas circunstâncias desconhecidas.

Lembro de um episódio surpreendente. Encontrei lugar em um banco de cimento particularmente rugoso e granulado. Formou-se um grupo: de ambos os lados de minha cabeça três ou quatro homens se aproximavam para ser chupados, mas eu podia perceber de viés um segundo círculo formado pelo vai-e-vem claro de mãos movimentando picas, que pareciam molas vibrando.

Atrás, havia ainda algumas sombras atentas. No momento em que minhas roupas começavam a ser arregaçadas, ouviu-se o estrépito de um acidente de carro. Largaramme. Estávamos num desses pequenos bosques ao longo do bulevar de l'Amiral-Bruix, perto da porta Maillot. Depois de algum tempo fui me juntar ao grupo que observava da entrada, por entre as sebes. De um Mini Austin saía uma faixa luminosa bem no meio da avenida. Alguém disse que havia uma mulher jovem dentro dele. Um cachorrinho aflito corria em todas as direções. A faixa luminosa e os faróis ligados do carro formavam uma estranha mistura de luzes amarelas e brancas.

Sem prestar muita atenção as sirenes dos caminhões de socorro, reocupeí o banco. E, como se o espaço do bosque fosse elástico, o círculo se refez e os atores retomaram a cena no ponto em que tinha sido interrompida. Algumas palavras foram trocadas, a visão do acidente fazia repentinamente sobressair o laço até então mudo entre as pessoas, e eu reencontrava minha efêmera

pequena comunidade, inteiramente cúmplice na realização de sua atividade particular; Eu adorava me introduzir nas raras trocas de propostas e nos gestos ou atitudes ordinárias, que, no bosque de Boulogne, ao mesmo tempo, temperam e colocam em relevo os encontros extraordinários. Uma noite em que a porta Dauphine estava quase deserta, vimos contra a luz dos faróis do carro dois homens, muito altos, negros, parados na beira da calçada. Tinham o ar de duas pessoas desgarradas, ou que, num subúrbio desolado, esperam um improvável ônibus. Eles nos levaram a um pequeno quarto perto dali. O cômodo e a cama eram estreitos. Comeram-me um depois do outro. Enquanto um deles me cobria, o outro ficava sentado no canto da cama sem intervir. Ele simplesmente observava. Tinham movimentos muito lentos, pirocas grandes como nunca havia visto, não muito grossas, que penetravam fundo sem que eu tivesse de abrir muito as pernas. Eram como gêmeos. Dois contatos que se encadearam nas carícias sem precipitação. Eles me tocavam com precisão e, em troca, era maravilhoso usufruir da imensa superfície de pele que me ofereciam. Acredito que, naquela vez, pude sentir toda a intensidade de uma penetração realmente paciente.

Enquanto me vestia, eles conversavam com Éric sobre os hábitos do bosque de Boulogne e sobre o trabalho como cozinheiros. Quando os deixamos, me agradeceram com a justeza de anfitriões sinceros, e a lembrança que guardo deles é marca de afeição.

No Chez Aimé, as relações entre as pessoas tinham menos civilidade. O "Aimé" era um clube de trocas de casais muito concorrido. Vinha-se de muito longe, às vezes do exterior, para freqüentá-lo. Anos após seu fechamento, eu ainda me espantava como uma provinciana quando Eric enumerava o nome das personalidades, artistas de cinema, da música popular e do esporte, homens de negócios que eu poderia ter conhecido lá sem ter aberto suficientemente os olhos para reconhecê-los.

Nos anos em que o freqüentávamos, estreou um filme que parodiava alguns aspectos da liberação sexual e uma cena se passava num clube parecido com o Chez Aimé: via-se um grupo de homens se comprimindo em volta de uma mesa onde havia uma mulher deitada, de quem só era possível distinguir as pernas calçadas com botas que se agitavam comicamente acima das cabeças.

Com efeito, naquela época, as botas de cavaleiro estavam na moda, eu as usava e, por serem difíceis de tirar, tinha o hábito de ficar com elas mesmo não tendo nada sobre o corpo. E mais de uma vez, deitada sobre uma mesa, as exibi da mesma maneira que no filme. Tive, então, a vaidade de supor que meu traje minimalista e meus movimentos no ar tinham influenciado a imaginação do cineasta.

O prazer de me entregar durante longas sessões no Chez Aimé, a bunda colada na beirada de uma grande mesa de madeira, a luz de uma luminária suspensa caindo sobre o meu corpo como sobre uma mesa de bilhar só é igual à aversão que eu sentia do caminho que percorríamos para chegar até lá. O Chez Aimé era longe de Paris: era preciso atravessar a escuridão sinistra do bosque de Fausses-Raposes à Ville-d'Avray, para, finalmente, encontrar a casa no fundo de um pequeno jardim que se parecia com os do subúrbio da minha infância. Éric nunca me revelava com antecedência a programação da noite, porque acredito que uma de suas satisfações era a de organizá-la juntamente com as surpresas; era sua maneira de criar condições "romanescas". Aliás, eu fazia o jogo sem nenhuma pergunta. No entanto, quando percebia que já estávamos a caminho, ficava ansiosa tanto ao pensar nos desconhecidos que em breve me obrigariam a despertar de mim mesma, quanto pela antecipação da energia que seria obrigada a despender. Era um estado similar ao que experimento sempre antes de fazer uma conferência, quando sei que será necessário que eu esteja inteiramente concentrada no meu assunto e entregue à platéia. Ora, nem os homens que encontramos nessas circunstâncias, nem um auditório mergulhado no escuro têm rosto e, como por encantamento, entre a ansiedade que antecede e a fadiga que se segue, não se tem consciência da própria exaustão.

Entrávamos pelo bar. Não me lembro de ter sido comida ali, embora o contato da boceta com o revestimento de couro sintético do tamborete e a bunda amassada pronta para pegação disfarçada tenham pertencido ao registro de minhas fantasias mais antigas. Não tenho certeza de ter estado muito atenta ao que se passava à minha volta, às mulheres empoleiradas perto do balcão de quem vinham apalpar a xoxota e a gordura da bunda.

Meu lugar era em uma das salas da parte de trás, estirada, como disse, sobre uma mesa. As paredes eram nuas. Naquelas salas não havia cadeiras ou banquetas, não havia nada além de mesas rústicas e luminárias que pendiam do teto. Podia ficar ali duas ou três horas.

Sempre a mesma configuração: mãos percorrendo meu corpo, minha cabeça virando para chupar ora à direita, ora à esquerda, enquanto outros cacetes se esfregavam em meu ventre. Cerca de vinte homens podiam se revezar assim durante toda a noite. Esta posição, a mulher deitada de costas, seu púbis na altura do pau do homem apoiado em suas pernas, é uma das melhores e mais confortáveis que conheço. A vulva fica bem aberta, o homem fica à vontade para atochar horizontalmente e meter fundo sem parar.

Trepadas vigorosas e precisas. As vezes, as investidas eram tão vigorosas que eu agarrava a beirada da mesa com as duas mãos e, durante muito tempo, fiquei permanentemente com a marca de uma pequena esfoladura bem abaixo do cóccix, no local onde minha coluna vertebral friccionava a madeira rugosa.

O "Aimé" acabou fechando. Fomos lá uma última vez, o lugar estava deserto e eles tinham acabado de receber uma intimação da polícia judiciária. Diante da situação, propusemo-nos a voltar mais tarde e Aimé, com o tronco pesado atrás do balcão, berrava com sua mulher, recriminando-a por estar nos obrigando a ir embora.

Naquela noite, um amigo chamado Henri, Claude e eu, que formávamos o mais amigável dos trios, acabamos nos Glycines, em minha primeira visita a um lugar que nos fazia sonhar. Henri morava num apartamento minúsculo na rua de Chazel, em frente do muro alto coberto de reboco claro, que escondia a mansão. Claude e eu tínhamos o hábito de passar na casa de Henri, que ficava no caminho que fazíamos quando voltávamos da visita dominical a nossos pais. Trepávamos os três, os dois metendo em mim ao mesmo tempo, um na boca, e outro no rabo ou na boceta, sob os alegres auspícios de um dos mais belos quadros de Martin Barré, que chamávamos de "o espaguete", presente do autor a Henri.

Depois costumávamos espiar pela janela as entradas e saídas nos Glycines.

Henri tinha ouvido falar que a boate era freqüentada por atores de cinema que, às vezes, acreditávamos ver passar. Ficávamos como crianças idiotas, fascinados e iludidos por uma atividade secreta que nem conseguíamos imaginar, mas excitados pela aparência de coisas que nos eram inacessíveis: os carros chiques que paravam diante da porta, o porte burguês das silhuetas que desciam. Quando, alguns anos mais tarde, transpus aquele portal, imediatamente percebi que preferia o estilo gasto do Chez Aimé.

Subimos a pequena aléia de cascalho, ocupada por um grupo de japoneses, conduzidos por uma jovem com ares de aeromoça. Ela exigiu que eu apresentasse a carteira de seguridade social, que eu evidentemente não tinha, nem comigo nem em outro lugar qualquer, pois não trabalhava regularmente.

Mesmo que eu tivesse um contracheque, me sentiria como se estivesse devendo alguma coisa, uma vez que, diante de uma mulher maior que eu — jamais de um homem — sou, ainda hoje, uma criança desajeitada, qualquer que seja sua idade. Acabamos entrando.

O lugar era claro como uma sala de jantar, com muita gente nua deitada sobre colchões no chão, e o que me desconcertava ainda mais do que a ameaça da "inspetora de trabalho" na entrada era que as pessoas contavam piadas. Uma mulher de pele branca, sem maquiagem, cujos cabelos desfeitos apresentavam traços do mesmo coque banana da recepcionista, fazia a assistência rolar de rir contando que seu filho pequeno "queria muito acompanhá-la esta noite".

Lembro-me de Éric, sempre extremamente prático, apalpando a parede à procura de um interruptor, porque tínhamos conseguido combinar uma troca de parceiros com um casal, que certamente seria mais agradável com a luz mais baixa.

Porém, uma das garçonetes que navegavam entre os corpos com uma bandeja de flûtes de champanhe pisou em um fio e reacendeu a luz. Ela mesma acompanhou seu gesto com um sonoro "merda", apoiado por todos.

Depois disso, não me lembro de termos falado mais nada.

Com exceção do bosque de Boulogne, não costumávamos nos misturar com outros antes de sermos cumprimentados, antes de que tivesse sido respeitada uma certa distância de transição, na qual algumas palavras são trocadas e cada um mantém entre si e os outros o espaço do copo que oferece ou do cinzeiro que passa. Sempre quis abolir este suspense, mas eu suportava melhor certos rituais do que outros. Achava Armand engraçado: quando todo mundo ainda estava de conversa, ele tinha o hábito de ficar completamente nu (ele dobrava suas roupas com o cuidado de um criado de quarto), era inconveniente por se antecipar apenas alguns minutos. Tinha de me ajustar à mania, um pouco idiota, daquele grupo que só iniciava a suruba depois de ter jantado, sempre no mesmo restaurante, como um grupo de antigos colegas de escola cuja alegria inabalável era a de tirar a calcinha ou o collant de uma das mulheres presentes enquanto o garçom servia a mesa.

Em compensação, contar histórias libidinosas numa boate de surubas me parecia obsceno. Será que eu, instintivamente, conseguia distinguir os números que são apresentados como prelúdio à verdadeira comédia, para melhor prepará-la, das momices e palhaçadas que servem apenas para postergá-la? Os atos praticados no primeiro caso não o são no segundo e estão, na verdade, "fora do lugar".

Mesmo que tenha guardado até hoje reflexos de católica praticante (fazer o sinal da cruz disfarçadamente se pressinto um incidente, sentir-me observada logo que tenho consciência de uma falta ou erro...) não posso verdadeiramente pretender crer em Deus. Aliás é bem possível que esta crença tenha me abandonado quando comecei a ter relações sexuais. Portanto, sem uma missão a cumprir, sem rumo, descobri ser uma mulher mais passiva, sem outros objetivos a atingir que não fossem os que os outros me oferecessem. Na perseguição desses objetivos, sou mais do que constante, e se a vida em si não tivesse fins eu os perseguiria sem trégua, mesmo que eu mesma não os tivesse definido. Foi com este estado de espírito que jamais fugi à tarefa que me foi confiada, já há muito tempo, de dirigir a redação da Art Press.

Participei da criação da revista, dediquei-me bastante a este trabalho para que fosse estabelecida uma identificação entre mim e ele, mas nele sinto-me mais como um condutor que não deve sair dos trilhos do que como um guia que sabe onde está o porto. Eu trepava dessa mesma maneira. Como eu era totalmente disponível e não tinha estabelecido um ideal a ser atingido, tanto na vida profissional quanto na vida amorosa, fui estigmatizada como uma pessoa sem nenhum impedimento, excepcionalmente desprovida de inibição, apesar de não ter nenhum motivo para não ocupar este lugar. Minhas lembranças das surubas e das noites passadas no bosque de Boulogne em companhia de um dos meus amigos-amantes articulam-se entre si como os quartos de um palácio japonês.

Acreditamos estar num cômodo fechado até que outra parede desliza, revelando uma seqüência de outros cômodos, e à medida que avançamos, outras paredes se abrem e se fecham, e se os cômodos são muito numerosos, incalculáveis são as maneiras de passar de um para o outro.

Mas, nessas lembranças, as visitas aos clubes de trocas de casais ocupam um lugar pouco relevante. O Chez Aimé era coisa de outra ordem: era o berço nu da trepada. Se guardo na memória o fiasco dos Glycines foi porque ele representou a atualização exemplar de um devaneio da época em que estava saindo da adolescência. Talvez isto se deva ao fato de que minha memória seja sobretudo visual e que eu me lembre melhor, por exemplo, do Cléopâtre, clube aberto pelos antigos clientes do Chez Aimé, com sua localização extravagante no coração do centro comercial do XIII^e arrondissement, decoração limpa e atividades sexuais bastante banais. Em compensação, outros lugares e outros acontecimentos são tão marcantes que eu quase poderia classificá-los por temas.

Como, por exemplo, a visão do cortejo de carros, continuidade viva de nosso próprio carro. Subíamos a avenida Foch e tive uma súbita vontade de fazer xixi.

Quatro ou cinco carros seguiam o nosso. Paramos, desço e atravesso correndo uma faixa de grama para chegar a uma árvore. As portas dos outros carros se abrem, e alguns, sem entender o que estava acontecendo, se

aproximam. Éric corre e se interpõe, já que o lugar é exposto e muito iluminado. Volto ao carro e o cortejo dá a partida. Estacionamento na porta de Saint-Cloud: o guarda observa quase quinze carros chegando uns atrás dos outros, e retornando uma hora mais tarde quase na mesma ordem. Em uma hora, uns trinta homens me comeram, muitos me mantendo levantada e encostada em um muro, outros sobre o capô do carro.

Algumas vezes o roteiro se complica pela necessidade de despistarmos alguns carros na estrada. Os motoristas combinam um destino, uma fila se forma, seguida por outras que vão se juntando, até que a fila se torna muito grande e acaba sendo mais prudente limitar o número de participantes. Uma noite rodamos durante tanto tempo que parecia uma viagem. Um motorista que conhecia um certo lugar, acabou revelando que não sabia tão bem o caminho.

Eu via pares de faróis nos seguindo à direita e à esquerda aparecendo e desaparecendo no retrovisor. Finalmente, após muitas paradas e conciliábulos, sob os degraus de uma quadra de esportes do lado de Vélizy-Villacoublay, tive o direito de usufruir os cacetes pacientes daqueles que não se desgarraram no caminho.

A errância poderia ser outro tema. Os carros andam, param, partem novamente, manobram secamente como um jogo teleguiado. Picadeiro da porta Dauphine: nos comunicamos de um carro ao outro e a senha parece ser: "Você tem um lugar?" Alguns carros deixam o círculo e uma espécie de perseguição se inicia em direção a um endereço desconhecido. Aconteceu, na verdade, apenas uma vez, em que a procura demorasse um pouco mais e que acabássemos fazendo algumas bobagens. Estou com um grupo de amigos, pouco habituados ao bosque de Boulogne, seis pessoas apertadas em um Renault e dispostas a desistir depois de ter rodado um tempo em vão. Numa das aléias principais, ao vermos dois ou três carros parados no sinal, entramos na fila. Eu, como um pequeno soldado bravo e fanfarrão, em nome dos outros que ficam me esperando, desço para chupar o pau do motorista do carro parado atrás do nosso. Previsivelmente, dois policiais se plantam à minha frente enquanto tento cair fora. Eles perguntam ao homem, que se

abotoa desconfortavelmente sob o volante, se ele me pagou e exigem que todos se identifiquem.

Mesmo quando minha memória se organiza em torno de fatos corporais, as sensações acabam sendo menos relevantes do que os ambientes. Poderia reunir muitos casos ligados ao uso que fiz durante muito tempo do meu ânus, tão regularmente ou, até mesmo, mais do que de minha vagina. Num belo apartamento situado atrás dos Invalides, participo de uma suruba em petit comitê e recebo pela abertura anal a viga de um gigante.

O quarto em mezaniflo com vão envidraçado e as numerosas lâmpadas iluminando o nível da cama lembram um cenário de filme americano.

O lugar tem em si um caráter desmesurado e irreal por causa de uma gigantesca mão aberta de resina pintada, colocada na sala à guisa de mesa baixa, e onde uma mulher pode facilmente se estender. Tenho receio do sexo do grande gato de Cheshire, quando percebo a via por onde ele procura penetrar, mas ele acaba conseguindo sem forçar demais e fico espantada e quase orgulhosa ao descobrir que tamanho não constitui um obstáculo. O número também não. Por alguma razão — período de ovulação? blenorragia? — aconteceu de só haver penetração em meu cu, em uma suruba onde havia uma multidão. Vejo-me ao pé de uma escada estreita, na rua Quincampoix, hesitante antes de decidir se ia subir. Claude e eu havíamos conseguido o endereço, quase por acaso. Não conhecíamos ninguém. O apartamento tem teto baixo, extremamente escuro. Escuto os homens perto de mim passando a senha: "Ela quer ser enrabada", ou prevenindo aos que tomam o caminho errado: "Não, ela só dá o rabo." Dessa vez, acabei passando mal. Mas fiquei também com a satisfação pessoal de não ter me sentido impedida de fazer o que queria.

Devaneios

A releitura das páginas precedentes fez ressurgir imagens mais antigas que foram, de fato, criadas por minha imaginação. O fato de tê-las concebido, bem antes de ter minha primeira relação sexual, ainda muito antes de perder minha inocência, constitui si um mistério sedutor. Que retalhos do real — fotografias no Cinémonde, alusões de minha mãe ao sairmos de um café cheio de jovens praguejando e insinuando que a única moça no grupo deve se deitar com todos eles; ou ainda o fato de meu pai voltar tarde para casa, justamente depois de ter ido ao café... — acabei recuperando e ligando entre si, e que tipo de matéria instintiva fui modelando para que as histórias que eu contava a mim mesma enquanto friccionava os lábios da minha vulva tenham prefigurado tão bem minhas aventuras posteriores? Guardo até mesmo a lembrança de um crime: a prisão de uma mulher idosa, obscura (a empregada de uma fazenda, talvez), acusada de ter matado seu amante. Mais do que o assassinato, cujas circunstâncias acabei esquecendo, o que realmente me marcou foi o fato de terem encontrado em sua casa cadernos onde ela registrava lembranças e colava todo tipo de pequenas relíquias, fotografias, cartas, mechas de cabelos, relacionados a seus numerosos amantes. Eu, que gostava dos cadernos de exercícios de férias e de álbuns de figurinhas bem organizados onde colecionava fotografias de Anthony Perkins ou de Brigitte Bardot, fiquei admirada ao constatar que ela pudesse juntar o tesouro daqueles vestígios de homens em alguns blocos de papel. E um recanto secreto de minha libido ficou ainda mais perturbado diante do fato de aquela mulher ser feia, definitivamente solitária, selvagem e desprezada.

São grandes as semelhanças estruturais entre situações vividas e imaginadas, apesar de eu nunca ter procurado reproduzir voluntariamente essas últimas em minha vida, e os detalhes do que vivi tenham alimentado muito pouco minhas fantasias. Apenas devo admitir que as fantasias elaboradas desde a mais remota infância me tornaram aberta para uma grande diversidade de

experiências. Como nunca tive vergonha dessas fantasias, nunca as reprimi, pelo contrário, sempre as renovei e enriqueci, e elas não constituíram uma barreira ao real, mas acabaram abrindo uma espécie de grade através da qual certas circunstâncias da vida que outras pessoas teriam achado extravagantes me pareciam normais.

Meu irmão e eu raramente éramos levados para brincar em jardins, mas, no caminho para a escola, havia um que costumávamos atravessar. Num dos lados havia um muro extenso e, encostados nele, três bonitos abrigos de tijolo e de madeira pintada de verde, cercados de arbustos. Um servia para guardar o material de jardinagem e os outros dois eram banheiros públicos. Por aquele jardim deviam circular alguns grupos de garotos. E a primeira história que acompanhou minha prática de masturbação, retomada periodicamente durante muitos anos, me colocava na situação de ser levada a um daqueles abrigos por um garoto. Eu o imaginava beijandome na boca e bolinando todo o meu corpo no momento em que éramos surpreendidos por seus colegas. Todos passavam a participar. Ficávamos sempre de pé e eu girava em torno de mim mesma espremida no meio do grupo.

Quase todos os domingos durante o inverno, meu pai ou minha mãe nos levava à matinê do cinema do bairro, independente da programação e as pequenas seqüências dos filmes de amor e dos filmes publicitários que eu conseguia compreender impulsionaram minha imaginação. Fantasiava que me permitiam ir sozinha ao cinema. Havia muita gente na fila. De repente, alguém começava a me bolinar por trás e todos os que estavam próximos de mim na fila acabavam fazendo o mesmo, e, ao chegar diante do guichê, a mulher na bilheteria percebia que tinham levantado minha saia e eu conversava com ela, enquanto alguém se esfregava em minha bunda — eu estava sem calcinha. A coisa ia esquentando. Eu atravessava o hall descomposta com a blusa tinha criado para mim mesma uma imagem de mulher adulta que me dotava de belos seios, imagem à qual ainda recorro em minhas fantasias, mesmo sabendo que meus seios têm um tamanho médio).

Às vezes, o gerente do cinema, plácido, mas autoritário, pedia que esperássemos chegar na sala de projeção para levar garoto numa mesma

poltrona. Ele era uma espécie de líder do grupo, um pouco taciturno, que finalmente, tendo me excitado ao máximo, se separava brutalmente de mim para beijar outra menina e me abandonar aos caprichos dos homens de seu grupo com quem eu me deitava no carpete entre as fileiras de poltronas.

Desenvolvimento: senhores respeitáveis podiam deixar seus lugares ao lado de suas mulheres desconfiadas para atravessar no escuro a sala e vir se deitar sobre mim. Acontecia de eu fazer com que a luz da sala fosse acesa durante estas trepadas; ou, ainda, eu ia ao toalete de onde se formava um ir e vir com a sala. Acredito que, de tempos em tempos, chamava a polícia.

Variante: o gerente do cinema me fazia ir à sua sala, depois mandava que o grupo de garotos subisse... Outra versão: eu seguia até um terreno baldio com o grupo que tinha me bolinado na fila do cinema. Ali, atrás de uma cerca, deixavam-me completamente nua e se esfregavam em mim. O grupo era denso e formava um círculo em volta, como se fosse uma segunda cerca que me protegia do olhar dos passantes.

Um a um, os garotos se separavam do grupo e vinham até mim.

Numa outra cena, encontrava-me em uma boate, mergulhada no fundo de uma banquetta com um homem de cada lado. Enquanto eu beijava avidamente um deles, o outro me acariciava. Depois eu fazia meia-volta para beijar o outro, mas o primeiro não deixava ou acabava dando lugar a um outro, e assim sucessivamente, eu virava sem parar de um lado para o outro. Não tenho certeza se na época em que comecei a fazer essas fabulações já havia tido algum caso ou até mesmo beijado a boca de um único rapaz. Comecei tarde.

Quando voltávamos do colégio, no quarto que dividia com meu irmão, encontrava-me regularmente com um grupo de rapazes, mas para brigar com eles. Nessa idade, as meninas têm os corpos mais desenvolvidos que os meninos, eu era bem forte e quase sempre acabava levando vantagem sobre eles.

Já que estou relembrando construções imaginárias de minha infância e adolescência, devo ressaltar principalmente a distância que existe entre elas e meu comportamento, sobretudo na puberdade. Ao começar a ler um

romance de Hemingway (O sol também se levanta, talvez), fiquei tão perturbada com a descrição de uma das personagens femininas, pelo fato de ela ter muitos amantes, que interrompi a leitura. Nunca mais a retomei.

Uma conversa com minha mãe provocou outro pequeno trauma. Não sei mais como começamos o assunto, eu apenas a vejo arrumando a mesa na cozinha e me confiando ter tido, em sua vida, sete amantes. "Sete", disse me olhando, "não é tanto assim", mas havia em seus olhos uma timidez interrogativa.

Demonstrei minha contrariedade. Era a primeira vez que escutava de alguém a afirmação de que uma mulher podia ter muitos homens. Ela acabou se desculpando. Muito tempo depois, quando voltei a pensar naquele raro momento de franqueza, arrependi-me de minha atitude. Sete. O que representava isso quando comparado a uma conta que nunca fechava? Quando fiquei mais consciente de como eram os atos sexuais, naturalmente os incorporei a meus devaneios, mas sem que a consumação do coito excluísse a possibilidade de passar de um parceiro para outro. Sob este ponto de vista, um dos relatos mais completos era o seguinte: acompanho um homem gordo e vulgar, provavelmente um tio, a um almoço de negócios na sala reservada de um restaurante.

Vinte ou trinta homens estão à mesa e minha primeira intervenção consiste em, escondida sob a toalha, fazer uma volta completa embaixo da mesa para, sucessivamente, abrir todas as braguihas e chupá-los um a um.

Imagino os rostos acima de mim, flacidamente descompostos, enquanto um de cada vez se ausenta brevemente da conversa. Em seguida, subo na mesa, onde eles se divertem enfiando em mim diversas coisas, como charutos e salsichões, alguém vem comer uma salsicha entre minhas coxas. A medida que o almoço se desenrola, vou sendo meticulosamente fodida, levada por uns até o sofá, outros me fodendo por trás em pé, eu curvada sobre a mesa, enquanto a conversa prossegue ao redor. De passagem, maitre e garçons também se aproveitam. No fim, se um orgasmo prematuro não tiver interrompido minha masturbação, os rapazes da cozinha se juntam a nós.

É uma situação recorrente eu me encontrar no meio de um grupo de homens que se ocupam de outras atividades que só interrompem para se juntar a mim com um certo ar de negligência. Uma pequena variação pode fazer do tio um padrasto e o grupo de homens de negócios pode tornar-se um grupo de jogadores de baralho ou de futebol que vêm, um de cada vez, me foder sobre um sofá enquanto os outros continuam a partida (ou se masturbam diante de uma tela de televisão).

Durante toda minha vida fui retomando, modificando detalhes, desenvolvendo com o método de um compositor de fugas sempre os mesmos relatos, que são versões mais ou menos longínquas dos que narro hoje.

Fiz alusão a flashes cinematográficos que influenciaram certas fantasias.

Não vi A Colecionadora de Eric Rohmer na ocasião de seu lançamento, mas apenas um trecho num programa de televisão. Numa casa de férias, um homem penetra num quarto e passa, indiferente, ao lado de um casal que está fazendo amor na cama; ele troca apenas um olhar com a jovem mulher. De repetição em repetição, minha transposição deu nisto: um entregador penetra na minha casa, estranhamente, sem que eu lhe tenha aberto a porta, e me surpreende no quarto (cuja luz filtrada é a mesma do filme) assistindo a um vídeo pornográfico. Sem uma palavra, ele vem se deitar sobre mim, é logo substituído por um segundo entregador, que é seguido por um terceiro, que também age de maneira muito natural. A história, às vezes, tem uma outra seqüência: um amigo vem me buscar e estou atrasada. Continuo trepando em pé, com a saia levantada nas costas, tomando cuidado para não desfazer minha maquiagem ou amassar minha roupa. Acontece que o amigo dá-se ao trabalho de bater à porta e vou abri-la, rebolando com o pau de um dos entregadores enfiado em minha boceta por trás. O amigo, excitado, começa a abrir a braguilha. Etc.

As fantasias sexuais são muito pessoais para que possam verdadeiramente ser compartilhadas. No entanto, eu tinha uma capacidade de imaginação desenvolvida e tinha uma fonte onde beber quando, logo depois, me aconteceu de conviver com os que gostam de falar. De acordo com minha

experiência, a maioria dos homens se contenta com algumas expressões e frases: você é uma "chupadorazinha-chefe", uma comedora de colhões", antes de ser promovida a "puta que não teria medo de ser fodida deste jeito durante toda a noite", e é raro ser "fodida até o final" e "arrebetada com força", sem que a investida tenha sido anunciada em voz alta. Você o encoraja, confessando não passar de um "reservatório de porra", e como lhe assegurem que você será bem "cravada", ou "enchida", ou "fodida", você mesma pede para ser trespassada por esta "pica grossa", este "pau de ferro" que lhe faz tão bem, até que você acabe por "mamar o leite", "engolir o creme". Mas estas são apenas acentuações, relances entrecortados pelo rosário de interjeições, gemidos e todas as inflexões usuais do grito. Porque, paradoxalmente, os homens esperam menos respostas e mais carícias. Os termos chulos são sempre mais estereotipados e talvez guardem seu poder de pertencer precisamente ao mais imutável dos patrimônios.

Dessa maneira, esses termos nos tornam um pouco mais animais, ao fazer uso justamente daquilo que tem a função de nos diferenciar, ou seja, a palavra, e aceleram o aniquilamento que procuramos nesses instantes.

Outra coisa é construir um verdadeiro relato, a duas vozes e em contraponto à troca corporal, ao longo do ato sexual.

Um homem me fazia ampliar fantasmática e incomensuravelmente a coletividade fornicadora. Ele iniciava o diálogo dizendo que me levava para um quarto de hotel, do qual nem é preciso explicar a categoria. Homens faziam fila da cama ao corredor. "Quanto eles pagam para despejar em minha boceta?" Eu arriscava: "Cinquenta francos?" Retificação docemente soprada em meu ouvido: "É muito caro. Não, eles vão pagar vinte francos para meter na boceta e trinta francos para enrabá-la. Quantos você vai pegar?" Eu, subestimando: "Vinte?" A advertência vem acompanhada de uma estocada seca: "Só isso? — Trinta!" De novo a piroca no fundo de minha vagina: "Você vai dar para cem e não vai se lavar".

"Garotos novos vão esporrar assim que entrarem em minha boceta". "Na sua barriga e nos peitos também, você vai ficar toda melada".

"E homens muito velhos e muito sujos, que não tomam banho há tanto tempo que terão crostas na pele." "É verdade, e quantos você vai pegar para mijar em você?" "Vai haver também quem cague em mim?" "Vai, e você vai lamber o cu deles logo depois." "Mas, antes eu vou recusar? Vou me debater?" "Sim, vão enchê-la de tapas." "Isto me dá nojo, mas vou limpar as pregas do cu deles com minha língua". "Vamos chegar à noite e você vai ficar até o meio-dia do dia seguinte." "Vou ficar cansada." "Você pode dormir, eles vão continuar te fodendo. No dia seguinte a gente volta e o dono do hotel vai trazer um cachorro e vai ter gente que vai pagar para te ver fodida por um cachorro." "Vou ter de chupá-lo?" "Você vai ver ele com uma pica muito vermelha, vai subir em cima de você e vai ficar colado como se você fosse uma cadela." Outras vezes, a coisa se passava num barracão de obras com equipes inteiras de operários que não pagavam mais de cinco francos pela entrada. Como já disse, um movimento do corpo respondia às vezes às evocações, mas nada era sistemático: a ação real e a que era fantasiada se desenvolviam paralelamente e só se juntavam esporadicamente. Falávamos bem devagar, com a precisão e a atenção ao detalhe de dois testemunhos escrupulosos ajudando um ao outro a reconstituir um acontecimento do passado. Quando meu parceiro se aproximava do orgasmo, tornava-se menos falante. Ignoro se ele se concentrava sobre uma das imagens de nosso filme imaginário. De minha parte, acontecia de eu conduzir silenciosamente o roteiro para um quadro mais privado. O barracão se tornava um quarto do zelador de um imóvel em reforma. Neste tipo de lugar exíguo, a cama é, muitas vezes, dissimulada por uma cortina, e somente minha barriga e minhas pernas a ultrapassavam. Os operários continuavam a chegar em grupos, me comiam sem me ver e sem que eu os visse, mas sob o controle do zelador que coordenava o cortejo.

Comunidades

Existem duas maneiras de encarar uma multidão: como uma aglomeração na qual os indivíduos se confundem ou como um encadeamento onde, ao contrário, o que os distingue é o que os une, como um aliado que compensa as fraquezas de outro aliado, como um filho que se parece com o pai, mesmo se opondo a ele. Os primeiros homens que conheci fizeram de mim, imediatamente, o emissário de uma rede da qual não é possível conhecer todos os membros, a malha inconsciente de uma família no sentido bíblico.

Já insinuei que com medo das relações sociais, eu tinha feito do ato sexual um refúgio onde submergia de bom grado a fim de me esquivar dos olhares que me constrangiam e das trocas verbais para as quais ainda não estava preparada. Estava também fora de questão que eu tomasse a iniciativa. Nunca fiz jogo de sedução. Em compensação, estava disponível em quaisquer circunstâncias, sem hesitação, sem segundas intenções, em todas as aberturas de meu corpo e em toda a extensão de minha consciência. Se, como demonstra o teorema proustiano, vejo minha personalidade através de uma imagem desenhada pelos outros, este é o traço dominante. "Você nunca dizia não, nunca recusava nada. Não se fazia de difícil." "Você estava longe de ser apagada, mas você também não era extravagante." "Você fazia as coisas naturalmente, nem reticente nem sacana, era apenas, de tempos em tempos, um pouco maso...

"Nas surubas, você era sempre a primeira a dar a partida, sempre na frente..." "Lembro-me que Robert lhe mandava um táxi como se fosse urgente, e você ia." "A gente a via como um fenômeno, e mesmo quando havia muita gente você era a mesma até o fim, inteiramente entregue. Você não fazia o tipo de mulher que quer dar prazer a seu macho, nem a grande putinha." "Você era como um amigo de saia." Há também esta nota escrita

por um amigo em seu diário, que reproduzo ainda lisonjeada: "Catherine, cuja tranquilidade e maleabilidade são dignas dos maiores elogios.

O primeiro homem que conheci foi aquele que me fez conhecer o segundo.

Claude era amigo de um casal uma dúzia de anos mais velho do que nós. Ele não era muito grande, mas tinha a musculatura de um atleta.

Ela tinha um rosto magnífico, com cabelos louros e curtos, e o caráter rígido com o qual as mulheres inteligentes às vezes modulam sua liberdade sexual. É possível que Claude tenha tido relações com ela antes de apresentá-lo a mim, quer dizer, antes de ter me induzido a trepar com ele. Fazíamos uma espécie de troca dissociada que perdurou mesmo quando Claude e eu alugamos um apartamento vizinho ao deles. Eu ia encontrá-lo na casa deles, enquanto ela encontrava Claude em nossa casa. A separação tinha a função de um controle remoto: não era o mesmo filme que se passava de um lado e de outro. Por uma única vez, esta disjunção não foi respeitada. Passávamos férias em uma casa que eles tinham na Bretanha. Naquela tarde uma luz doce e fria clareava a sala até o lugar onde ele descansava num sofá. Eu estava sentada no chão, ela entrava e saía da sala, Claude estava ausente.

Ele, com um olhar fraco, pouco vigoroso e quase submisso que alguns homens têm mesmo quando exprimem um comando imperioso, atraiu-me e beijou-me segurando meu queixo, depois fez minha cabeça deslizar até o seu sexo. Eu preferia assim. Fazê-lo endurecer enroscada sobre mim mesma era melhor do que em um longo beijo com o corpo esticado. E chupei-o muito bem. Acho que, naquele dia, me dei conta de que era bem-dotada para esta prática. Aplicavame em coordenar bem o movimento da mão com o dos lábios, às pressões de sua mão em minha cabeça eu correspondia acelerando ou diminuindo o ritmo.

Mas é sobretudo dos olhares que guardo a lembrança. Nas vezes em que abandonava o horizonte de seu zíper para inspirar profundamente, entrevia tanto o olhar dela, que tinha a vacuidade doce dos olhares das estátuas, quanto o dele, um pouco perturbado. Hoje, meu sentimento é que devo ter, então, confusamente compreendido que o fato de que as relações com os

amigos pudessem crescer como uma planta trepadeira, expandir-se e enlaçar-se numa total e recíproca liberdade, sendo para isto suficiente se deixar levar por esta seiva, não implicava, no entanto, que eu deveria abrir mão de decidir por mim mesma, resoluta e solitariamente, sobre minha conduta. Amo esta solidão paradoxal.

O mundo da arte é feito de uma multidão de comunidades, de famílias, cujos pontos de ligação eram, na época em que comecei a exercer a profissão de crítica, principalmente os locais de trabalho, galerias, redações de revistas.

Esses pequenos falanstérios eram viveiros naturais de apaixonados ocasionais. Como eu morava em pleno Saint-Germain-des-Prés, que ainda era o bairro onde concentravam-se as galerias de arte moderna, bastava andar alguns metros para ir de uma exposição a um intervalo amoroso. Vejo-me na calçada da rua Bonaparte em companhia de um novo amigo pintor, um rapaz tímido que não ergue a cabeça nem quando abre desmesuradamente seu sorriso ou quando, através dos óculos grossos, pousa seu olhar em mim.

Não lembro como ele me fez compreender que me desejava, certa mente de maneira precavida ("você sabe, gostaria de fazer amor com você"), talvez até sem me tocar. Não devo ter falado grande coisa. Decido levá-lo até o meu quarto. Ele se deixa guiar, sem se dar conta de que também me excita ao lançar sobre mim um olhar ao mesmo tempo submisso e inseguro. Meu prazer se concentra neste momento preciso, quando tomo uma decisão e o outro é quase apanhado de surpresa. Experimento a sensação embriagadora de cumprir um destino de heroína. Mas, para deixá-lo à vontade, nada melhor do que o discurso de uma menina que acaba de se libertar do jugo familiar, afirmando "quero tudo" de maneira um pouco idiota.

Ele continua a me olhar com olhos atentos. Uma pessoa que percorreu comigo o mesmo caminho, hoje, confessa, hoje, que meu quarto, na época, lhe provocava a mesma impressão de um quarto de programa, e que o tecido um pouco gasto que servia de colcha parecia uma lona jogada sobre a cama para pudicamente protegê-lo do que ali ia se passar! Visita em grupo a uma exposição organizada por Germano Celant num museu de Gênes. Claude, Germano e os outros andam na frente, eu vou ficando para trás com William, que participa da exposição. Gestos curtos às escondidas, ele espalma a mão

em minha boceta, eu pego a protuberância que se apresenta através de sua calça, para me assegurar de que está dura, mais como se fosse um objeto inanimado e não um pedaço de matéria viva. Ele tem um sorriso especial, que dá a impressão de já ter a boca tomada por um beijo profundo.

Se diverte ao me ensinar a falar em inglês "cock, pussy". Algum tempo depois, está de passagem por Paris.

Saindo da Rhumene, passa a língua em minha orelha e murmura, escandindo bem as palavras: "i want to make love with you." No canto de uma porta de serviço, atrás de uma agência de correio, na esquina da rua de Rennes com a rua do Four, eu arranho em inglês: "i want your cock in my pussy." Risos e o mesmo trajeto até o apartamento da rua Bonaparte, para onde William, assim como Henri, e muitos outros, seguirão muitas vezes. Lá, trepar pode ser a dois ou a muitos, O pretexto é quase sempre uma moça que um dos rapazes está paquerando, e o problema é convencê-la de que seria ainda mais agradável dividir seu prazer com mais de um. Isso nem sempre dá certo e sou, então, encarregada de criar um clima que inspire mais confiança, na verdade, de agir como uma espécie de consolo. Os rapazes saem discretamente para fumar um cigarro na entrada. Não falo, mas bajulo, beijo docemente; as mulheres se entregam mais facilmente a uma outra mulher. É claro que elas poderiam escapar, mas nunca nenhuma delas o fez, nem mesmo uma de quem Claude acabou se tornando amigo e que, vinte anos mais tarde, lhe revelou que se, naquela noite recusou-se a ceder e começou a soluçar, foi porque era ainda virgem. Henri se lembra de outra moça com quem me tranquei na cozinha, que servia também de toalete, enquanto eu a ajudava a limpar o rosto das lágrimas que borraram seu rímel, ele afirma ter escutado nossos gemidos através das janelas abertas dos banheiros comuns do andar. Ela, sem dúvida, quis sacaneá-los e eu, perversa, acabei tomando seu partido.

Por uma curiosa inversão da sensibilidade, sou relativamente cega às manobras de sedução de um homem — simplesmente porque prefiro não investir muito nisso, e em breve volto a tratar deste assunto —, enquanto que sei muito bem quando agrado a uma mulher sem, no entanto, jamais ter

esperado que alguma delas me provocasse a menor sensação. Claro que não ignoro a aniquiladora suavidade que consiste em roçar em uma pele delicada que cobre uma extensão lisa de todos os corpos de mulher e muito raramente dos corpos de homens! Mas só me prestei a esses apertos e afagos para não fugir das regras do jogo. Além disso, um homem que só me propusesse este gênero de triangulação parecia, a meus olhos, um par de quem eu poderia rapidamente me cansar. No entanto, me divirto contemplando as mulheres.

Poderia facilmente fazer o inventário dos guarda-roupas, adivinhar o conteúdo de seus nécessaires e mesmo descrever as silhuetas daquelas com quem trabalho melhor do que os homens com quem elas compartilham a vida. Na rua, eu as sigo e as observo com mais ternura do que qualquer conquistador; sei associar a dobra particular de uma bunda com o corte da calcinha, um rebolado com a altura dos saltos. Além disso, cultivo uma simpatia comunitária pelas lutadoras, pela vasta confraria das que têm o mesmo nome que eu (que se tornou um dos mais comuns depois da guerra) e pelas batalhadoras da liberação sexual. Como declarou um dia uma delas, aliás, uma autêntica e afetuosa sapatona e amante da suruba sem preconceitos, se ser companheiro era compartilhar as coisas, nós éramos verdadeiras companheiras, pois partilhávamos picas.

Lembro de uma exceção a esta regra, numa suruba meio improvisada em que metade dos participantes trouxe outra metade, neófita. Fiquei um longo tempo deitada sobre um grosso carpete preto no banheiro, sozinha com uma loura, toda arredondada, bochechas, pescoço, colo, bunda... é claro, e até mesmo a batata das pernas.

Eu tinha ficado impressionada com seu nome magnífico, Léone. Léone tinha-se feito de rogada antes de decidir nos acompanhar. Agora, ela estava completamente nua, como um buda dourado em seu templo. Eu estava deitada um pouco abaixo dela, porque ela estava sentada no degrau um pouco mais elevado que contornava a banheira. Não sei por que acabamos nos instalando naquele canto, se o apartamento era grande e confortável. Talvez em razão de sua indecisão e do papel de iniciadora atenciosa que mais uma vez tinha me sentido obrigada a desempenhar? Minha cara inteira chafurdava em sua vulva enorme. Nunca tinha sorvido uma borda tão

intumescida que enchesse de fato toda a boca, como se fosse um grande damasco. Colava-me aos grandes lábios como uma sanguessuga, depois de largar o fruto para estender a língua o mais longe possível a fim de aproveitar totalmente a doçura de sua entrada, perto da qual o sabor da parte de cima do seio ou o arredondado dos ombros não era nada. Ela era do gênero quieta, deixava escapar apenas pequenos gemidos breves, tão doces como o resto de sua pessoa. Como estava empenhada em chupar da melhor maneira possível o pequeno nó de carne saliente, deixava-me levar pela escuta do seu êxtase! Enquanto nos vestíamos novamente, alegres e agitados como em um vestiário de clube esportivo, Paul, que dizia as coisas mais francamente que os outros, se dirigiu a ela: "Então? Foi bom, não? Não foi bom ter entrado no jogo?" Ela respondeu, baixando os olhos e destacando a primeira sílaba de cada palavra, que uma pessoa a tinha impressionado. Pensei: "Meu Deus, faça com que tenha sido eu!" Lendo Bataille, fomos sumariamente construindo uma filosofia para uso próprio, mas, rememorando aquela época febril com Henri, acho que ele tem razão ao afirmar que nossa obsessão copuladora e nosso proselitismo estavam mais ligados a um certo ludismo juvenil. Quando a gente trepava a quatro ou cinco numa cama que, naquele minúsculo apartamento, ficava numa alcova, o que realmente reforçava a impressão de que estávamos num esconderijo era que o jantar tinha virado uma brincadeira de médico: os convidados faziam cócegas nas partes íntimas dos outros por baixo da mesa com a ajuda dos pés descalços, ou de um dedo orgulhosamente levantado depois de mergulhado em um certo molho particularmente claro e ligeiramente aromático. Para Henri o jogo era vir acompanhado de uma moça que ele tinha acabado de conhecer meia hora antes visitando uma galeria, como era também uma aventura para nosso pequeno grupo ficar vagando às quatro horas da manhã, à procura da casa de uma amiga de quem estávamos decididos a desarrumar a cama... A cada duas tentativas, o golpe falhava. A moça se deixava esfregar, acabava abrindo o sutiã ou tirando o collant, para terminar a noite sentada em uma cadeira explicando que não podia, que queria apenas observar, que estava bom para ela, que esperaria até terminarmos para que a acompanhássemos até o carro. Tive ocasião de entrever pessoas, homens e mulheres, refugiados numa cadeira incômoda ou com a bunda mal equilibrada na quina de um sofá, com os olhos pregados em membros que se agitavam no ar a apenas alguns centímetros deles, poucos centímetros que faziam com que eles pertencessem a um outro tempo. Como não participavam, não se pode dizer que eles

estivessem fascinados. Eles estavam em um tempo diferenciado — anterior — como espectadores aplicados e pacientes de um documentário edificante.

Nosso proselitismo era, naturalmente, superficial, uma vez que os desafios eram mais dirigidos a nós mesmos do que àqueles que pretendíamos aliciar.

Henri e eu acabamos no bulevar Beaumarchais, num desses grandes apartamentos burgueses habitados por intelectuais, que conservam um assoalho nu que estala com os passos e a iluminação do teto insuficiente, O amigo que nos recebe tem um sorriso estático e permanente que lhe fende a barba grossa, e é casado com uma mulher moderna. Ela, no entanto, está de mau humor e vai dormir. Brincamos de transgredir e consigo me ver arrepiada e morrendo de rir entre os jatos de urina deles. Mas não, retifica depois Henri, ele tinha sido o único a mijar em mim. Em todo caso, o que é certo é que tivemos pelo menos a precaução de entrar em uma grande banheira de ferro esmaltado.

Depois, fomos os três fazer uma sacanagenzinha na sacada. Uma amiga me hospeda durante alguns meses.

Durmo num pequeno quarto amansardado, sem móveis, algumas vezes com os gatos como companhia. Quando o namorado dela vem vê-la, ela deixa a porta de seu quarto escancarada e eles não reprimem nenhum ruído. Não costumo me intrometer nas coisas dos outros e, encolhida em minha cama estreita, fico pensando em mim como a menina da casa. Mas, com a teimosia típica dos animais e das crianças, acabo dando um jeito para que eles embarquem na minha viagem. Já que, de uma certa maneira, divido a vida com ela, não há razão para que minha anfitriã não desfrute, entre suas belas coxas, das mesmas picas que eu. Em três ou quatro vezes é o que acaba acontecendo. Ela resolutamente prega os quadris na cama, e ergue as pernas como asas abertas de borboletas. Gosto quando, com um olhar certo e a voz decidida, ela diz a Jacques, no momento em que sua vara vibra como um arco ao saltar bruscamente da cueca, que ele tem "uma jeba de cavalo". Jacques, com quem naquela época começava a organizar minha vida, agora

se lembra que uma vez acabei tendo uma crise de nervos e o cobri de pontapés enquanto ele fodia com ela. Tinha esquecido disso também. Mas, naturalmente, me lembro da maneira como escondia os ciúmes nunca confessados. Tenho a impressão de atuar em um filme que narra a vida livre e ociosa de jovens burgueses quando vou de manhã cedo, depois de passar na padaria, acordar Alexis que mora num belo duplex na rua dos SaintsPères. Gosto de minha própria frescura roçando seu pijama, úmido apenas o necessário. Ele tem o hábito de zombar da minha conduta de galinha e diz que, pelo menos a essa hora, está certo de ser o primeiro a me penetrar no dia. É aí que ele se engana! Passei a noite na casa de outro, trepamos antes de eu sair, um resto de porra ainda permanece no fundo de minha boceta. Disfarço minha satisfação no travesseiro. Não me dou conta de que ele está um pouco desapontado.

Claude tinha-me feito ler História d'O. Eu tinha três motivos para me identificar com a heroína: estava sempre preparada para tudo; apesar de não ter minha boceta bloqueada por um cadeado, também era freqüentemente mais sodomizada do que comida pela frente; e, finalmente, teria adorado levar aquela vida reclusa, numa casa isolada do resto do mundo. Mas, muito pelo contrário, eu já era profissionalmente bastante ativa. Porém a convivência no meio artístico, a facilidade, bem além de minhas expectativas, com a qual eu estabelecia laços que podiam muito naturalmente tomar uma conotação física, me levavam a considerar o espaço onde se exercia minha vida profissional como um mundo fechado, oleoso, impermeável. Já empreguei algumas vezes a palavra "família". Conservei até bem tarde esta tendência que têm os adolescentes de se exercitarem sexualmente no seio de um círculo familiar, quando um rapaz sai com uma moça ou uma moça com um rapaz, para depois deixá-la ou deixá-lo, por uma irmã, um irmão, uma prima, ou primo.

Eu mesma já tive um caso com dois irmãos e o tio deles. Era namorada do tio, que sempre chamava os sobrinhos, um pouco mais jovens que eu. Diferentemente das vezes em que o mesmo homem me levava para encontros com outros amigos dele, não havia preâmbulo nem encenação. O tio me deixava preparada e os dois irmãos me fodiam bastante. Eu descansava

escutando aquelas conversas de homem sobre bricolage¹ ou uma novidade da informática.

Continuo a manter relações amigáveis com muitos homens que costumava encontrar para fazer sexo de maneira regular. Outros, simplesmente perdi de vista. Lembro-me da maioria desses encontros com um prazer sincero. Mais tarde, ao trabalhar com alguns deles, achei que a intimidade e a ternura que subsistem acabaram facilitando a colaboração (uma única vez me aborreci por motivos profissionais graves). Ademais, não costumo separar ninguém de sua rede de relações, de suas amizades, do seu campo de atividade profissional. Tinha conhecido Alexis em meio a uma constelação de jovens críticos e jornalistas de várias publicações artísticas.

Costumava trepar com outros dois jovens que também freqüentavam aquele círculo, e Alexis chegou uma vez a me perguntar; irritado, se eu tinha estabelecido como meta "me rechear com toda a jovem crítica francesa".

Éramos recém-formados e meus dois outros amantes já eram casados. Eu tinha dado para um deles porque, atraída à sua casa a pretexto de rever uma tradução (invariavelmente um desses apartamentos confinados de Saint-Germain-des-Prés), ele tinha se queixado de que, já que eu deitava com todo mundo, seria verdadeiramente antipático de minha parte não deitar também com ele. O outro tinha arriscado sua sorte de maneira mais confiante. Marcou um encontro na editora que publicava seus livros, e ao avisar de minha chegada, a recepcionista deu a entender, com a maneira sempre atenciosa das mulheres dessa profissão, que a jovem que o esperava na recepção não usava nada sob a blusa. O relacionamento sexual com o primeiro acabou muito rapidamente, e com o segundo prosseguiu durante anos. Mais tarde, ambos foram colaboradores da Art Press por muito tempo.

Já contei que fui levada a conhecer Éric através de amigos dele, entre eles Robert, e também por conta dos comentários que faziam a seu respeito. Conheci Robert por ocasião de uma reportagem sobre fundições de arte, quando me levou ao Creusot, onde ele estava fundindo uma escultura monumental. Na volta, à noite, estávamos no banco de trás do carro e ele deitou-se sobre mim. Eu não me mexia. O carro era estreito, eu estava sentada de lado, com sua cabeça sobre minha barriga, minha bacia em falso

em relação ao banco para melhor me entregar à sua bolinagem. De tempos em tempos, eu abaixava a cabeça para beijá-lo e ele me beijava. Depois de uma olhada no retrovisor, o motorista acabou contribuindo para que eu ficasse ainda mais desconfortável. De fato, a situação me deixou tão atordoada quanto a visita às fundições e aos fornos gigantescos. Durante um longo tempo, vi Robert quase que cotidianamente e através dele conheci muita gente. Um instinto me fazia distinguir as pessoas com quem a relação podia tomar alguma conotação sexual daquelas com quem não poderia.

Instinto compartilhado com Robert; para desencorajar alguns, ele costumava dizer às pessoas que eu era uma crítica de arte que dis punha de um certo poder. Foi Robert quem me explicou quem era Madame Claude, este mito da vida parisiense. Fantasiei muito sobre a prostituição de luxo, mesmo sabendo que não era alta e bonita, nem suficientemente distinta para me entregar à prática. Robert zombava de meu apetite sexual combinado com minha curiosidade profissional; ele me achava capaz de escrever sobre hidráulica se tivesse uma aventura com um bombeiro. Sempre segundo ele, considerando meu temperamento, Éric era a pessoa que eu deveria conhecer. Mas, finalmente, acabei conhecendo Éric através de um amigo comum, um rapaz muito nervoso, um desses que fodem com intensidade e regularidade mecânicas e com quem passei noites extenuantes.

De manhã, como se a noite já não tivesse sido suficiente, ele costumava me levar ao ateliê que dividia com um amigo, onde, tomada por uma fadiga mole, deixava que o sócio viesse me foder, desta vez grave e silenciosamente. Uma noite convidou-me para jantar com Éric. Como já se sabe, Éric foi a pessoa através da qual conheci o maior número de homens, relações de amizade e profissionais, além de desconhecidos. Para ser mais precisa, devo acrescentar que foi ele quem, simultaneamente, ensinou-me um método de trabalho rigoroso que continuo a seguir até hoje.

Por razões óbvias, as lembranças dessas ligações se encadeiam segundo um quadro cujos próprios detalhes dos atos se recortam, se superpõem a famílias estéticas. Um amigo pintor, Gilbert, que acompanhou de perto minha iniciação, lembra que eu me limitava a felações bastante pudicas quando, durante as tardes, vinha encontrá-lo na casa de seus pais.

Penetrações eram reservadas para suas visitas a minha casa. Aliás, na primeira visita ele acabou brochando porque, na última hora, eu quis ser enrabada. Era esse meu primitivo método anticoncepcional, baseado em uma visão do meu corpo como um todo que não conhecia hierarquia, nem na ordem moral e nem na do prazer, e assim, à medida do possível, cada parte podia ir substituindo a outra. E foi exatamente outro pintor do mesmo grupo que procurou me ensinar a melhor me servir de minha boceta. Numa manhã bem cedo, eu tinha chegado a seu ateliê para uma entrevista, sem saber que ia encontrar um homem bonito e atencioso. Acho que acabei indo embora apenas no dia seguinte. Como quase sempre acontece nos ateliês de artistas, a cama ou o sofá ficava sob uma grande janela envidraçada, como se fosse necessário enquadrar na luz o que lá se passava.

Ainda guardo nas pálpebras a sensação daquela luz inundando minha cabeça inclinada e quase me cegando.

Instintivamente devo ter feito seu pau deslizar em direção ao meu ânus, como se fosse natural. Passado algum tempo ele me disse persuasivamente que um dia eu encontraria um homem que ia saber me comer pela frente, me fazer gozar dessa forma, que seria melhor que a outra. Gilbert sempre cai das nuvens quando revelo que naquela época eu mantinha uma relação com outro de seus amigos pintores (o míope cujo olhar me estimulava) que ele supunha jamais ter traído a mulher. Em compensação, ele me faz lembrar de um terceiro, com quem participei de parties carrées², no pequeno apartamento da rua Bonaparte, que teria lhe contado que os rapazes também mantinham relações entre eles. Tenho certeza de que isso é apenas uma fantasia.

William havia se associado a um grupo de artistas e acabei passando uma noite com John, um dos participantes do grupo. Já tínhamos nos encontrado muitas vezes e até feito algumas conferências juntos. Eu o achava sedutor; ele fazia discursos teóricos que minha parca compreensão do inglês acabava tornando cômicos, enquanto, simultaneamente, o movimento de seus lábios fazia ressaltar as maçãs de seu rosto juvenil. Eu tinha ido a Nova York para encontrar Sol Le Witt que tinha acabado de realizar suas obras com papéis

amassados e rasgados. Ao chegar, tinha ligado para William do aeroporto pedindo que ele me hospedasse. Lembro de nós dois aos beijos de pé no loft para onde ele tinha acabado de se mudar, quase nos devorando, e ele encorajando John a também participar.

As paredes eram divisórias com três quartos de altura, dispostas em ângulos retos, formando pequenos cubículos que pareciam distribuídos ao acaso. Quatro ou cinco pessoas andavam de um lado para o outro, cada uma parecendo ocupada com uma tarefa específica. William me levantou no colo e me levou até um colchão atrás de uma das paredes. John tinha gestos muito ternos que contrastavam com a agitação de William. Ele nos deixou sozinhos e John acabou dormindo. Estávamos enroscados um no outro, a mão dele espalmada sobre meu púbis. Na manhã seguinte tive alguma dificuldade para me desvencilhar de seu braço com movimentos lentos e forçados de contorcionista e me arrastar do lençol até o chão, porque, apesar da claridade do dia que entrava por todas as vidraças, ele dormia.

Corri pela rua para tomar um táxi para o aeroporto e embarcar quase em cima da hora. Embora tenha acompanhado o trabalho do grupo, durante muitos anos fiquei sem me encontrar com John.

Quando isto voltou a acontecer, em uma retrospectiva, conseguimos apenas trocar algumas palavras, em razão de minha dificuldade de entender o que ele falava.

Com o tempo, a timidez que eu experimentava quando estava em grupo foi substituída pelo tédio. Mesmo quando me encontro com amigos cuja companhia acho agradável, mesmo quando, a princípio, acompanho com atenção a conversa e não sinto mais nenhum receio de participar dela, chega sempre o momento em que, bruscamente, acabo me desinteressando. É uma questão de tempo; de repente tudo é excessivo, quaisquer que sejam os assuntos, e acabo ficando com a impressão de não conseguir acompanhar os movimentos, como se estivesse diante dessas novelas de televisão cujo peso e monotonia são muito próximos da vida doméstica. É irreversível. Nesses casos, gestos mudos e, às vezes, cegos são uma escapatória.

Embora não seja muito audaciosa, uma pressão com as coxas ou um toque nos calcanhares de meu vizinho de mesa, ou de preferência de uma vizinha (acarreta sempre menos conseqüências) acaba fazendo com que eu me sinta uma espectadora longínqua do grupo, ocupada em fazer qualquer outra coisa em um outro lugar. Nesses ambientes de vida comunitária, nas férias, por exemplo, quando se faz em grupo as mais variadas coisas, sempre senti a necessidade de me ver livre dessas saídas e jantares, se necessário agindo por conta própria, muitas vezes às cegas. Havia verões particularmente agitados, marcados pela circulação incessante de parceiros sexuais, esporadicamente reunidos em pequenas surubas à luz do sol, atrás de um pequeno muro de um jardim acima do mar, ou à noite em idas e vindas entre os numerosos quartos de uma grande casa de veraneio. Uma noite, desisto de acompanhar o grupo. Paul, que me conhece bem e gosta de zombar de maneira gentil de meu comportamento, que algumas vezes também se diverte mantendo-me prisioneira dentro de banheiros apenas para excitar a extremos minha impaciência de me juntar aos outros, promete enviar um amigo que eu não conhecia, um mecânico, que não tinha nada a ver com artes plásticas. Ele sabe que eu ia preferir conhecê-lo a ir a um restaurante com os outros, e, tomada pela lassidão, esperar numa varanda ou num canto de boate que a mesma lassidão acabe tomando conta dos outros. Não levo muito a sério a proposta e me preparo para passar uma noite solitária. Há suavidade nesses momentos em que o vazio à nossa volta libera não apenas o espaço mas também, quem sabe, a imensidão do tempo futuro. Numa espécie de economia inconsciente, aproveito a chance oferecida ocupando preguiçosamente apenas um pedaço da poltrona como para, precisamente, dar todo lugar ao tempo. Vou à cozinha, que fica no fundo da casa, para preparar um sanduíche. Tenho a boca cheia quando o amigo de Paul aparece na moldura de uma porta que dá para o jardim. Ele é grande, moreno de olhos claros, vagamente impressionante na obscuridade. Ele se desculpa amavelmente, vê que estou comendo, diz que não me incomode... Fico com vergonha das migalhas no canto de meus lábios. Digo que não, não, não estou realmente com fome, jogo, furtivamente, o sanduíche fora. Ele dirige um carro sem capota na grande *corniche*³ acima de Nice. Tira uma mão do volante para ir ao encontro da minha, que alisa a protuberância rugosa que se forma em seu jeans. O volume contido pela rigidez do tecido grosso e justo é para mim um estimulante cada vez mais eficaz.

Pergunta se quero ir jantar em algum lugar. Não. Acho que dá mais voltas que o necessário, e faz um desvio para chegar até sua casa. Olha fixamente para a estrada enquanto desabotô seu cinto.

Acompanho o movimento da bacia para frente que alguém dirigindo deve fazer para facilitar a abertura do zíper. Em seguida, a laboriosa liberação de um membro muito volumoso, encontrando de uma só vez a saída do duplo envelope de algodão. É preciso ter uma mão suficientemente abrangente para recolher, num único gesto, todas as partes. Tenho sempre o receio de acabar fazendo alguma coisa mal feita. Ele tem que me ajudar.

Finalmente, posso bater uma punheta com calma. Começo devagar, seguindo toda a extensão, sentindo a elasticidade da fina túnica de carne. Pego-a com a boca, encolhendo meu corpo ao máximo para não incomodá-lo nas mudanças de marcha. Mantenho um ritmo moderado. Tenho consciência do perigo de dirigir nessas condições, e prefiro não desfrutar do gosto de provocá-lo.

Lembro que a relação foi muito agradável. No entanto, não quis passar a noite na casa dele, e ele teve de me levar de volta para casa antes mesmo do retorno do grupo.

Apesar de não costumar me privar de dormir fora, desejava que o momento passado com ele permanecesse como quando no meio de uma conversa o pensamento se perde num devaneio, num reduto pessoal ao qual os outros não têm acesso.

O leitor já deve ter compreendido, de acordo com o que expus anteriormente, que eu assumia o livre-arbítrio deste modo de vida sexual, e se, como acabo de narrar, armava algumas escapulidas, esta diferença, no entanto, só poderia ser medida numa relação inversa à fatalidade dos encontros, ao determinismo da corrente da qual um elo, um homem, me religa a um outro elo, que me reúne a um terceiro, etc. Minha liberdade não era vivida ao acaso das circunstâncias, ela só se exprimia de uma só vez na acepção de um destino ao qual alguém se entrega sem reservas — como uma religiosa ao fazer seus votos! Nunca me aconteceu de estabelecer uma relação com um desconhecido que tivesse me abordado num trem ou

corredor de metrô, apesar de ter muitas vezes escutado a meu respeito histórias eróticas iniciadas em tais lugares, e até mesmo em elevadores ou banheiros de cafés. Sempre fui objetiva e muito direta.

Acho que desencorajo as investidas com humor e gentileza, mas ao mesmo tempo sem dar muita atenção, o que pode ser interpretado como rispidez. Está acima de minhas forças engajar-me nos meandros dos jogos de sedução, manter, mesmo que brevemente, os ritos que geralmente ocupam o intervalo entre o encontro fortuito com uma pessoa e a consumação do ato sexual. Se fosse possível que a massa palpitante de pessoas em um hall de estação ou a horda organizada que usa o metrô aceitassem em seu seio o acesso aos prazeres mais explícitos da mesma forma como aceitam a exposição da mais abjeta miséria, eu seria bem capaz de copular como um animal. Também não pertencço à categoria de mulheres que procuram aventura, só fui paquerada com sucesso em raras ocasiões e jamais por desconhecidos.

Em compensação, aceitei sem pestanejar encontros marcados por vozes que, ao telefone, diziam ter me encontrado em tal e qual noite, sem que eu fosse sequer capaz de lhes atribuir um rosto. Era fácil me encontrar, bastava telefonar para a revista. Foi assim em uma noite na Ópera, durante uma representação de La Bohème...

Como havia chegado atrasada, tive de esperar o fim do primeiro ato antes de ir, no escuro, me sentar ao lado de um semidesconhecido.

Supostamente tínhamos nos encontrado, alguns dias antes, na casa de um amigo comum (quando uma relação tem a possibilidade de voltar a ser um possível tête-à-tête, um homem raramente pronuncia a palavra "suruba"), mas o perfil que conseguia entrever no escuro, a calvície e as bochechas flácidas, não me dizia nada. Inferi que ele devia ter estado presente à festa, mas que não tinha se aproximado de mim. Arriscou passar as mãos em minhas coxas, devorando-me de maneira quase inquieta com os olhos. Nunca abandonou um certo ar de enfado e tinha a mania de massagear a cabeça da mesma maneira que passava suas grandes mãos ossudas em mim, maquinalmente, reclamando de uma terrível dor de cabeça. Eu pensava que ele tinha um parafuso a menos e que inspirava piedade. Saí com ele muitas vezes; ele me

levava a espetáculos e a restaurantes muito caros onde me divertia não tanto por ser eventualmente considerada uma puta, mas por enganar os lanterninhas, os garçons, os burgueses, porque, afinal de contas, era com aquela pequena intelectual que o careca de pele flácida gostava de conversar.

Até hoje, Hortense, a telefonista da Art Press, costuma anunciar algum nome que não me diz nada. "A pessoa insiste, e diz conhecê-la muito bem." Atendo o telefone.

Pelas palavras cautelosas, pronunciadas em um tom cúmplice, compreendo imediatamente que o desconhecido está se dirigindo à imagem de uma garota libidinosa, daquelas de quem se guarda uma ótima lembrança. Igualmente, quando em um vernisage ou em um jantar me apresentam um homem que me olha alguns segundos além do necessário, dizendo "acho que já nos encontramos", acabo pensando que ele, em uma outra vida, teve todo tempo do mundo para observar meu rosto enquanto meu olhar talvez estivesse colado em seus pêlos pubianos. Não tenho mais paciência para alimentar esse tipo de conversa, mas continuo admirando profundamente o tempo suspenso no qual vivem "os que gostam de trepar", por quem continuo sentindo toda simpatia. Mesmo depois de passados dez, vinte anos, ou ainda mais tempo depois de terem gozado em uma mulher, eles continuam a falar sobre isso com ela como se tivesse acontecido ontem. O prazer que sentem é como uma flor sempre viva que não conhece estações. Ela desabrocha numa estufa que isola as contingências exteriores e faz com que eles vejam sempre da mesma maneira o corpo que esteve colado ao deles, esteja ele murcho ou enrijecido num vestido de burel. No entanto, a experiência me ensinou que eles sabem aceitar o princípio da realidade quando ele se impõe. Como não desligo a chamada telefônica, a pergunta vem como um inevitável abre-te-sésamo, que poderá funcionar ou não. "Você está casada?" "Estou." "Ah. Muito bem. Quando voltar a Paris telefone, talvez a gente consiga uma hora para se encontrar". Sei que não terei mais notícias.

Uma palavra sobre as preliminares, que muitas mulheres afirmam ser a fase mais deliciosa de uma ligação, e que sempre me empenhei em abreviar. Acho que só soube aproveitá-las — sem permitir que durassem muito tempo

— em duas circunstâncias precisas: quando o desejo já era o rebento inconsciente de um amor mais profundo, e após um tempo relativamente longo de abstinência, ou seja, em circunstâncias excepcionais.

No último caso, os sinais foram uma inopinada e irritante sessão de fotografias em meu escritório, que não podia dar em nada, uma vez que, evidentemente, a luz jamais era o que deveria ser; um trajeto no elevador tão eloquente quanto um velório; beijos impalpáveis, mordidas escondidas dadas às pressas em meu braço nu quando eu o estendia sobre uma prancheta de desenho. Eu absorvia essas emanções libidinosas como um asmático que tivesse cometido a imprudência de penetrar numa estufa quente. Como tinha consciência de ter, até então, cultivado muito pouco este gênero de sensações, eu acabei as atribuindo a uma espécie de emburguesamento de minha vida erótica.

E outro caso demonstra que uma impressão sexual mais viva pode abrir caminho através de um acesso menos sensível.

Apesar de não ter bom ouvido para a música (vou à Ópera apenas por razões exteriores à arte musical), foi com a voz que Jacques começou a ocupar um lugar em alguma parte do vasto plano de meu desejo. É uma voz que não corresponde, no entanto, ao estereótipo da voz sensual, pois não é aveludada, tampouco rouca.

Alguém a tinha registrado fazendo a leitura de um texto em uma gravação que escutei por telefone. Guardo em mim até hoje a lembrança do eco que se irradia até a ponta mais sensível de meu corpo. Estava entregue a uma voz que dá a impressão de revelar inteiramente o enunciador, em sua claridade, no ritmo tranqüilo de suas inflexões curtas, tão clara e segura como uma mão que se move para dizer "é isto".

Algum tempo depois, escutei-a de novo ao telefone, desta vez diretamente, para me falar de uma correção tipográfica num catálogo no qual Jacques e eu tínhamos trabalhado. Ele se dispôs a vir me ajudar a corrigir os exemplares. Passamos horas nesta tarefa, a apenas alguns centímetros um do outro em um escritório minúsculo, eu bastante aborrecida com o erro que havia cometido, ele tratando apenas de corrigi-lo. Ele era atencioso, mas pouco caloroso.

Depois de uma dessas fastidiosas sessões, ele me propôs acompanhá-lo em um jantar na casa de amigos próximos.

Depois do jantar estávamos todos apertados numa cama que fazia as vezes de sofá, o que nos obrigava a ficar semi-alongados numa posição desconfortável, ele começou a acariciar meu punho com as costas de seu dedo indicador. Este gesto inesperado, inusual e delicioso nunca deixou de me emocionar, mesmo quando destinado a outras peles que não a minha. Fui com Jacques para o apartamento onde ele, então, morava. De manhã ele me perguntou com quem eu dormia. Respondi: "Com muita gente." Ele então disse: "Acho que estou me apaixonando por uma moça que dorme com muita gente." O prazer de relatar Com exceção de meus pais, nunca escondi de ninguém a extensão nem o ecletismo de minha vida sexual. (Quando criança, mesmo quando noite de núpcias" significava apenas uma fórmula vaga, só o fato de pensar que minha mãe pudesse me imaginar vivendo-a era capaz de provocar em mim um verdadeiro tormento.) Progressiva e obscuramente compreendi o que este modo de vida poderia me proporcionar: a ilusão de abrir possibilidades oceanicas. Uma vez que era necessário aceitar múltiplas contingências incontornáveis (um trabalho absorvente e gerador de ansiedade, um destino marcado pela falta de dinheiro e, o mais complicado de tudo, o novelo dos conflitos familiares e relacionais), a segurança de ter relações sexuais em todas as circunstâncias, considerando ser este o desejo de todas as pessoas (em princípio, a ilusão só se sustentava sob a condição de excluir do horizonte as que não o desejassem), era o oxigênio da amplidão com que se farta os pulmões de ar quando se anda até o fim de uma trilha estreita. E como, apesar de tudo, a realidade impunha seus limites a essa liberdade (não podia fazer apenas isto, e mesmo que pudesse, minhas coxas só poderiam abrigar uma ínfima parte da corrente humana), era preciso que a palavra, mesmo que fosse a evocação rápida de episódios de minha vida sexual, desdobrasse a todo instante, e em toda sua amplitude, o panorama das possibilidades. "Estou aqui, com você, mas ao relatar estendo o lençol, abro uma brecha na parede de meu quarto, para que nele adentre o exército imbricado que nos convoca. Geralmente, a partir do terceiro ou quarto encontro, arriscava alguns nomes masculinos relacionando-os a atividades anódinas —que poderiam ser interpretadas de maneira ambígua

— e, se estivesse mais segura, alusões a algumas circunstâncias pitorescas nas quais tive ocasião de fazer amor. Avaliava a reação. Afirmar que não fazia proselitismo, ainda menos provocação, a não ser a que derivasse de uma perversão infantil e que só se destinava a pessoas já identificadas como cúmplices. Eu era de uma sinceridade prudente, seguindo uma dialética de três termos: de certa maneira, protegia-me de uma nova relação só avançando unida à comunidade dos que "gostam de trepar"; por aí eu verificava se o recém-chegado pertencia ou não a ela; finalmente, dependendo de qual tivesse sido sua reação e, sempre me protegendo, eu drenava sua curiosidade.

Como não poderia deixar de ser, aquele amigo que me fazia falar tanto enquanto fornícavamos, exigia também histórias verdadeiras, sob o mesmo pretexto das fantasias. Eu deveria citar nomes, descrever lugares, relatar o número exato de vezes. Se eu negligenciasse algum detalhe ao falar de um novo conhecimento, a pergunta vinha em seguida: "Você dormiu com ele?" O interesse não se restringia exclusivamente ao inventário obsceno: "De que cor era a cabeça do pau dele quando você botou para fora? Marrom? Rosada? Você brincou com o rabo dele? Com o quê? Com a língua? Os dedos? Quantos dedos você enfiou no cu dele?" Ele gostava de se deter também nos elementos banais da situação e do ambiente: "A gente estava visitando um apartamento para alugar na rua Beaubourg, o carpete estava cheio de poeira e ele me comeu a seco, sobre um colchão que havia lá." "Ele é segurança num show de Johnny Halliday; então assisti a todo o espetáculo num canto do palco, era como se os alto-falantes estivessem em meu baixo-ventre. Voltamos de moto; a Harley dele não tem mais selim atrás, o quadro me cortava a boceta; finalmente quando trepamos, eu já estava aberta como uma grapefruit estourada." Um sentimentalismo elementar era sempre bem-vindo: "Ele está apaixonado por você?" "Hum." "Tenho certeza de que ele está apaixonado por você." Na manhã seguinte, eu fingia dormir e o escutava murmurar: "Catherine, eu te amo; Catherine, eu te amo", acompanhando os suspiros com um movimento da barriga, não como se estivesse trepando, mas como um grande gato que estremece durante o sono.

Sentimentalismo no qual se imiscuía uma espécie de ciúme por pessoa interposta: "Ele sabe que você trepa com o grupo todo? Ele tem ciúme, não tem?" O hábito que um outro amigo tinha adotado de me foder me fazendo deitar sobre os desenhos de seu projeto de trabalho, no centro de um ateliê high tech, enquanto exibia seu pau como um monstruoso pistilo saltando da corola de uma calcinha esvoaçante e aberta no meio — toque barroco naquela decoração austera — agradavao particularmente. Tive de fazer este relato dezenas de vezes, sem ser obrigada a criar variantes, mesmo quando eu já não me encontrava com o outro amigo. Se pudesse encontrá-lo tendo me masturbado pouco tempo antes, de manhã ao acordar, no escritório, em tal posição e tendo gozado muitas vezes seguidas, também era bom. Nunca inventei uma aventura que não tivesse acontecido e meus relatórios não traíam a realidade mais que qualquer transposição. Como já assinalei, se a ordem da fantasia e a ordem do vivido apresentam estruturas vizinhas, para mim elas não são menos independentes uma da outra do que a pintura de uma paisagem e o lugar da natureza que ela representa: no quadro existe mais a visão do artista do que a realidade propriamente dita.

Portanto, o fato de olharmos esta realidade através da tela do quadro não impede as árvores de crescerem e as folhas de caírem. Nas surubas é comum que um homem que chega para ocupar uma xoxota já bastante esportada pergunte sobre o efeito produzido por seus predecessores. "Agora há pouco, você gritava. Me conta, ele tem uma pica grossa. não é? Ele devia estar forçando a entrada e você estava adorando. Você se comportava como uma mulher apaixonada. É verdade, eu vi." Devo admitir que, correspondendo à expectativa, acontecia de eu responder honestamente — sim, eu gostei da pica dele — porque, naquele momento, por cansaço de me repetir, não tinha o impulso de corrigir minha natureza escrupulosa.

Mas, na maioria das vezes, as crônicas não eram feitas durante a troca carnal.

Neste caso, as palavras se colocam no espaço entre os interlocutores, castelo de cartas que eles constróem no jogo das perguntas e das respostas, e que eles temem ver se desmoronar, por conta de uma confiança sacana precipitada, uma vontade de saber apressadamente indiscreta. Uma progressão é portanto respeitada.

Conduzindo seu carro pequeno e desconjuntado, um amigo me interroga brevemente: em que idade comecei a fazer surubas? Que gênero de pessoas encontrava nas surubas? Burgueses? Tinha muitas mulheres? Para quantos homens eu dava numa noite? Eu gozava todas as vezes? Minhas respostas eram também factuais. Acontecia de ele parar o carro ao longo da calçada, não para que nos tocássemos, mas apenas para continuar o interrogatório, o rosto calmo, o olhar bem além do limite da rua. Eu transava com muitos ao mesmo tempo, na boceta e na boca? "É um sonho, principalmente quando, além disto, toco punheta com as duas mãos." Este amigo era jornalista, e acabou me entrevistando para uma revista na qual colaborava.

No meu círculo imediato, tratava-se de sustentar verbalmente uma excitação que permitisse aos membros do clube manter encontros clandestinos em qualquer lugar, numa reunião de trabalho ou numa festa, e de suportar a eventual formalidade na inauguração de uma casa, por exemplo, em que os convidados são numerosos. Andam de um lado para o outro num imenso ateliê sem se sentar.

"É com esse cara que você diz gozar tanto? É formidável, ele não é grande coisa, mas isto não quer dizer nada. O que é que ele pode fazer tão bem com você?" Respondo com um movimento de cabeça; é verdade que ele não é grande coisa e, além do mais, não tem nada a ver com o grupo. Costumo freqüentar meios diferentes e gosto de fazer com que pessoas diferentes se encontrem.

Fiz com que ele fosse convidado sem que o conhecessem. Alguém veio me perguntar quem era o tipo que vestia aquela túnica hippie, totalmente cafona. E daí? Quando passo as noites com ele, antes mesmo de ir para sua cama revirada, nos chupamos durante horas. Durante um 69, me excito terrivelmente ao esfregar meu peito em sua barriga, que tem alguns pneus. "É verdade que você tem um fraco pelos barrigudos." "Sonhei que eu encontrava Raymond Barre numa suruba!... Além disso, também não gosto deles muito limpos... Acho que ele nunca escova os dentes." "Você é nojenta. Ele é casado, não é?" "Vi uma fotografia da mulher dele.

Surpreendentemente horrorosa..." Isto também me excita. O tom de minha voz é normal, mas eu me solto, faço afirmações precisas com parcimônia.

Deleito-me com a evocação dessa sujeira, da falta de asseio e desta feiúra contagiosas, ao mesmo tempo que saboreio o asco que provoco em meu interlocutor. "Vocês se chupam. E depois?" "Você não pode imaginar o quanto ele geme... Quando lambo seu cu... Ele fica de quatro, ele tem a bunda muito branca... Ele rebola quando enfio o nariz nela. Depois, sou eu quem fico de quatro... Ele termina, rápido, dando pequenos golpes, como dizer?, muito precisos. Aquele a quem me dirijo é um conhecido garanhão, mas acontece que nunca dormi com ele. Ele também não me atrai particularmente. Aquele de quem falo não é do gênero de me encher de perguntas, mas ele me escuta e, afinal de contas, como todos acabam por conhecer de nome o amigo de um amigo que ele nunca encontrou, passo a considerá-lo como parte do grupo.

Quanto mais sociabilidade fui adquirindo, fui cultivando melhor um pragmatismo inato em matéria de trocas sexuais.

Depois de testar logo nos primeiros encontros, a receptividade do outro aos jogos triangulares, eu ajustava minhas palavras. Com alguns, um fraco halo libidinoso em torno de minha pessoa já era suficiente, enquanto outros, como acabo de lembrar, se dispunham a me acompanhar em pensamento ao menor contato. Junte-se a isto o fato de o discurso da verdade não ser evidentemente absoluto, e estar sempre atrelado à evolução dos sentimentos. Com Jacques, apesar de loquaz no início, acabei tendo que me virar, com sucesso apesar de algum atraso, diante da proibição de aventuras e de relatos de aventuras a partir do momento que nosso relacionamento passou a ser vivido como uma relação de amor, mesmo tendo lido uma ou duas vezes em seus romances a descrição de uma cena erótica que só podia ser o reflexo de um caso contado por mim. Entre todos os homens que convivi durante muito tempo, apenas dois interromperam bruscamente meus relatos panorâmicos. Tenho quase certeza de que o que eles não quiseram ouvir, e, portanto, acabou sendo ocultado, era um elemento constitutivo de nossa cumplicidade.

Os que obedecem a princípios morais são sem dúvida mais bem preparados para enfrentar as manifestações de ciúmes do que aqueles que por conta de uma filosofia libertina acabam ficando desamparados diante das explosões passionais. A maior e mais sincera liberalidade demonstrada e vivida ao compartilhar com outros o prazer que sente com o corpo de alguém que lhe é caro, pode, sem nenhum aviso prévio, ser aniquilada por uma intolerância exatamente proporcional. O ciúme talvez seja uma espécie de fonte que marulha profundamente, suas bolhas abrindo e irrigando, subterrânea e regularmente, o campo libidinoso, até que, de repente, acabam formando um rio e então a consciência inteira, como já foi descrito milhões de vezes, fica totalmente submersa. A observação e também a experiência acabaram me ensinando. Pessoalmente, vivi a confrontação com essas manifestações em tamanho estado de torpor que até mesmo a morte de pessoas próximas, mesmo ocorrida de maneira brutal ou agressiva, não provocou em mim. Foi necessário que eu lesse Victor Hugo, sim, que eu fosse procurar esta figura do Deus-pai, para compreender este torpor como uma espécie de confinamento na própria infância. "Dar-se conta dos fatos não é de maneira nenhuma a infância. [A criança percebe] impressões através do agigantamento do terror mas sem ligá-las em seu espírito e sem concluir", li um dia em O homem que ri, encontrando enfim a explicação para meu embrutecimento.

Mesmo tendo atingido uma idade que não deveria mais permitir certos exageros, garanto que podemos sofrer o que eu definiria como a incompreensão de uma injustiça que não permite nem mesmo o acesso ao sentimento desta injustiça. Ao longo do caminho que vai da rua Las Cases ao bairro da igreja Notre-Dame-des-Champs, fui espancada, pisoteada no meio-fio e, quando conseguia levantar, forçada a andar levando pancadas na nuca e nos ombros, como se fazia antigamente com os miseráveis atirados às masmorras. Era o fim de uma noitada, sem nenhuma conotação de suruba, agitada apenas pela investida de um homem famoso que tinha se aproveitado da passagem por uma sala mal iluminada para me atirar sobre um sofá e inundar minha orelha de saliva. O amigo que me bateu já tinha, no entanto, me acompanhado em festas verdadeiramente dissolutas.

Quando, mais tarde, percorri o caminho ao inverso, na esperança frustrada de encontrar uma jóia que tinha se soltado com os golpes, foi exclusivamente sobre esta perda que meu espírito se concentrou. Outra vez, um dos meus relatos imprudentemente detalhados me valeu uma vingança menos colérica apesar de também violenta: um golpe com um barbeador no ombro direito, enquanto eu dormia de bruços, não antes de a lâmina ter sido cuidadosamente desinfetada na chama do fogão. A cicatriz que guardo, em forma de pequena boca estúpida, é uma boa ilustração para o que senti.

Meu ciúme sempre foi episódico. Se aproveitei meu itinerário sexual para satisfazer uma curiosidade intelectual e profissional, sempre me mantive indiferente em relação à vida sentimental e conjugal dos meus amigos. Além da indiferença, um pouco de desdém. Só tive acessos de ciúmes com homens com quem dividi a vida e, curiosamente, nos dois casos por motivos muito diferentes. Sofria toda vez que Claude estava seduzido por uma mulher que eu achava mais bonita que eu. Não sou feia, desde que meu físico seja apreciado globalmente e não pelo caráter notável de cada um de meus atributos. Tinha raiva de não poder aperfeiçoar minhas performances sexuais, em princípio ilimitadas, por não ter uma aparência irretocável. Eu teria tanto querido que a chupadora muito experiente, a primeira a entrar em todas as surubas, não fosse pequena, com os olhos muito próximos de um nariz muito grande, etc. Poderia descrever com exatidão os traços físicos em que Claude se ligava: o rosto triangular e a cabeleira de uma Isolda secretária, o tronco gracioso que por contraste valorizava os ombros redondos e os seios cônicos; os olhos claros de uma outra morena como eu; as têmporas lisas e as maçãs do rosto de boneca de uma outra. Não é preciso dizer que a força dessa contradição aplicada ao princípio de liberdade sexual tomava a dor inarticulável e que eu, então, protagonizei crises de soluços ainda mais irredutíveis, arcos histéricos dignos dos desenhos de Paul Richer.

Com Jacques, o ciúme tomou a forma de um terrível sentimento de exclusão.

As representações que eu fazia eram a de uma mulher que em minha ausência vinha ocultar com suas ancas a visão do sexo dele, em um universo que nos

era familiar, ou cujo corpo inteiro, maciço, em expansão, habitava os menores detalhes de nosso ambiente — o estribo do carro, o desenho de uma ramagem na almofada de um canapé, o anteparo da pia da cozinha onde se encosta a barriga quando lavamos uma taça — ou mesmo cujos cabelos pregados em meu capacete de moto davam curso a uma dor tão intensa que eu achava necessário encontrar na fantasia a saída mais drástica. Imaginava que, tendo-os surpreendido, saía de casa, pegava o bulevar Diderot até o Sena e me jogava n'água. Ou então que atingia o esgotamento total e era recolhida a um hospital, muda e idiota. Uma outra saída menos patética consistia em me dedicar a uma atividade masturbatória intensa.

Como já revelei um pouco do conteúdo dos relatos que servem de base para esta atividade, seria talvez interessante que eu falasse um pouco sobre as modificações que eles foram sofrendo a partir de um certo momento.

As peripécias nos terrenos baldios e os personagens, tais como entregadores ou aproveitadores fleumáticos, foram substituídos por um registro limitado de cenas onde eu não mais aparecia, nas quais Jacques era a única figura masculina, em companhia de uma ou outra de suas amigas.

Algumas cenas eram imaginárias, outras eram construídas a partir de retalhos colhidos através da violação dos diários ou da correspondência de Jacques, porque ele é muito pouco eloquente em relação ao assunto. No espaço limitado do interior de um Austin parado sob uma ponte ferroviária, ele sustenta a cabeça dela sobre sua barriga, delicadamente, com as duas mãos, como se manipulasse um globo de vidro que cobre um objeto precioso, até perceber o espasmo da deglutição um pouco reticente da porra lançada no fundo da garganta dela. Ou então vejo Jacques metendo com força e estapeando uma enorme bunda branca expandindo-se sobre o sofá da sala como um gigantesco champignon... Outra possibilidade é a mulher com um pé apoiado sobre um tamborete, na posição geralmente adotada para colocar um tampão higiênico, com Jacques agarrado a seus quadris, encurvado sobre as pontas do pé, fodendo por trás. Meu orgasmo se desencadeava sistematicamente no instante em que meu relato autorizava a ejaculação de Jacques, em que meu olhar mental reconhecia a potente contração assimétrica que seu olhar assume nesses momentos.

Este abandono de minhas velhas fantasias acabou por detonar um sentimento de proibição e de impedimento que exigiu muita perseverança, muita força de vontade, para que elas voltassem a conquistar esta zona de minha imaginação tendo a mim mesma como protagonista.

Não posso encenar este capítulo sobre a troca que, como o casulo do bichoda- seda, reveste e forma a relação sexual, sem recordar minha única e frustrada tentativa de prostituição.

Apesar de sempre me entusiasmar quando ouvia falar de Madame Claude, das fantasias de prostituição mundana, ou de invejar a personagem de Catherine Deneuve na Bela da Tarde, teria sido incapaz de entabular a mais simples troca desse tipo. Contava-se que Lydie, a única mulher que conheci que havia tomado iniciativas típicas de homem nas surubas, tinha passado muitos dias num bordel de Palermo a fim de oferecer a um de seus amigos, graças ao dinheiro ganho, uma festa magnífica. Para mim, isto constituía um mito e me deixava atônita. Já fiz muitas alusões a minha timidez, a minha natureza excessivamente reservada, para que se compreenda a razão de minha estupefação e minha dificuldade. Para estabelecer uma relação de ordem venal é preciso passar por uma troca de palavras ou de gestos, no mínimo uma cumplicidade própria a toda conversa ordinária e que, para mim, não teria sido muito diferente das preliminares de sedução que sempre evitei. Tanto em um caso quanto no outro, é preciso, para desempenhar o papel, saber levar em conta a atitude e as respostas de seu parceiro. Ora, no primeiro contato, eu só sabia me concentrar num corpo. Só depois, quando de certa maneira voltava ao controle das minhas referências, que a pinta da pele e a pigmentação particulares já se tinham tornado familiares, ou que eu tinha aprendido a ajustar meu corpo ao corpo do outro, é que minha atenção se voltava para a pessoa, sempre para uma amizade sincera e duradoura. Mas então já havia passado a hora de cobrar.

No entanto, eu precisava de dinheiro. Uma antiga colega de colégio quis me fazer um favor. Ela havia recebido a proposta de se encontrar com uma mulher que gostava de mulheres muito jovens. Ela não tinha coragem de ir, mas pensou que isto podia me interessar. Ela achava que se prostituir com uma mulher "tinha menos importância" do que com um homem. Marquei um

encontro em um café de Montparnasse com um intermediário desconfiado, um homem com mais ou menos trinta e cinco anos que parecia um corretor de imóveis. Um amigo me acompanhava de longe.

Não guardo nenhuma lembrança da conversa, do arranjo combinado; ele tomava muito cuidado ao falar sobre a mulher que deveríamos encontrar, enquanto eu, não conseguindo me imaginar no lugar de prostituta, invertia o papel e imaginava a mulher como uma puta envelhecida, os cabelos descoloridos, uma lingerie que não adere totalmente à pele, deitada sobre uma colcha de pelúcia, silenciosamente autoritária.

Apesar da minha ingenuidade, compreendi rapidamente que jamais veria tal mulher, quando ele me levou para um desses pequenos hotéis da rua Jules-Chaplain que eu já conhecia. Talvez pelo fato de falar tanto dela, eu a tinha imediata e definitivamente abandonado no espaço do imaginário. O quarto era agradavelmente aconchegante, ele acendeu duas lâmpadas da mesa-decabeceira sem se preocupar em apagar a do teto, e imediatamente baixou o zíper de sua calça pedindo-me para chupá-lo, com o mesmo tom daquele que, no metrô, se desculpa ao esbarrar em você com o ar de quem acha que no fundo a culpa é sua. Entreguei-me ao ato, aliviada por não ter que continuar lidando com sua incivilidade. Ele se deitou sobre a colcha acetinada, o pau bem duro, fácil de manipular. Chupava-o metodicamente sem sentir nenhum cansaço, em uma das posições mais confortáveis, apoiada em meus joelhos colocados perpendicularmente à sua bacia. Tinha pressa de acabar logo porque os pensamentos começavam a se agitar de maneira confusa em minha cabeça. Seria necessário perguntar novamente sobre a mulher que deveríamos encontrar? Isto seria idiota. Seria necessário cobrar pela felação? Deveria ter cobrado antes? O que ia contar ao amigo que me esperava? Fiquei surpresa diante da expressão sincera, juvenil, de abandono de seu rosto quando gozou e que contrastava com seu comportamento: foi a única vez na minha vida que vi chegar a seu termo o prazer de um homem que me era antipático. Na saída guardei uma visão nítida do quarto, a colcha impecável, as cadeiras que não tocamos, o vazio sem objeto dos tampo sob o abajur das mesas-decabeceira. Neguei, mas não pude esconder do amigo atento que encontrei num terraço que eu acabava de usar copiosamente minha

boca. Um boquete bem feito acaba machucando o interior dos lábios. Sempre achei melhor dobrar os lábios sobre os dentes para proteger o membro ativado do ir e vir contínuo da boca. "Você está com os lábios inchados", me disse o amigo que estava me tratando como imbecil, O rapaz com ares de corretor de imóveis tinha me seguido e nos insultou afirmando que queríamos aplicar-lhe um golpe. Não entendi muito bem a que tipo de golpe se referia e ele não insistiu.

Fui durante algum tempo objeto de gozação por ter a facilidade de dispor do meu corpo sem saber tirar proveito! Eu convivía com homens relativamente bemsucedidos, mas não tinha disposição para a pequena comédia que teria sido necessário encenar se quisesse obter deles vantagens materiais que, aliás, deviam ser concedidas a outras. Se eu tivesse — a exemplo dos chefes de Estado supostamente obrigados a registrar presentes recebidos de embaixadores e chefes de Estado estrangeiros — de fazer a lista, o espólio seria consternador: um par de meias finas de paetê laranja que nunca usei, três grandes braceletes 1930 de baquelita, um short, sem dúvida um dos primeiros modelos prêt-a-porter lançados no inverno de 1970, em malha bege, com uma túnica combinando, um autêntico vestido de casamento berbere, um relógio comprado numa tabacaria, um broche de geometria barroca típica do começo dos anos oitenta, um colar e um anel Zolotas que infelizmente se descoraram muito rapidamente, um pareô com pérolas nas laterais, um vibrador elétrico de marca japonesa, bem como três pequenas bolas metálicas para serem usadas dentro da vagina e destinadas a provocar excitação ao andar mas que nunca foram eficazes... Devo acrescentar uma participação em meu primeiro vestido comprado na boutique Yves Saint Laurent, uma toalha de banho, também de Saint Laurent, como também um tratamento dentário sofisticado que nunca tive de pagar, um empréstimo de muitos milhares de francos que não tive de reembolsar.

Sempre me ofereceram o táxi, a passagem de avião. "Você tinha o ar perdido", me disse alguém que me conheceu muito jovem, "e era incontrolável a vontade de lhe dar uma nota de cem francos." Devo ter continuado, durante toda a vida, a dar essa impressão aos homens, que não é

a de uma mulher interesseira, longe disto, mas de uma adolescente inapta a ganhar seu próprio dinheiro e que era preciso ajudar com uma mesada.

Excluo desta conta, é claro, todos os presentes oferecidos por Jacques, porque nossa relação é de outra natureza, e coloco à parte as obras que recebi de artistas, já que, como cada vez que meus interesses profissionais se encontraram intrincados com minhas relações sexuais, as obras gratificavam tanto a crítica de arte quanto, quando era o caso, a amante.

Apenas as primeiras vezes

É impossível manter, em todos os momentos da vida, o mesmo regime sexual! As mudanças podem estar relacionadas a circunstâncias amorosas — uma só pessoa é capaz de canalizar todo o seu desejo — mas também a momentos em que a consciência se volta para si mesma, em função de mudanças que interferem em setores que não são necessariamente os da vida sentimental —mudança, doença, novo ambiente profissional ou intelectual —' e acabamos saindo do caminho no qual estávamos engajados. Conheci duas situações que puseram um freio em minha dispersão sexual. Como Jacques e eu nos preparávamos para dividir a mesma casa, ele escreveu dizendo que não devíamos mentir ou esconder nada um do outro. Acontece que eu acabara de estabelecer relações que achava que poderiam desagradá-lo. Passei a evitar uma ou duas delas, a espaçar as noitadas nas surubas e vivia o que eu continuava ainda a fazer com uma culpa que nunca tinha experimentado até então, e que acabou por provocar um efeito inibidor real.

Por outro lado, uma suruba que teve um desenrolar bastante banal acabou significando para mim uma virada. Conhecia o casal que nos recebia e que eu considerava paródias dos personagens de Cidadão Kane, porque ele acabava de assumir a direção de um grande jornal e ela era cantora. Eu já havia trepado, se não com os dois, certamente com ele.

O grupo estava dividido em dois: uma parte no quarto, outra em um sofá curiosamente colocado no meio de uma sala iluminada por um lustre. Gostava bastante do pau do anfitrião, rechonchudo, proporcional ao modelo reduzido de seu corpo desprovido de altura. Começou um movimento em direção ao quarto, onde uma jovem mulher afundada em um edredom, com os membros no ar como um bebê que esperneia em seu cesto, desaparecia sob os movimentos sucessivos de um tronco largo que a cobria, soltando urros que atravessavam o apartamento. Vejo com certa placidez este tipo de extroversão. A admiração que um dos participantes expressou, achando que

"ele estava se entregando", era, para mim, muito idiota. Voltei para descansar um pouco no sofá. Pensei que aquela jovem mulher ocupava um lugar central que até então tinha sido o meu e que eu poderia estar enciumada, apesar de ser um ciúme comedido. Pela primeira vez, fiz uma pausa nessas noitadas em que costumava atuar sem descanso. E passei a aproveitar essa pausa, da mesma forma que nos momentos que me voltava para dentro de mim durante um jantar, uma reunião com amigos. Não deixei de me questionar sobre aquela nova reação. A resposta que consegui encontrar era que, ao conversar sempre abertamente sobre essas práticas com interlocutores que também as praticavam ou não, ao comentá-las e interpretá-las na maioria das vezes utilizando o arsenal de uma psicanálise mais ou menos selvagem — e que tinha sobre mim o efeito de um regimento de cavalaria chegando inesperadamente num acampamento de índios insubmissos —, enfim, tendo eu mesma acabado por tomar três vezes por semana o caminho de um divã onde o caso não era trepar mas falar, eu tinha conquistado, sem perceber, um lugar que não era apenas o de membro ativo, mas também de observadora.

Assim que me afastei do centro da espiral fiz uma descoberta: meu prazer já não era tão intenso quanto no começo, passou a não ter importância onde eu fazia amor com alguém, mas onde nos beijávamos; e, muitas vezes, apenas o primeiro sarro já era suficiente. E claro que havia exceções.

No entanto, na maioria dos casos, mesmo quando a continuação não era desagradável, tinha o gosto de um biscoito que se morde quando não se tem mais a bola de sorvete para derreter na língua, ou a atração do quadro que se admira, mas sobre o qual se entretém o olhar pela décima quinta vez. Quando dependia da surpresa a volúpia era total. São essas ocasiões que me fornecem muitas das lembranças mais nítidas de orgasmos. Posso citar: a travessia, tarde da noite, do imenso hall de um hotel Intercontinental; o assistente elegante e distinto que me acompanha há duas semanas num périplo através do país me pega pelo braço quando acabamos de nos despedir, cola-se em mim e me beija na boca. "Amanhã de manhã, vou ver você em seu quarto." Sinto um espasmo que sobe até o estômago e continuo andando em direção às recepcionistas distantes e acabo torcendo meu

tornozelo. Uma outra vez, mergulho no carpete em direção ao dono da casa, um pouco bêbado, perdido no meio de outros convidados, e que me atrai puxando minha gola, beija-me longamente com um desses beijos de cinema que nos embalam docemente; não se trata de uma noite destinada a se transformar em suruba, a mulher dele conversa no cômodo ao lado, e um de seus amigos, que também está sentado no chão, o rosto inadvertidamente muito perto dos nossos, nos observa, apavorado. Sou tomada pela volúpia. Ainda: a visita ao "Último Picasso" no Centre Georges- Pompidou em companhia de Bruno, com quem as relações são muito eventuais. Quando ele sai do meu campo de visão, no momento em que me aproximo de um quadro, sua presença torna-se mais impositiva e sou apanhada desprevenida por uma descarga de secreção, breve mas muito especial. Continuando a percorrer a exposição, sinto meu collant pegajoso no contato com os lábios de minha vagina e um pouco depois no ponto de encontro entre as coxas, de acordo com a alternância da caminhada. Ora, enquanto durante o primeiro período de minha vida eu era bastante indiferente ao fato de obter ou não essa mesma sensação nas carícias mais diretas, ou durante a penetração, num segundo momento, quando tomei consciência de sua limitação singular, comecei a alimentar esperanças de que esta pressão longínqua numa zona indefinível do baixo-ventre e a conhecida onda que a dissipa pudessem se renovar igualmente na continuidade das relações.

Ao me aproximar da metade de minha vida, encadeei dois relacionamentos, um mais leve, outro carregado de afeto, que se desenrolavam de acordo com um esquema parecido: eu tomava consciência do desejo que experimentava em relação à pessoa e o desejo ficava ainda mais ardente; no auge, havia momentos de copulação apaixonados, mas minha satisfação não era tão plena quanto no contato inicial. Durante muitos anos, mantive fielmente com aquele que me acompanhava na exposição Picasso uma amizade ameaçada por períodos de acesso de desejo mal assumidos, contrariados, agressivos, etc. Foi a minha única experiência caótica.

Eu era recebida diariamente por ele durante algumas semanas, até que, um certo dia, eu tocava a campainha e ninguém abria a porta, que ficava fechada durante muitas semanas, ou até mesmo durante muitos meses. Isto continuava até que minha teimosia incrédula fosse enfim gratificada com uma interjeição

rouca do outro lado da linha que me autorizava a encontrá-lo novamente. Não tenho dúvidas de que em função daquele clima de incerteza, com ele o orgasmo instantâneo quase sempre voltava a acontecer. Falávamos com desenvoltura, trocávamos impressões de leitura, freqüentemente de pé, num ambiente onde poderia ter vivido um quacre. O tempo passava, eu me reaproximava.

"Alguém quer um pequeno carinho?", ele perguntava num tom distraído mas afetuoso, como um adulto a quem uma criança vem incomodar. Então sua mão afastava minha calcinha e dois ou quatro dedos desencadeavam em mim um grito breve e doloroso, porque sentia tanto uma surpresa sufocante quanto prazer. Ele também sentia prazer ao encontrar a passagem já lubrificada. Éramos generosos em carícias e beijos. Ele tinha gestos largos.

Quando eu estava deitada, ele tirava o lençol num movimento que, ao mesmo tempo, percorria meu peito de par a par; eu podia ficar reta e imóvel sobre as costas enquanto a palma de suas mãos me varria inteira de uma só vez, como se eu fosse apenas um esboço.

Quando chegava minha vez de me ocupar dele, eu, ao contrário, o explorava com minúcias, privilegiando as dobras do corpo, a parte de trás das orelhas, virilha e axilas, a risca das nádegas. Ia em busca até mesmo dos sulcos das linhas em suas mãos entreabertas. Durante essas preliminares, eu ficava pensando na delícia que seria dentro em breve, quando ele decidisse me virar para me foder como eu gosto, de quatro, agarrando minha bunda para investir contra ela com movimentos bruscos e sonoros de seu quadril. Sinto um prazer especial quando um pau entra e sai em investidas entrecortadas; uma em cada três ou quatro vezes, a estocada um pouco mais intensa provoca uma surpresa que acaba me arrebatando. No entanto, apenas excepcionalmente experimentava uma volúpia tão intensa se os dedos já tivessem aberto o caminho. Então ficava pensando na próxima vez, instalava-me naquela espera e me dedicava, se necessário, a forçar a resistência da porta fechada ou a reforçar a lição de moral.

Um pouco antes eu havia tido uma ligação com o autor das fotografias que não deram certo feitas no meu escritório. Encontrava-me com ele num hotel do bairro dos Gobelins ou num apartamento vazio que lhe emprestavam, perto da gare de l'Est, entre onze horas e meio-dia, três e meia e quatro e meia da tarde, ou seja, horas impróprias para quem quer que exerça uma atividade profissional, mesmo que não tenha que cumprir horários rígidos. Na véspera, eu já sentia a excitação de meu sexo submetido às trepidações do banco do metrô, enquanto imaginava o que poderia acontecer. A sensação podia ser tão enervante que eu preferia às vezes descer algumas estações antes de meu destino e relaxar caminhando. Aquele homem lambia meu sexo infatigavelmente. Sua língua agia langorosamente, afastava cuidadosamente todas as dobras da vulva, fazendo circunvoluções em volta do clitóris, e, como um cachorrinho, aplicava largas lambidas na abertura. A necessidade de que seu sexo viesse cicatrizar a abertura tornava-se imperativa. Quando ele enfim penetrava, com tanta doçura e com a mesma meticulosidade da língua, meu prazer ainda não estava à altura do que havia sido a ascensão do desejo.

Por obrigarem a deslocamentos em curtos espaços de tempo, nossos encontros às vezes não davam certo. Se eu percebia que ele não ia chegar, ficava estirada na cama, balançando os pés, a vontade dolorosamente encaixada entre as coxas como uma tala que teria me impedido de fechá-las.

Seguia-se uma opressão que me parecia insuperável, que me impediria de cumprir as tarefas do dia, de voltar para o escritório, de telefonar; de tomar decisões sobre coisas importantes ou não. Como poderia, até o próximo encontro, levar uma vida normal, como se nada tivesse acontecido? O desejo escancarado faz de mim uma marionete que se deixa cair, os braços e as pernas abertos, rígidos, incapazes de se moverem por si próprios. Mas, por sorte, esta astenia que sempre me persegue, mais ou menos obsessiva dependendo das circunstâncias, não dura.

A porta do escritório, independente de minha vontade, é sempre uma passagem perfeitamente vedada, e mesmo molhada entre as coxas (ou depois de viver um acontecimento de qualquer natureza) eu tenho a capacidade de mergulhar com a mesma facilidade no trabalho.

Será que eu teria pensado na possibilidade de escrever este livro, que se abre com um capítulo com um título como "o número", se não tivesse a experiência de ser, pelo menos por uma vez, um minúsculo satélite subitamente saído da órbita em que era mantido por uma rede de conexões que não o comanda mais? O afastamento se deu em duas etapas. Em primeiro lugar aconteceu, de uma hora para outra, de eu encontrar a insatisfação mais freqüentemente e de vivê-la de maneira ainda mais obstinada do que a que acabo de descrever. A excitação podia ser intensa. Os sinais que considerava como presságio para o prazer total eram os lábios frios, um arrepio (falarei mais adiante e com mais detalhes sobre essas sensações). Se, como vinha acontecendo com mais freqüência, o processo se encurtava, um inexpugnável obstáculo se colocava diante de mim em vez da vasta saída esperada. Invariavelmente, no instante em que o outro se separava e que eu fechava as pernas, procurava definir o que sentia, com a mesma determinação com que me empenho ao descrever um objeto num artigo, e, no entanto, as palavras me faltavam. Como poderia nomear este sentimento exclusivo? Essa era a pergunta que eu fazia. Tratava-se certamente de uma raiva dirigida àquele que se encontrava ao meu lado, independente dos sentimentos que experimentava também por ele. Uma raiva que, no entanto, preenchia um vazio naquele momento, tão perfeitamente quanto o metal fundido se encaixa em sua forma. Como obstinava-me a descrevê-la, lembrome de tê-la algumas vezes comparado a um gênero de escultura: o dado hermético de Tony Smith.

Felizmente, da mesma maneira que a opressão que tomava conta de mim depois de um encontro frustrado não se prolongava além do trajeto do táxi ou do metrô, a raiva fulminante não sobrevivia ao reflexo que me conduzia ao lavabo. Acredito que assim, ocupada em passar uma esponja em meu sexo, pensei pela primeira vez que era necessário relatar a verdade sobre tudo isso.

Durante um período que estimo ter sido de três anos, talvez quatro, e que corresponde ao que considero uma segunda etapa, as relações sexuais que eu podia ter tornaram-se raras e, quando aconteciam, eram mais ou menos como as que acabo de descrever.

Aconteceu também de eu passar, sozinha em Paris, semanas de verão entrecortadas por longas jornadas de trabalho e noites encurtadas pelo calor e ao mesmo tempo por angústias clássicas. Foi então que tirei debaixo de um monte de lingerie o vibrador que tinham me dado anos antes e que eu nunca tinha usado. Ele tem duas funções que podem ser ativadas em duas velocidades. A extremidade é uma cabeça de boneca com uma estrela na testa, cujos cabelos formam um entalhe que corresponde à borda da cabeça de um pau. Esta cabeça percorre círculos mais ou menos largos, enquanto uma espécie de pequeno javali que se destaca na metade do cilindro vibra uma língua muito comprida destinada a excitar o clitóris. A primeira vez que usei o objeto, gozei instantaneamente, num espasmo muito longo, perfeitamente identificável, mensurável, e sem que tivesse de recorrer a histórias. Eu estava totalmente concentrada na situação. O orgasmo, isto é, o orgasmo de qualidade mais pura, podia então ser desencadeado sem que tivesse sido necessário que eu me remetesse como sempre à fonte de satisfação da "primeira vez e sem mesmo que eu tivesse tido tempo de, usando a imaginação, convocar entregadores e operários de construção. Solucei numerosas vezes após aquelas sessões rápidas.

Misturavam-se a violência dolorosa do prazer e a volúpia da solidão da qual já falei, apenas aumentada, ali, por um toque de amargura. O contraste entre o que correspondia tão bem ao que se chama prazer solitário e meu gosto ordinário pela pluralidade era cômico. Uma vez cheguei a pensar que deveria "relatar a verdade sobre tudo isto", o livro se chamaria A vida sexual de Catherine M. e isto me fez sorrir sozinha.

Apesar de mal dotada pela natureza, hoje usufruo de uma dentição sã, por ter sido tratada por um excelente dentista, que nunca me enviou a nota de seus honorários. A primeira vez que, depois de receber-me como de hábito em seu consultório, ele me fez penetrar numa sala de espera que não era a usual, uma peça maior e arrumada num estilo muito diferente, com um mobiliário clássico e não moderno, experimentei uma impressão de estranheza; poderia se dizer que, passando por uma porta familiar, eu era transportada em um passe de mágica para um cenário de filme ou de sonho. Ele me deixou só. Depois entrou intempestiva-mente, despiu meu peito e meu rabo, me

acariciou, desapareceu. Voltou dez minutos mais tarde em companhia de uma jovem mulher. Trepamos os três. Só mais tarde compreendi que o consultório era duplo, com duas salas de espera dando acesso a duas salas de tratamento contíguas. Julien passava de uma para a outra, tratava de um paciente enquanto o curativo do outro secava. Se fosse eu, ou uma de suas amigas, ou uma e outra ao mesmo tempo, que se encontravam em um dos consultórios, ele podia, com lances de prestidigitador, excitar seu pau na boceta de uma ou outra, prepará-la, desaparecer no outro lado da parede, voltar. Em geral, ele esporrava assim que penetrava na xoxota. Tinha concebido e executado sozinho a decoração de seu consultório duplo até tarde da noite, depois da saída de seu último paciente. No fim de semana ele participava de torneios de tênis de nível bem elevado. Acontecia de marcar encontros comigo à tarde, tendo reservado um quarto num hotel de luxo. Eu fazia o check-in, ele me encontrava por quinze minutos, deixava o dinheiro para o check-out. Tinha simpatia por ele. Ficava tocada pelos motivos misteriosos que o impulsionavam naquela atividade infatigável. E identificavame um pouco com ele, eu que não conseguia parar, e que, quando estava em um lugar, tinha logo vontade de estar em outro, de espiar o outro lado do muro.

Quando volto de um passeio, detesto repetir o mesmo caminho da ida. Estudo minuciosamente os mapas a fim de encontrar uma nova estrada que me levará em direção a uma paisagem, um edifício, um detalhe curioso, que ainda não conheço. Quando fui à Austrália, o lugar mais distante que já fui na terra, dei-me conta de que a percepção que eu tinha daquela distância era equivalente à idéia de não encontrar barreiras sexuais. No curso da mesma reflexão, tinha me perguntado se a alegria de ter filhos pertencia à mesma família de sentimentos. Relaciono a essas lembranças o comportamento de Éric, que sempre se empenhava em renovar o desenrolar das noitadas, como teria feito — para usar suas próprias palavras — um operador de viagens".

Tratava-se, esclarecia ele, de "ampliar o espaço".

2. O ESPAÇO

A razão pela qual eminentes historiadores da arte dedicaram, ao longo de seus trabalhos, cada vez mais atenção à arquitetura (penso em André Chastel e em Giulio Carlo Argan) não poderia ser objeto de um estudo? Como é que suas análises, a princípio centradas nos espaços representados na pintura, foram se deslocando para a ordenação do espaço real? Como crítica de arte, eu talvez estivesse mais inclinada a seguir o exemplo deles, se não tivesse encontrado na arte moderna e contemporânea obras pictóricas das quais se pode dizer que se situam no limiar entre o espaço imaginário e o espaço que habitamos, quer se trate das imensas e peremptórias extensões coloridas de Barnett Newman (Newman que dizia: "Declaro o espaço"), do azul irradiante de Yves Klein, que se apresentava como o "pintor do espaço", ou ainda das superfícies e dos objetos topológicos de Alain Jacquet, que acabam sobre abismos de paradoxos. O que caracteriza essas obras não é apenas o fato de abrirem o espaço; elas não só o abrem mas também o fecham. Newman no fechamento dos zíperes, Klein no esmagamento dos corpos dos Anthropométries, Jacquet na solda de um anel de Moebius.

Se nos deixamos prender por ele, é como se estivéssemos dentro de um incomensurável pulmão.

Portas de Paris

O estacionamento da porta de Saint-Cloud se encontra à margem de um bulevar periférico, do qual está separado por um muro de grades. Eu estava apenas de sapatos, uma vez que, antes de sair do carro, tinha tirado minha capa de chuva, pois o frio me congelava a pele. No início, como já relatei, imprensaram-me num muro perpendicular; Éric disse que me via como se estivesse "presa pelas picas como uma borboleta em um quadro". Dois homens me seguravam por debaixo dos braços e das pernas, enquanto os outros se revezavam em minha bacia.

Naquelas condições de insegurança, e de número, os homens sempre metiam rápida e intensamente.

Eu sentia a aspereza do muro de cantaria penetrar em minhas costas e meus quadris. Apesar de já ser tarde, ainda havia tráfego. O zumbido dos carros, além de criar a impressão de que eles nos roçavam, me instalava no torpor em que costumo afundar durante as esperas nos aeroportos. Com o corpo livre do peso e, ao mesmo tempo, encolhido, dobrava-me dentro de mim mesma.

Intermitentemente, percebia, através dos olhos semifechados, os faróis que vinham varrer meu rosto. Os carregadores afastaram-se da parede e me vi levantada por dois potentes armários. Uma fantasia ativa, que alimentava há muito tempo minhas sessões de masturbação, a saber, eu era levada para um hall de um imóvel obscuro por dois desconhecidos que faziam um sanduíche e me empalavam juntos, um pela boceta, outro pelo rabo —, acabou encontrando consistência — em um ambiente opaco no qual imagens criadas em meu cérebro e a realidade se interpenetravam suavemente.

Tive, se é possível dizer assim, de acordar quando meu corpo voltou ao apoio normal. Alguém jogou um casaco sobre o capô de um carro e me deitou lá. Conheço bem esse tipo de lugar, que não é muito confortável de ficar; eu escorregava, não tinha nada em que me agarrar. Nem sempre me ajustava bem aos cacetes que vinham em busca do canal já bastante viscoso. Eu era o invisível ponto de convergência de um teatro de sombras, salvo quando os faróis jogavam sobre a cena sua luz desbotada. Aí, eu conseguia vislumbrar o grupo surpreendentemente esparso, e constatava que os que já tinham despejado sua cota de porra se desinteressavam da sequência dos acontecimentos. Diante de mim, desenhava-se a silhueta de um carro muito mais alto do que os outros, sem dúvida uma caminhonete, que talvez estivesse sendo usada como um biombo sumário.

A chegada no estádio de Vélizy-Villacoublay constitui uma lembrança realmente engraçada. O caminho tinha sido tão longo, o condutor da trupe tinha se mostrado tão misterioso acerca do destino, que a descoberta do lugar se abrindo como uma vasta clareira no meio do bosque nos fez morrer de rir. A noite era clara. Quando se tem tanto trabalho para chegar a um lugar, é porque se procura um espaço mais protegido, mais apropriado à cumplicidade! Além do mais, todo mundo se deu conta de que íamos fornicar em um lugar povoado pelo espírito dos adolescentes que vinham jogar futebol ali, nas tardes das quartas-feiras.

As perguntas que não acabavam, nosso guia respondia que conhecia bem o lugar, para onde costumava ir constantemente. Ele estava um pouco embaraçado, como se o tivéssemos obrigado a revelar uma velha fantasia. Quem nunca sonhou em poluir com trepadas os lugares mais inocentes que freqüenta? O grupo encontrou refúgio nos degraus da arquibancada, pois é contrário à natureza humana copular diante do horizonte aberto ou de toda perspectiva muito longínqua. Pensando bem, os olhares mais do que os corpos podem constituir uma barreira muito segura. Aqueles que trepam na praia, no verão à luz da lua, imaginam-se em uma intimidade que os abstrai da imensidão em volta. Nosso grupo era muito numeroso e dispersivo para criar por si só essa intimidade. Fui comida de pé, agarrada a algum montante dos degraus, com o vestido apenas arregaçado, temerosa de tirar toda a roupa por causa da frescura da noite, apenas com a bunda para fora. Me sinto bem nesta posição, com o tronco levemente curvado. No perímetro em

torno do meu traseiro estendido, havia uma agitação alegre, enquanto meu olhar, dissociado, se voltava para o gramado vazio.

Parece-me que acabei ficando nua. Houve uma brincadeira envolvendo os vestiários: já que estavam à disposição, tínhamos que aproveitá-los. Ficavam atrás de uma guarita, que devia também funcionar como um bar, pois à sua frente havia um balcão. Estirei-me sobre ele, durante alguns minutos, pelo prazer ambivalente de ser apalpada e revirada como uma mercadoria de primeira. Eu me agitava muito, respirava profundamente o ar úmido. O telhado da guarita era prolongado por um alpendre que cobria o balcão. As paredes eram regulares, limpas, sem nenhum cartazete colado nelas, o conjunto de uma simplicidade minimalista, à moda desses cenários de teatro distantes do realismo, concebidos como desenhos em escala real. Tive direito às últimas carícias e a algumas lambidas na vulva colocada numa altura apropriada. Depois, como decididamente o trajeto era longo, os carros não demoraram a partir.

É claro que muitas dessas aventuras acontecem à noite porque, nesse horário, os lugares públicos — que se oferecem como divertidos teatros para um repertório ao qual não são destinados e onde se pode reunir um grande número de pessoas — são mais acessíveis, eventualmente menos vigiados ou então beneficiados por uma vigilância complacente. Uma amiga de Éric guardava assim a lembrança da sensação glacial mas estimulante que uma fivela de cinto tinha deixado em sua bunda, marca de um pacto que tinha sido feito entre o casal e o grupo de policiais que fazia a ronda no bosque de Boulogne. Há também um consenso de que a obscuridade protege. Mas para certos espíritos como o meu, ela permite também ampliar ao infinito um espaço no qual os olhos não percebem limites. A fileira de árvores a apenas alguns metros deixa de ser obstáculo. Efetivamente, a obscuridade total quase não existe, e as pessoas habitualmente preferem a imprecisão da penumbra. Eu adoraria o negrume total, pelo prazer que encontraria em me deixar submergir em um lençol indiferenciado de carne. Na falta, tiro partido de uma luz brutal, da cegueira que ela provoca e da impossibilidade em que a gente se encontra, então, de situar sua fonte imergente em uma atmosfera algodoada onde as fronteiras do corpo se dissolvem. Em outras palavras,

não temo ser olhada de surpresa, porque meu corpo está misturado à mesma poeira que o ar e todos os outros corpos que se ligam a ele num continuum.

Não posso, portanto, imaginar que existam olhares exteriores.

Durante um passeio após o jantar Bruno e eu acabamos instintivamente conduzidos às vizinhanças do bosque de Vincennes, a um terreno terraplenado, zona indecisa cuja vegetação, interrompida por uma faixa de cimento, é seca e espaçada. Havia ali um banco. Começamos a sarrar sem prestar atenção ao fato de que o lugar era iluminado por um lampadário e que a orla do bosque estava distante.

Parecia uma cena de um filme do pós-guerra, na qual a câmera se afasta e isola os personagens em meio a um halo.

Quando Bruno levantou meu vestido e começou a me alisar energicamente, as árvores estavam fora do campo de visão. Embora não déssemos conta de nossa imprudência, não falávamos, procurando encurtar o espaço fazendo apenas gestos comedidos, ocupando-nos alternadamente um do outro.

Enquanto ele enfiava os dedos bem fundo entre minhas coxas, eu ficava enroscada nele, com as pernas dobradas e fechadas no ponto máximo permitido pela posição de seu braço. Eu não tinha despido a parte de cima do vestido. Quando me debruçava sobre a intumescência em seu jeans, ele se imobilizava, com a cabeça apoiada no encosto do banco e o corpo reto como uma prancha.

Comecei uma conscienciosa chupada, evitando as mudanças de ritmo para não suscitar reações muito enérgicas. De repente, uma segunda luz, potente, dirigida sobre nós, foi ligada ao longe.

Durante um curto instante, ficamos na expectativa, incapazes de identificar a natureza exata do raio nem a distância de sua fonte. Um comportamento muito próprio de Bruno consistia em, no início, se deixar chupar passivamente, como se estivesse contrariado e, às vezes, interromper o movimento, para em seguida suscitar sua retomada sem me prevenir,

pegando ele mesmo seu sexo e o enfiando em minha boca, quase como se ele tivesse preferido entrar nela à força.

Foi o que ele fez desta vez, conduzindo minha cabeça levanta da e pressionando minha nuca. Meus lábios e minha mão retomaram o movimento regular. Nada aconteceu depois da iluminação súbita e brutal de nossas silhuetas unidas. A luz que incidia a meu lado era tão intensa que me ofuscava através das pálpebras fechadas. Conduzi até o final a tranqüila felação, oscilando entre o quase silêncio das respirações e a dança das manchas douradas e negras diante de meus olhos.

Retornamos logo em seguida, compartilhando sem fazer comentários uma perplexidade divertida. Tínhamos entrado no campo de luz dos faróis de um carro? Carro de polícia ou de voyeur? Um projetor defeituoso tinha sido ligado automaticamente? Nunca encontrei explicação para aquela luz tão bem focalizada.

Ar Livre

Se eu escutasse alguém falar a meu respeito "ela trepa como respira", concordaria, de bom grado, que a expressão podia ser tomada ao pé da letra. Minhas primeiras experiências sexuais, e muitas outras que se seguiram, aconteceram em ambientes que levam a pensar que o oxigênio age em mim como um afrodisíaco.

Sinto minha nudez mais completa ao ar livre do que em um lugar fechado.

Quando a temperatura do ambiente é percebida por uma região de pele à qual ele não tem normalmente acesso, por exemplo, a concavidade dos quadris, o corpo pára de lhe criar obstáculos e é atravessado por ele, ficando portanto mais aberto, mais receptivo. Quando a atmosfera que beija o vasto mundo adere, como o fariam mil ventosas, à superfície de minha pele, minha vulva também parece estar sendo aspirada e se dilata deliciosamente. Um mínimo de vento que deslize até sua entrada amplia a sensação: os grandes lábios, roçados por lufadas de ar, me parecem ainda maiores. Mais adiante, e com mais detalhes, tratarei das zonas erógenas. Quero, no entanto, adiantar que a menor carícia capaz de despertar a passagem geralmente desprezada que liga a pequena depressão anal ao triângulo onde se juntam os grandes lábios, esta trilha esquecida entre o buraco do cu e a abertura da boceta, é, seguramente, uma das que mais me enlouquecem e, quando o ar nela penetra, embriago-me mais do que nas grandes altitudes.

Adoro oferecer o afastamento de minhas nádegas e de minhas pernas ao ar circulante.

De maneira geral, deve haver uma ligação intrínseca entre a idéia de se deslocar no espaço, de viajar, e a idéia de trepar senão uma expressão muito

difundida como ir as nuvens não teria sido inventada. Os terraços, as beiras de estrada, as planícies áridas, e todos os espaços concebidos unicamente para serem percorridos, halls ou estacionamento, são lugares (Marc Augé qualifica os últimos como não-lugares) onde para mim é bom estar tão aberta quanto eles.

A primeira vez que despi diante de vários olhos tudo o que tinha sobre o corpo, eu estava no meio de um jardim cercado por uma simples grade. Já contei o episódio. Fiz também alusão àquele outro jardim cuja situação elevada de frente para o mar era particularmente interessante. Ele se estendia diante da casa e, embora estivéssemos no sul da França, tinha pouca sombra. Logo em frente, uma parte do chão feita de pedras planas fazia as vezes de *solarium* onde não parávamos de trepar, mesmo quando havia muito calor. Alguém que tivesse sobrevoado o lugar teria se divertido com a justaposição de espetáculos contrastados. Sempre é curioso observar de avião, as filas intermináveis de carros na periferia de uma cidade de onde estamos saindo e logo em seguida, num mesmo lance de vista, o deserto dos campos. Não é apenas porque a ligação entre as duas imagens, no entroncamento de uma auto-estrada, seja abrupta, é que elas descrevem coisas que se opõem, se ignoram, quase com hostilidade; os carros velozes, imantados, parecem desprezar o veículo isolado que foge em direção ao campo. Acima de Saint-Jean-Cap-Ferrat, poder-se-ia ver um pequeno grupo humano aglutinado afastado de uma grande casa enigmaticamente abandonada, mas muito perto de uma estrada onde cruzavam, de maneira ininterrupta, os carros que iam e vinham do cabo. A muito custo poder-se-ia discernir a fronteira que tornava aquele grupo e os carros tão mutuamente indiferentes. O pequeno muro de pedras cinza onde terminava o jardim era muito baixo, projetava pouca sombra, e teria sido difícil perceber que a estrada se encontrava muitos metros abaixo. Naquele verão eu tinha dois acólitos: minha amiga homossexual e uma dessas moças encontradas por acaso, e que, por serem simpáticas, passavam a integrar o grupo durante as férias. Só íamos em casa para dormir e preparar a comida, e nossa assiduidade ao banho de sol tinha feito daquele pedaço do jardim no terraço o ponto de encontro preferido de todo o pessoal da casa, que não precisa ser forçosamente a sala nem mesmo o canto mais confortável! A cada dia chegavam novos visitantes. Com alguns, é claro que não todos, o banho de

sol e a sesta tinham desdobramentos. Era uma espécie de atividade estival desenvolta, como um passeio de barco. Judith, que apesar de preferir mulheres, acolhia, no entanto, quem quer que fosse, independente do sexo, manifestava seu desejo sempre com mesmo bom humor, vagamente desligada. Era uma moça grande, dessas que achamos belas, porque, como se diz, são bem proporcionadas, como se modeladas por um pantógrafo que teria se limitado a ampliar o modelo de uma moça magra: seus seios não eram pesados e tinham a forma de chapéus chineses, com as auréolas bem centralizadas. A outra moça, ao contrário, tinha os seios caídos, acima de um tronco e de uma bacia tão finos que, em torno deles, duas mãos teriam podido se unir. Deitada de costas, desviando meu rosto do ombro que o cobria, vi seu busto esguio em contraluz sobre o fundo do céu, os seios grandes agitados em um movimento de ressaca. Não entendia como a parte de baixo de seu corpo poderia conter o que entubava ao cavalgar um dos nossos amigos particularmente bem-dotado. Ele também tinha um jeito de anjo, e formávamos um trio sem problemas, de um apetite constante e sem estardalhaço.

Aconteceu que outra amiga, um palmo mais alta que nós, que estava trepando com o corpo todo enroscado, como se quisesse dar mais espaço ao amigo, menor que ela, que metia com muito zelo, acabou arrebatando um colar de pérolas apenas com a pressão de seu pescoço. Nada seria capaz de perturbar a travessia daqueles compactos pedaços de tarde, cujo ritmo era ainda mais arrastado pelo ronco dos motores misturado ao zumbido dos insetos, e, mesmo que o tilintar das pérolas no chão tivesse sido apenas levemente perceptível e que a amiga desfalecida não gemesse mais alto do que estava gemendo uma outra, fiquei surpresa com tamanho arrebatamento.

Comecei a pensar: "Será possível que uma mulher experimente um prazer tão transbordante que seu corpo sofra tal transformação exterior?" Eu tinha tido a oportunidade de observar a careta congelada no rosto de certos homens ou, em outros, a máscara fechada, ausente, no momento em que o corpo atinge a tensão máxima, quando, por exemplo, na posição clássica ele se curva dos quadris até a nuca, descolando-se do corpo da parceira com a mesma elevação robusta que a proa de uma escuna acima do mar. Mas eu observava muito menos as mulheres, e privada de um espelho que elas poderiam ter

me oferecido, não tinha formado, apesar de minhas tendências narcíseas, nenhuma imagem de meu próprio corpo nesses movimentos. Eu sabia ficar na melhor posição e conhecia bem os gestos; além disso, tudo se diluía em sensações que eu não relacionava a manifestações visíveis. Ouso afirmar que essas sensações não chegavam a ganhar corpo, menos ainda na suavidade do ar livre. Nos momentos em que gostava de ficar afastada, acontecia de me separar da grande miríapode que se agitava sobre os colchões de praia, para me estender, tal como estava, sobre o pequeno muro. A luz era muito forte para que eu olhasse diretamente para o céu. Virando a cabeça para um lado, tinha o horizonte à altura dos olhos; do outro lado era obrigada a fechá-los por causa da reverberação da luz sobre as pedras claras no chão.

Curvar os quadris e liberar o acesso à minha entrada da frente para que ela seja bem tamponada por aquele que está posicionado por trás de mim, enquanto se desdobra sob meus olhos um largo panorama, eis uma situação que gosto muitíssimo. Como Jacques tem uma predileção por trepadas repentinas no campo, jamais fico privada disso. Na região onde passamos férias, muitos caminhos levam a becos sem saída nas vinhas.

Chegando a um deles, deserto e situado no alto, vamos nos aproximando com precaução, por causa dos espinheiros e do muro de pedras secas. Como tenho medo de tirar os tênis, estico ao máximo as bordas da calcinha para não sujá-la ao passá-la por eles. Estou com um vestido chemisier que desabotô e que Jacques levanta até as minhas costas. Com os braços estendidos, a calcinha enrolada na mão, tenho um apoio precário sobre as pedras oscilantes. Nessas condições nem sempre há preliminares: Jacques penetra na vulva, que se separa pouco a pouco, enquanto aperta fortemente meu tronco com os punhos.

Com a cabeça pendida, vejo na sombra formada por meu corpo dobrado em dois os seios balançando soltos, as ondulações regulares do estômago e da barriga, e depois, no final da galeria estreita onde a luz reaparece, apenas um pouco da superfície enrugada de seus colhões e, intermitentemente, a base de seu membro.

Observar o curto e muito meticuloso movimento de vaie-vem provoca tanto ou mais aumento em minha excitação do que a ação em si.

Encurvo ainda mais as costas e levanto a cabeça para opor resistência à bacia de Jacques que se choca mais intensamente contra meu rabo. Nessa encosta do montículo sobre o qual nos encontramos, o mato substituiu a vinha. Quando minha boceta vai ficando mais profundamente sensível, sou obrigada a baixar as pálpebras e, através dos cílios, entrevejo à direita o vilarejo de Latour-de-France. Mantenho a faculdade de dizer para mim mesma "Ali está Latour-de-France" e aproveitar ainda mais a situação pitoresca que se desenrola sobre um monte no meio do vale. A paisagem se alarga. Conheço bem o momento de limite de meu prazer (quando "fiquei satisfeita", como se diz, e não importa qual tenha sido a intensidade) e deixo que Jacques goze, dando estocadas mais espaçadas, até as três ou quatro bombadas secas do orgasmo, enquanto meu espírito se entrega a um outro tipo de prazer inebriante: livre, ele circula e se liga ao contorno de cada colina, distinguindo uma das outras, e se entrega à magia da cor das montanhas ao fundo. Gosto tanto desta paisagem que se modifica e que se revela por superfícies caindo pesadamente umas diante das outras, e estou feliz simultaneamente por estar inundada da porra transbordante, que brota de algum lugar do fundo de meu ventre.

Numa região que se manteve selvagem, Céret é uma cidade de aspecto nobre.

Ali é possível jantar em bons restaurantes.

Jacques e eu chegamos num fim de tarde, ainda muito cedo para jantar, decidimos subir até um caminho de areia, com pelo menos quatro ou cinco metros de largura. A subida é doce, o solo nivelado, tanto que não tenho de tirar os escarpins altos de verniz preto que estou usando. No quase crepúsculo, acentua-se o contraste entre a brancura do caminho e a vegetação alta e sombria que o margeia. Do outro lado, os vazios de vegetação nos permitem divisar a imbricação de planos de telhados rústicos, diferente da percepção que temos da cidade quando caminhamos nas avenidas

sombreadas por plátanos de trinta metros, entre dignas fachadas no estilo do século XVIII. É possível acreditar que a planície, empurrada pelo mar como uma imensa embarcação, obrigou a cidade a se encolher contra a montanha. Paramos um de frente para o outro para brincar de localizar, como sobre um mapa, outras pequenas cidades. Os homens atenciosos geralmente nos tocam primeiro nos ombros e no peito, afagam os lábios e a base do pescoço. Jacques começa por agarrar a bunda. Compreende imediatamente que não há nada sob o vestido tomara-que-caia de pied-depoule, muito na moda, do qual me desfaço num só gesto como uma muda de pele. Escorregando por trás, ele apalpa docemente a xoxota com sua pequena cabeça investigadora, sem tentar penetrar. Aperto minhas costas contra ele. A temperatura do ar é perfeita. Estabelece-se uma espécie de correspondência entre a extensão em volta de nós e o deslocamento de suas mãos num amplo passeio sobre o meu busto e minha barriga. Escapo um instante dessas carícias porque, mesmo quando o pau já está bem duro, não o deixo entrar na boceta sem antes chupá-lo, ainda que brevemente.

Enfim, ofereço meu rabo. Equilibrando-me sobre os calcanhares, as pernas ligeiramente dobradas para ficar na altura do belo cacete já lubrificado, apoio minhas mãos, com os dedos bem separados, sobre minhas coxas contraídas. Manter a posição sem outro apoio é muito cansativo. Apesar disso fui muito bem comida aquela noite, o traseiro bem encaixado, bem penetrado, bem alisado, com a parte de cima do corpo bem projetada para a frente, acima da planície de Roussillon que se dissolvia lentamente! Lembro claramente de ter prometido a mim mesma, durante aqueles minutos, no acesso de consciência que cristaliza o prazer, que um dia seria necessário encontrar um meio de registrar por escrito aquela alegria extrema, experimentada quando os corpos, ligados um ao outro, têm a sensação de se expandirem. Para compreender melhor, basta comparar com o que se vê, nos filmes consagrados às maravilhas da natureza, quando, graças a um processo de aceleração do movimento, as pétalas de rosas inalam o oxigênio, se abrem e desabrocham com método.

Estamos submetidos a leis sociais, obrigados a seguir ritos familiares: conformamo-nos ao que se chama hoje em dia "cultura de empresa", e até mesmo na intimidade da vida sexual desenvolvemos hábitos, estabelecemos

códigos de uso exclusivo de duas pessoas, ou seja, de certa maneira criamos uma cultura de casal". A copulação ao ar livre fez parte de nossa "cultura de casal". Da mesma maneira que me aconteceu de marcar em um planisfério, com alfinetes de cabeça colorida, as cidades do globo onde já fui, poderia marcar nos mapas da França as ruínas, os rochedos, as curvas dos caminhos, os conjuntos de árvores, onde um observador usando apenas seu binóculo teria podido surpreender os estremecimentos de uma minúscula silhueta bicéfala. De manhã cedo, sobre o fundo dos rochedos de uma montanha escarpada, com o corpo em forma como de costume, o short levantado, ao segurar o tronco estreito de uma árvore nova de folhagem magra, somos surpreendidos por um homem: estamos de férias na região? Estamos perdidos? Quando ele se afasta, supomos que ele é o vigia encarregado de evitar roubos eventuais no eremitério que era, com efeito, o objetivo de nossa escalada. Outra capela, esta em ruínas, mas ainda com as paredes elevadas no meio do planalto, um reticulado de pequenos muros em volta, uma sacristia desmoronada onde se tem vontade de passear imaginando seus habitantes, como numa ruína antiga.

A pequena nave está sob o sol, o coro na sombra, o altar de pedra na cor do antracito em perfeito estado. Deito de costas, bem no alto, para ser fodida sobre ele... Enquanto Jacques se abaixa para abrir caminho em meu sexo com lambidas lúdicas, olho com os olhos bem abertos para o céu recortado pelo topo das paredes negras; eu poderia estar no fundo de um poço. Mas, uma vez mais, vamos gozar em pé, num lugar minúsculo onde cabem apenas nossos corpos, e que não sabemos bem o que poderia ter sido. Patamar? Nicho de uma estátua desaparecida? Outras ruínas, outra planície árida, uma enorme fazenda fortificada e suas dependências e um planalto que ela parece ainda proteger, na beira de uma encosta abrupta. Devo aqui explicar este outro dado de nossa "cultura de casal": uma em cada duas ou três vezes, a trepada é também o momento de pausa para uma sessão de fotos. Desta vez, a sessão foi longa e complicada. Vim com várias roupas, algumas frágeis, e fico temerosa que se prendam nos arbustos e montes de pedras. Mesma apreensão quando se trata de trocar de roupa entre duas poses, principalmente com um vestido de musselina de seda que se enrosca com o vento.

Jacques procura contrastes de luz e me faz explorar todas as sinuosidades da ruína. Ando prudentemente sobre o solo pedregoso, porque estou calçada com sapatos de saltos e bicos muito finos que me machucam um pouco. Tenho também de evitar pisar em cocôs de cabra porque, antes de transformarmos a ruína em um estúdio fotográfico, um rebanho fez do lugar seu pasto. Escalo os muros algumas vezes com os pés descalços, depois Jacques me dá os sapatos que calço durante algumas poses. Para cada uma, é preciso conciliar as posições precisas exigidas por Jacques, como abrir um espaço milimétrico entre o púbis e a separação das coxas, conseguir a aderência perfeita do corpete transparente e, ao mesmo tempo, evitar a dor em meus pés em equilíbrio precário ou conseguir proteger minha bunda da aproximação de tufo espinhosos. Enquanto meu olhar percorre os 3600 do panorama, meu corpo fica reduzido a uma margem de manobras extremamente estreita. Uma vez posicionada, me limito a obedecer a meu instrutor com gestos hesitantes. De minha parte, peço a ele que, antes que se esgote o estoque de filmes, faça algumas fotos minhas andando nua no meio do caminho largo que desce suavemente em direção ao carro que ficou no meio do planalto. Tenho necessidade, depois de me submeter à obrigação, de avançar no ar quente como um animal de savana.

A porta aberta da caminhonete vai acabar sendo um biombo inútil. Vimos que não havia nenhum carro nas proximidades da única casa habitada no planalto, e que seus moradores deviam, portanto, estar ausentes. Será que isto se deve ao fato de ter passado duas horas à mercê de milhares de ínfimas agressões da natureza, ou talvez à suspeita que me persegue de que Jacques teria fotografado, recentemente, outros rabos que não o meu? Meu sexo não está no ponto. Nesse caso, com a mão descolo agilmente os lábios, molhando-os com cuspe sub-repticiamente recolhido com as pontas do dedo. Haverá ainda um pouco de resistência, mas logo que a cabeça do pau forçar a entrada, a mecânica das secreções funcionará e a pica inteira sem perda de tempo vai ocupar seu lugar na boceta acolhedoramente úmida. Creio ter avançado uma perna para fora para apoiá-la no estribo, talvez para melhor entreabrir a vulva, mas decididamente, se devo virar as costas para meu parceiro, não há nada que mais goste do que projetar meu rabo em investidas secas na direção dele. Para isto devo manter o corpo bem flexível, o que

consigo melhor mantendo os pés unidos. Quanto mais lanço meu rabo para trás, mais lhe concedo fantasmaticamente a autonomia geralmente atribuída à cabeça, sede do pensamento que tem vida própria e é livre do resto do corpo. Nessas circunstâncias, meu rabo fonna. então, um par com minha cabeça. No momento exato em que ia em busca do sexo de Jacques para atrelá-lo profundamente a mim, me envolvendo em todo o seu corpo, olho meu rosto no retrovisor. Quando me vejo durante o ato sexual, percebo traços desprovidos de expressão. Certamente há momentos em que eu, como todo mundo, devo fazer caretas, mas quando por acaso encontro meu reflexo em um vidro ou espelho, tenho o ar diferente do que eu imaginava ter nesse instante; meu olhar é vago, voltado para si mesmo como se estivesse num espaço sem limites, mas é também confiante, como se procurasse, sem muita insistência, algum ponto de referência.

A prática de trepadas ao ar livre ancorou-se na organização de nossa vida desde o início de nosso relacionamento. As visitas a sua avó, numa pequena cidade típica da Beauce, tinham sempre uma parada obrigatória à beira da estrada. Ele colocava a 2 CV no acostamento, passávamos por uma sebe, descobríamos o campo que se elevava muito lentamente até o horizonte, e nos eufumávamos no mato. Era preciso espernear divertidamente para me desembaraçar do jeans apertado. Colocava meu blusão sob a cabeça para afastar os insetos, enquanto o de Jacques protegia meus quadris. Como não passei a adolescência no campo, aproveitava com ingenuidade aquelas trepadas rápidas com somente duas metades de corpos; de repente minhas pernas e minha bunda não estavam na mesma temperatura que a parte superior do meu corpo que permanecia vestida, e Jacques tinha de se virar, as coxas travadas pela cueca e pelo cinto da calça. Existe uma alegria infantil no gozo concentrado assim nas partes despidas, como se as regiões que permanecem vestidas lhes servissem de álibis.

A paisagem mediterrânea onde costumamos passar algumas semanas por ano é muito acidentada, mas as videiras baixas e a charneca quase não oferecem recantos, tampouco vegetação natural. Não há relva e, na ausência de árvores, muitas vezes tive de me segurar na porta sem vidros dos restos de um carro abandonado ou ao montante da abertura de uma antiga cabana de

pedra, com a traseira tão esticada para fora que meus olhos e meu nariz tinham de suportar o cheiro de podridão que vinha de dentro.

Percorriamos sempre um caminho que subia até as videiras novas plantadas em um rochedo branco, e que, aliás, desde que o abandonamos encontra-se esquecido. Ao longo do tempo, fomos escolhendo nele alguns lugares favoritos. No meio da subida, antes que ela se tornasse mais íngreme, o caminho se alargava em uma plataforma onde, em um dos lados, a areia se abria para dar lugar a um grupo de rochedos abaulados; costumávamos nos distrair imaginando ver ali silhuetas de hipopótamo cavando um rio lamacento que teria carregado galões amassados e algumas pranchas quebradas. Adiante, me estendia sobre a superfície lisa dos rochedos, Jacques deitava-se apoiado sobre os braços como um alpendre sobre mim, dando algumas estocadas rápidas com seu membro.

Como não era tão fácil para ele ir suficientemente fundo, a solução era eu me virar e ficar de quatro como a pequena loba romana sobre seu pedestal, recebendo a oferenda muito especial de seu sacerdote preferido.

Mais acima, o caminho fazia uma curva. De um lado, dava para uma vala que servia de despejo e, a cada passagem, era possível constatar que o conteúdo se renovava misteriosamente: carcaças de máquinas agrícolas, peças de máquina de lavar, etc. Do lado contrário, havia muitos metros de beirais de rocha clara, cortados profundamente como um muro. Apesar da intensa reverberação, aquela era uma de nossas paradas preferidas, porque ali também a rocha lisa poupava as palmas de minhas mãos, e também porque inconscientemente tínhamos necessidade de sentir nossos corpos se liberando da confusão ambiente, tendo como pano de fundo a paisagem. Como não havia folhas para servir de papel higiênico, e como sempre esquecíamos de nos abastecer com lenços descartáveis, eu ficava alguns instantes virada para meu rochedo, as pernas abertas, observando a porra escorrer da minha boceta até o chão, como uma baba preguiçosa com a mesma cor esbranquiçada dos pedregulhos. Mais alto ainda, no cume do planalto, o caminho acabava em um pequeno bosque onde resíduos de piqueniques, às vezes, se misturavam com tufos secos, o que talvez tivesse nos oferecido mais frescura, mas muito raramente fiz ali uma parada. Quando

conseguíamos chegar até lá, geralmente nosso problema já tinha sido resolvido. Jacques acabava não resistindo às ondulações da bunda diante dele, debaixo do sorte ou da saia, movimentos secundários de respiração do corpo que dão ritmo à caminhada, enquanto eu, adivinhando durante a subida seu olhar sobre mim, tinha tido tempo de ir preparando o sexo, cuja abertura a essa altura era comparável a um bico de passarinho incansavelmente aberto.

Dessa forma, por uma razão indiscernível, a "cultura de casal" de que falo desfia seu rosário de histórias em cenários principalmente bucólicos. A verdade é que trepamos com menos riscos em caminhos abertos no campo do que sob os portais de imóveis. O que jamais impediu que Jacques tenha praticado com outras, e eu com outros, também em lugares urbanos. Mas os corredores de metrô (onde um empregado se aproveita da multidão para roçar imperceptivelmente minha bunda, tácito convite para encontrá-lo a seguir num compartimento entulhado de baldes e vassouras), e os cafés de subúrbio (onde homens mornos se revezam sobre mim, numa banquetta da sala de trás), frequentei com Jacques apenas na imaginação. Ainda era eu que o aliciava. Já perdi o hábito, mas houve um tempo que eu gostava muito de cobrir as paredes de nosso quarto com estas fantasmagorias sexuais, desfiando lentamente situações e posições às quais me entregava, num tom mais para interrogativo, porque esperava a aquiescência de Jacques, que concordava com uma voz neutra e com a espontaneidade indiferente de quem está ocupado com outra coisa — sem dúvida uma indiferença fingida de sua parte —, enquanto seu pau me limava doce e longamente. Relendo essas anotações, tiro duas conclusões.

A primeira é que no seio de um casal cada um traz seus desejos e fantasias próprios, que acabam se combinando em hábitos comuns, e, assim, vão se modulando e ajustando uns aos outros até que, dependendo do grau de concretização esperado por cada um, acabam por atravessar, sem perder a intensidade, a fronteira entre o sonho e a realidade. Minha obsessão pela quantidade realizou-se na prática de uma sexualidade em grupo com Claude e com Éric, porque foi assim que os desejos deles se casaram com os meus. Ao passo que jamais senti qualquer frustração por nunca ter feito uma suruba em companhia de Jacques (mesmo quando ele me comunicava tê-lo feito sem

mim): não era ali, acredito, que se inscrevia o compartilhamento de nossa sexualidade. Era suficiente que eu lhe contasse minhas aventuras para que percebesse que elas tinham eco em suas fantasias, como era suficiente que ele encontrasse em mim uma cúmplice dócil para suas reportagens fotográficas através de campos mais ou menos poluídos e uma exibicionista satisfeita ao se expor diante de sua objetiva — mesmo que meu narcisismo tivesse preferido ambientes mais lisonjeiros e retratos mais idealizados...

A segunda conclusão é que o espaço natural não é adequado para as mesmas fantasias que o espaço urbano. Porque este é, por definição, o espaço social, ele é o terreno onde se manifestam o desejo de transgredir os códigos e as pulsões exibicionistas/voyeuristas; ele pressupõe presenças, olhares desconhecidos e fortuitos que poderão penetrar na aura de intimidade que emana de um corpo desnudado apenas em parte, ou de dois corpos unidos. Os mesmos corpos sob as nuvens, tendo apenas Deus por testemunha, procuram uma sensação quase inversa; não para fazer com que o mundo penetre na bolsa de ar onde se misturam respirações ofegantes mas, em nome de uma solidão edênica, desabrochar através de toda extensão do visível. A ilusão que se forma aí é a de que o gozo está na escala dessa extensão, que seu habitáculo corporal se dilata infinitamente.

É possível que as oscilações nesse aniquilamento, que é significativamente chamado de pequena morte, sejam mais intensas quando os corpos estão em contato com a terra fervilhante de vida invisível onde tudo se enterra.

Certamente, a maior parte de minhas fantasias masturbatórias se desenvolviam num cenário urbano (além dos já evocados, ainda este: um homem num metrô lotado aperta sua braguilha em minha bunda e consegue arrastar minha roupa até introduzir seu pau; a manobra não escapa aos outros que vêm deslizando através da multidão para substituí-lo: o vagão se divide, então, entre os que gozam e os que, impedidos, acabam brigando... : é impossível encontrar fantasma mais parisiense!), e eu soube me adaptar bem aos acostamentos das grandes artérias e aos estacionamento da capital.

No entanto, no final das contas, creio ter uma clara preferência pela vastidão.

Ora, a cidade, à noite, me dá esta ilusão. No começo de nossa vida em comum, quando Claude e eu voltávamos tarde para o nosso pequeno apartamento de subúrbio, acontecia de eu andar na frente dele e de levantar de repente minha saia revelando a bunda nua, não como convite para que viesse me foder fato que nunca aconteceu), nem para chocar um hipotético passante, mas para aspirar a rua, para prender a corrente fresca de ar em minha fenda vibrante. Na verdade, chego até a perguntar-me se os homens com quem me encontrava nos bosques e nos estacionamento, em razão do número e de seu estatuto de sombras, não seriam feitos do mesmo estofado que o espaço aberto, se não procurava roçar em pedaços de tecidos do ar cuja trama, ali, era apenas mais fechada. Mais especificamente: não conheço ninguém que tenha como eu tamanho senso de orientação para encontrar o caminho em estradas desconhecidas. Talvez a aptidão para passar, em um grupo, de um homem para o outro, ou de navegar, como foi o caso durante certos períodos de minha vida, entre numerosas relações amorosas, pertença à mesma família de predisposições psicológicas que o senso da orientação.

Cidades e homens

Durante todos os primeiros anos de minha vida adulta, minhas experiências sexuais são indissociáveis da necessidade de ar livre. Nela está, na verdade, a origem daquelas. Foi na primeira fuga que perdi a virgindade. Mais uma vez tinha brigado com meus pais.

Claude, que eu ainda não conhecia, bateu na porta do apartamento para me avisar que um amigo com quem eu teria um encontro não podia vir. Ele me convidou para sair com ele. Efetivamente, em seu 4L⁴ fomos para Dieppe.

Montamos uma barraca na beira da praia.

Algum tempo depois, me apaixonei por um estudante berlinense. Não fiz amor com ele (era um rapaz precavido e eu não sentia vontade), mas seu corpo alto estendido sobre o meu, suas grandes mãos brancas quase me faziam desfalecer. Sonhava morar em Berlim Ocidental. A larga Kudam subindo até a catedral azul espelhada e os parques da cidade me faziam sonhar. Um tempo depois o estudante me escreveu dizendo que não era razoável estabelecermos um compromisso sendo tão jovens. Seguiu-se outra fuga com Claude, com quem continuava a conviver. Nosso destino era Berlim, para que eu me encontrasse com o estudante que queria romper comigo. Fizemos uma tentativa frustrada de atravessar clandestinamente a fronteira entre a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental, porque eu não tinha os documentos exigidos.

O estudante veio até a fronteira para conversarmos, e minha primeira história sentimental se encerrou em uma cafeteria, num imenso estacionamento cravado no meio de uma floresta, com filas de pessoas e de carros esperando diante de guaritas.

Infelizmente tive, durante muitos anos, a propensão de desaparecer sem avisar, o que não era correto nem em relação às pessoas com quem eu

convivia e nem em relação àqueles com quem saía, ou com quem tinha ido me encontrar, que eu abandona ao voltar para casa. Esse modo andarilho tinha um quê da inquietação de um gato jovem, que trazíamos Claude, Henri, alguns outros e eu, ao Novo Mundo do sexo, e que, de uma hora para outra, nos levava também a nos afastarmos solitariamente da fratria. Um acordo tácito havia sido estabelecido e, na volta, o explorador deveria narrar sua aventura. O que, é claro, não acontecia sempre, o que fazia com que nossos desejos dispersos de um lado e, de outro, nosso espírito libertário parecessem um encontro de óleo e água que jamais se misturam.

Desaparecer durante dois dias em companhia de um homem que eu mal conhecia, ou, como aconteceu durante muitos anos, manter um relacionamento permanente com um colega que morava em Milão, valia tanto pela viagem e pela mudança de país, quanto pela promessa de ser fodida, tocada e enrabada de um jeito diferente do que estava acostumada. Se fosse possível, eu gostaria de abrir os olhos a cada manhã à sombra de um teto ainda inexplorado e, ao sair de baixo dos lençóis, ficar alguns segundos vacilante na terra de ninguém de um apartamento no qual, desde a véspera, eu desconhecia a direção em que se encontrava o corredor que levava ao banheiro. Neste momento, apenas o outro corpo que está estendido por trás de nós e que conhecemos há apenas algumas horas, mas que nos alimentou durante todo este tempo com sua consistência e seu odor, nos proporciona o inefável bemestar do contato familiar. Quantas vezes já não pensei, quando fabulava sobre a vida das prostitutas de luxo, que esta era uma vantagem da profissão. Quanto à viagem propriamente dita, o lapso de tempo que ocupamos quando não estamos mais em um lugar e ainda não chegamos a outro, ela pode ser a fonte de um tipo de prazer que se mede na mesma escala do que o prazer erótico.

No táxi onde Cai bruscamente toda a agitação que precede a partida, ou na semiinconsciência com que mergulhamos durante a espera em um aeroporto, experimento esta sensação que pode ser comparada a uma mão gigante que, do interior do meu corpo, aperta as entranhas e delas extrai uma volúpia que irriga até as mais finas terminações, exatamente como quando um homem pousa em mim um olhar que anuncia que ele se aproxima mentalmente.

Apesar disso, nunca aproveitei as viagens freqüentes e longínquas relacionadas a meu trabalho para multiplicar os amantes. Trepei muito menos quando dispunha de um tempo mais flexível do que dispunha em Paris e teria podido desfrutar da despreocupação das relações sem amanhã.

Por mais que tente me lembrar, não contabilizo mais do que dois homens que conheci durante uma viagem com quem tive uma relação sexual. E quando menciono uma relação sexual, trata-se exatamente de apenas uma, entre o café da manhã e o primeiro encontro do dia com um deles e durante o que restava da noite com outro.

Há duas explicações possíveis. Em primeiro lugar, logo no início de minha vida profissional, uma colega mais experiente tinha insinuado que os colóquios, seminários e outras reuniões fechadas de pessoas provisoriamente separadas de seus laços, constituíam boas oportunidades para idas e vindas nos corredores de hotel. Eu freqüentava lugares de encontros sexuais muito especializados, mas, no entanto, esse tipo de comportamento me chocava tanto quanto as roupas informais com que muitas pessoas de bom gosto se vestem para deixar claro que estão de férias. Com uma intransigência de jovem recruta, considerava que trepar — quer dizer, trepar freqüentemente, em total disponibilidade psicológica, independente de qual seja ou quais sejam os parceiros — era um modo de vida. Do contrário, se tudo era apenas permitido sob certas condições, durante períodos determinados, então era como o Carnaval!⁵ Mas, na ordem da realidade, as aventuras exóticas da espeleóloga dos estacionamento parisienses cabem em apenas dois parágrafos. O assistente, que tinha me atraído enfaticamente no hall do hotel, veio efetivamente me acordar na manhã seguinte. Bastante razoável, ele me deixou descansar de nossos constantes deslocamentos — uma viagem através do Canadá — nos dias precedentes. Ele fazia pressão calmamente com sua bacia. Eu estava sem muita convicção, mas encorajava-o quase como uma profissional o teria feito, escolhendo meu vocabulário mais no repertório amoroso do que no obsceno. Depois, sem afetação, ele diz que pensava nisso há muitos dias, mas que tinha esperado o fim de nossa estada para não perturbar o trabalho. Tivemos outras oportunidades de trabalhar juntos. Mas nunca mais ele teve um gesto de convite sexual, e eu também não. Era a primeira vez que uma relação sexual estabelecida com

alguém que eu revia constantemente não tinha continuidade, que não impregnava o terreno das relações de amizade e profissionais. É preciso dizer que aquela era uma época da minha vida em que eu tentava, de forma mais ou menos bem-sucedida, ser, se não totalmente fiel, ao menos mais contida.

Pensava que estes eram talvez os desvios perdoáveis das pessoas que não eram libertinas. Foi a única vez em minha vida em que, de certa forma, me arrependi de um ato sexual.

Uma história que aconteceu no Brasil deixou em mim um sentimento mais complexo.

Acabava de desembarcar, pela primeira vez, no Rio de Janeiro e, de toda a relação de telefones que eu trazia, o único que atendeu foi o de um artista. Quis o acaso que ele conhecesse muito bem uma parte da história da cultura francesa, que era também de certa forma a minha, e conversamos até tarde num terraço de Ipanema. Muitos anos se passaram, ele veio a Paris, e eu voltei uma ou duas vezes ao Brasil. Em São Paulo, na saída de uma festa durante a Bienal, pegamos o mesmo táxi. Ele deu o endereço do meu hotel. Sem tirar os olhos da nuca do motorista, esfreguei minha coxa na dele. Ele deu ao motorista o endereço de seu hotel. A cama ficava perto de um vão envidraçado e dos letreiros vinha uma luz recortada e amarela à la Hopper. Ele decidiu não se deitar sobre mim, mas ia semeando pedaços de seu corpo no meu, assegurando-se de minha presença com suas mãos, seus lábios e seu sexo, e também com sua testa, seu queixo, seus ombros, suas pernas. Eu me sentia bem, apesar de ter sofrido uma enxaqueca que o deixou preocupado. Escutava-o murmurar acerca do tempo, de todo aquele tempo. Com ele também não houve uma segunda vez. Mais tarde, em outro táxi, desta vez parisiense, olhando para ele bem mais do que escutando suas palavras atenciosas, fui tomada por uma alegria intensa: pensava na distância geográfica que havia entre nós, nos longos intervalos de tempo que separavam nossos encontros regulares — uma vez, de passagem pelo Rio, limitei-me a dar-lhe apenas um telefonema —, eu pensava que era a única vez em que o espaço e o tempo tinham se aglutinado e o todo formava uma arquitetura perfeita.

Outra explicação para a tenuidade de meus diários de viagens está ligada a questões que já abordei no primeiro capítulo. Eu gostava da descoberta — desde que tivesse um guia. Sentia-me muito bem com um homem que me fosse apresentado por outro. Preferia delegar aos outros a escolha dos parceiros, em vez de ter de me questionar sobre meus desejos e os meios de satisfazê-los. Aliás, ter relações sexuais e experimentar o desejo eram duas atividades quase que independentes; desejei muito fortemente homens com quem nunca aconteceu nada, sem que eu experimentasse a menor frustração. Eu era uma sonhadora, dotada para a fabulação; uma grande parte de minha vida erótica, portanto, era aguçada pela fricção da vulva presa entre o polegar e o indicador.

Copular correspondia verdadeiramente a uma necessidade maior: abrir no mundo um caminho sem aspereza.

Como já demonstrei, eu evoluía protegida por uma espécie de cumplicidade familiar que não existe quando desembarcamos pela primeira vez (e sem qualquer recomendação especial) em uma cidade distante.

A lembrança das casas em que moravam precede a lembrança dos homens com quem convivi. Isto não significa que menosprezo outras lembranças que me deixaram, mas sim que eles não estão dissociados de seu ambiente. E que é a partir de uma re COnStrução espontânea desse último que me lembro de um momento de amizade amorosa ou de detalhes da disposição dos corpos. O leitor talvez já tenha percebido: descrevo rapidamente os cenários.

Onde minha fenda íntima dava passagem, eu mantinha os olhos bem abertos. Foi dessa maneira que, muito jovem, aprendi a me situar em Paris. Um amigo arquiteto que me recebia em seu apartamento parisiense situado no último andar de um imóvel novo, suficientemente alto para que, da cama, a vista mergulhasse no céu, me fez observar que de minha casa, à margem direita, na rua SaintMartin, até a casa dele, à margem esquerda, no alto da rua SaintJacques, bastava caminhar em linha reta. Comecei a gostar dos Invalides acompanhando meu amigo dentista à casa de uma de suas amigas. Ela havia sido cantora popular de sucesso nos anos cinquenta e conservava o

charme insípido e afetado das capas de disco daquela época. Ela se entregava placidamente e eu me distraía sozinha observando e avaliando o ambiente, sentindo desprezo pelas mesas de canto entulhadas com uma coleção de tartarugas de pedra e porcelana de todos os tamanhos, procurando através das janelas as proporções sublimes dos edifícios da esplanada. Cada casa induz a uma circulação específica do olhar. Na casa de Éric, a cama era o posto de comando de um caleidoscópio de objetivas de câmara, de telas e de espelhos, na casa de Bruno, seguindo o modelo do ateliê de Mondrian, um vaso com flores era o único ponto focal de um espaço em que os batentes de porta, as vigas, os suportes dos armários embutidos e os móveis pareciam uma só peça, todos homotéticos, como se o mesmo volume repetido tivesse servido a diversas funções, como se a mesa, por exemplo, fosse a réplica mais elevada da cama.

Conservo a doce nostalgia de grandes apartamentos situados nas grandes cidades italianas. Quando começou minha colaboração com Enzo, ele morava em Roma, no que me parece um bairro periférico, em um desses imóveis de cor ocre separados por zonas incertas.

Comparando esse bairro ao subúrbio onde eu tinha passado minha infância, ficava admirada com a quantidade de terrenos baldios. Uma espécie de urbanismo feudal devia determinar que, à noite, cada fachada projetasse sua sombra inteira no chão. No interior; as dimensões dos cômodos eram bem maiores que as dos apartamentos nos imóveis da mesma categoria na França. A voz ressoava no banheiro, e a clareza do revestimento que cobria todo o chão do apartamento fazia com que o espaço parecesse ainda mais fácil de apreender, como se alguém tivesse acabado de fazer a limpeza para receber sua visita. Depois de um ano ou dois, Enzo se instalou em Milão. Os imóveis eram mais antigos, os apartamentos ainda mais espaçosos, os tetos mais altos. O apartamento não tinha móveis. Como era agradável andar pela casa sem nada no corpo, tão nova quanto a pintura clara das paredes, tão próxima de minha própria essência como o quarto ocupado somente por uma cama e uma mala aberta! Tirar o pulôver e deixar escorregar a saia provocavam uma corrente de ar que reanimava o corpo.

Na soleira

O fato de eu ter associado o amor físico a uma conquista do espaço a esse ponto poderá ser compreendido melhor sabendo-se que nasci em uma família de cinco pessoas que morava em um apartamento de três cômodos.

Portanto, na primeira vez que fugi desse lugar, acabei trepando pela primeira vez. Não fugi por isso, mas foi assim que as coisas se passaram. Os que foram criados em famílias mais abastadas, em que cada pessoa tem seu quarto e a intimidade pelo menos é respeitada, ou ainda aqueles que podiam matar aulas, não têm talvez a mesma experiência. A descoberta de seus próprios corpos não foi assim tão tributária da necessidade de ampliar o espaço onde um corpo se desloca, ao passo que foi preciso que eu percorresse distâncias geográficas para ter acesso a algumas partes de mim mesma. Fiz Paris-Dieppe num 4L e dormi em frente ao mar, para aprender que possuía em algum lugar, em uma região que não podia ver e que não tinha ainda imaginado, uma abertura, uma cavidade tão flexível e tão profunda, na qual o prolongamento da carne, que fazia com que um homem fosse um homem, pudesse encontrar seu lugar.

A expressão caiu em desuso, mas antigamente dizia-se de um jovem ou de uma jovem, supostamente ignorante quanto ao processo segundo o qual se perpetua a espécie humana e, conseqüentemente, de como se fundem o amor e a satisfação dos sentidos, que ele ou ela era "inocente". Eu era quase "inocente" até ter uma experiência direta do primeiro ato desse processo. Tinha doze anos quando fiquei menstruada. Minha mãe e minha avó se agitaram, convocaram o médico, meu pai esgueirou a cabeça na porta e me perguntou rindo se eu estava pondo sangue pelo nariz. Em relação à educação sexual, isto foi tudo. O sangue, eu não sabia muito bem de onde vinha e não sabia fazer a distinção entre a via por onde saía a urina e a via de onde vinham as regras.

Uma vez o médico me explicou com tato que eu devia me lavar um POUCO mais profundamente com a luva higiênica senão, disse cheirando o dedo emborrachado que tinha me examinado, "isto acaba não cheirando muito bem". Acabei por suspeitar de alguma coisa na época de um concerto de rock.

Minha mãe e suas amigas tinham comentado o acontecimento na minha frente. Houve episódios violentos e a polícia interveio.

"Parece que as moças enfurecidas tomaram os cassetetes dos policiais para meterem nelas." Meterem onde? Por que precisamente os cassetetes? Por muito tempo, fiquei com essas questões sem respostas na cabeça.

Eu era adolescente, mas com a inocência do meu onanismo infantil. Muito pequena, tinha compreendido que certos jogos me proporcionavam uma sensação refinada que não se comparava com qualquer outra. Brincava de boneca de uma maneira peculiar.

Juntava o fundo da minha calcinha com uma tira grossa de pano que eu apertava no rego que começa entre as coxas e segue até a bunda, e me sentava de maneira que o tecido penetrasse um pouco na carne.

Com ela assim ajustada, pegava a minúscula mão côncava de um bebê de celulóide e passava-a sobre uma boneca Barbie nua. Mais tarde, substituí a ação da calcinha comprimida pela fricção das duas intumescências da parte da frente do rego. Não brincava mais de boneca, passei a imaginar-me na situação análoga a da boneca Barbie e tinha direito às mesmas canelas. Talvez porque esta atividade me trouxesse tanta satisfação, não procurava saber mais sobre a maneira de um homem e uma mulher "ficarem juntos". Ora, é aqui que quero chegar: enquanto, em minha imaginação, as mãos de muitos rapazes percorriam todo o meu corpo, este corpo, na realidade, ficava enroscado, quase paralisado, se não fosse o vai-e-vem de apenas alguns milímetros de minha mão espremida na virilha.

Há muitos anos minha mãe não dormia mais com meu pai.

Ele ficou com o antigo quarto comum e ela tinha vindo para o segundo quarto dividir comigo uma cama grande, enquanto meu irmão dormia numa cama pequena ao lado.

Mesmo quando ninguém nos diz nada, sabemos instintivamente que atividades devem ser escondidas. Com que paradoxal destreza tive de treinar para conseguir obter prazer em uma quase imobilidade, quase em apnéia, para que o corpo de minha mãe, que se encostava no meu quando ela se virava, não sentisse que o meu vibrava! A obrigação de me excitar mais com imagens mentais do que com carícias desabridas talvez tenha permitido que eu desenvolvesse bastante minha imaginação. Mesmo assim, acabou acontecendo que minha mãe me sacudisse me chamando de pequena viciada. Quando fui para Dieppe com Claude, eu não dormia mais na mesma cama que ela, mas ainda mantinha — e mantive durante muito tempo — o hábito de me masturbar com o corpo em posição fetal. Finalmente, eu poderia dizer que, quando abri meu corpo, aprendi, antes de tudo, a desdobrá-lo.

Raramente o espaço se abre de uma só vez. Mesmo no teatro, às vezes o levantamento da cortina é laborioso, o tecido pesado se move lentamente ou, com o cenário semirevelado, o mecanismo empena, uma resistência oculta retarda por alguns segundos a entrada do espectador na ação da qual ele vai mentalmente participar. E sabido que damos um valor particular aos momentos e lugares de transição. A volúpia que experimento nas salas de espera de aeroporto talvez seja o eco longínquo do meu ato de emancipação ao aceitar o convite de Claude para segui-lo, saindo pela porta sem saber o que me esperava ao fim da viagem. Mas o espaço não é nada além de uma imensurável película furada. Aumente-o brutalmente e ele pode, da mesma forma, pregar-lhe uma peça e se retrair bruscamente.

Devia ter treze ou quatorze anos quando tive direito a uma cena primitiva" tardia. Do corredor, percebi na soleira da porta de entrada da casa minha mãe e o amigo que ela recebia em casa quando meu pai não estava.

Eles trocavam apenas um beijo, mas ela estava com as pálpebras abaixadas e os quadris curvados. Eu reagi mal.

Ele reagiu mal por eu tê-la levado a mal.

Três ou quatro anos mais tarde, vi Claude pela primeira vez no mesmo enquadramento da porta. Estávamos no mês de junho. Chegando tarde à Dieppe, encontramos lugar em um camping. Não se enxergava o suficiente para montar a barraca. Naquela época, era comum que os estudantes tomassem anfetaminas para permanecer acordados e estudar à noite, nas vésperas das provas. Claude deve ter tomado uma para não se cansar enquanto dirigia e me ofereceu um comprimido. Dentro da barraca, não dormimos. Quando, em voz baixa, ele me perguntou se podia penetrar, eu tremia. Não saberia dizer muito bem se era pelo que estava acontecendo ou pelo efeito do que eu tinha tomado. De qualquer forma, eu estava em total incerteza em relação a meu estado. Alguns meses antes disso, eu tive um caso com um rapaz, que tinha posto seu sexo sobre minha barriga e gozado. No dia seguinte, fiquei menstruada. Meus conhecimentos de fisiologia eram tão confusos que pensei tratar-se do sangue da defloração.

Tanto que depois esperei por muito tempo a chegada da nova menstruação (o ciclo das moças muito novas é sempre irregular e perturbado pelos choques emocionais) e acreditei estar grávida! Eu disse a Claude que sim, com a condição de que me pedisse de novo falando meu nome. Ele não devia estar esperando por isso e, de bom grado, repetiu muitas vezes: 'Catherine'. Quando ele se retirou, vi apenas uma linha fina e marrom no alto de minha coxa.

No dia seguinte, praticamente não saímos da barraca, que tinha lugar para apenas dois corpos. Nós nos cobríamos e nos virávamos, separados das pessoas que se encontravam ao lado e acima, somente pela tela da tenda, através da qual passava uma luz cor de areia. Numa barraca vizinha, havia uma família.

Escutei a mulher perguntando num tom irritado: "Mas o que eles estão fazendo lá dentro? Eles não saem nunca?" E o homem, tranqüilo, respondeu: "Deixe! Eles estão cansados. Estão descansando." Acabamos saindo para comer alguma coisa em um pequeno terraço. Eu estava um pouco fora do ar.

Na volta, observei que a praia e o terreno recuado do camping eram inteiramente barrados por uma falésia perpendicular ao mar.

Não sei exatamente como meus pais me recuperaram, mas não foi sem drama e nem por muito tempo.

Algumas semanas mais tarde, houve o episódio do jardim perto de Lyon, narrado no início deste livro. Algumas semanas depois fui viver com CLaude. A escapada para Dieppe fez com que me tornasse uma mulher", e tinha conquistado o direito de ir e vir à vontade. No entanto, consideradas com distanciamento, as trepadas sob a barraca pareciam brincadeira de crianças. Elas fazem com que eu me lembre como me escondia dos adultos enfiando a cabeça sob o lençol e criando o espaço acanhado mas vital de uma pequena casa. Entregar-me a uma atividade proibida num lugar regido pela lei comum, mal protegida por uma tela muito fina ou imperfeita, por uma folhagem, até por uma fileira humana cúmplice, está relacionado, ao menos em parte, ao mesmo ludismo.

É um mecanismo de transgressão absolutamente elementar que, paradoxalmente, pertence menos à extroversão do que à introversão: não nos exibimos, dobramo-nos sobre nosso prazer íntimo, fingindo ignorar que ele possa acidentalmente irromper diante dos espectadores que não estão preparados para ele e que poderiam, verdadeiramente, impedi-lo.

3. O ESPAÇO CONTRAÍDO

O Espaço Contraído Diversos nichos A exploração das propriedades da periferia parisiense não me proporcionava apenas a euforia dos grandes espaços, mas também o que dela derivava, seu corolário, a brincadeira de esconde-esconde.

Assim, numa rua bastante calma, a dois passos da embaixada da URSS, encontrei refúgio na traseira de uma caminhonete da prefeitura de Paris, certamente porque no grupo se encontrava um funcionário municipal. Os homens entravam um a um.

Eu ficava agachada para chupá-los ou deitada e virada de lado, tentando oferecer meu rabo para ser comido da melhor maneira.

Atrás da caminhonete, nada foi feito para reduzir o contato direto com o metal ondulado do chão, e eu estava sendo muito sacudida. Mas poderia ter ficado agachada ali a noite toda, imobilizada não tanto pela posição penosa, mas muito entorpecida pela atmosfera do improvável nicho onde ficava enroscada e me deixava afundar, como em certos sonhos opacos em que a gente se observa sendo fodida. Eu nem tinha de mudar de lugar: a intervalos regulares a porta de trás se levantava, um homem saltava para fora, uma nova silhueta se insinuava.

Eu me tornara a pessoa que muitas vezes imaginei ser em algumas de minhas fantasias, como por exemplo naquela em que me encontro no alojamento do zelador, com apenas a bunda para fora da cortina que esconde a cama, oferecendo-me a uma grande fila de homens que, enquanto esperam, aquecem os pés esfregando os calcanhares e se insultando mutuamente. Uma caminhonete 2 CV deve ser equivalente a um alojamento de zelador. Entretanto, acabei abandonando meu dossel de ferro batido sem ter recebido todos os homens. Éric, que estava de vigia, explicou-me no dia seguinte: as

figuras, muito excitadas, começavam a ter um comportamento bastante imprudente e a caminhonete ameaçava virar.

As cabines de caminhões são mais propícias, principalmente porque são equipadas com uma cama. Sempre que observo as moças que fazem ponto na beira das estradas — seus corpos feitos de um arranjo grosseiro de acessórios menores, um sutiã que aparece na cava de um corpete que não combina com a minissaia, e as meias finas que escapam por baixo dela.

Penso no impulso que elas devem fazer com a perna quando é preciso subir no estribo para encontrar o cliente que acabou de parar seu veículo. Conheci de perto esse impulso a ser dado ao corpo e a breve ascensão que o leva até dois fortões que o recebem, geralmente com delicadeza, habituados a medir seus gestos num habitáculo estreito. Minha vantagem era não ter de estipular um preço e nem de esperar no frio. Também não me esmerava muito na toalete. Tinha sobre o corpo apenas um casaco ou um impermeável que eu deixava se abrir como um roupão na hora da escalada.

Aconteceu-me de, no aconchego de uma Cabine — por acaso era um caminhão da *International Art Transport*, um dos principais transportadores de arte, que estacionava perto da porta de Auteuil —, ser objeto de carícias requintadas.

Daquela vez, apenas um dos caminhoneiros se ocupava de mim, longamente, a ponto de me surpreender por me beijar na boca e continuar a me acariciar depois de ter gozado. O outro observava ajustando o retrovisor, depois virou-se de lado, mas não me tocou. Ficamos um bom tempo assim, conversamos, acabou sendo uma relação muito amigável.

A cama na qual temos de nos encolher pertence por excelência ao universo infantil. Certa vez, Jacques e eu dividimos uma delas. Voltávamos de Veneza, numa época de greve, e caímos na armadilha de compartilhar uma cabine de um vagão-leito de segunda classe em companhia de uma família numerosa. Tivemos de nos organizar. Víamo-nos na contingência de termos uma só cama para dois, situada em cima, no lugar mais quente e de mais perigoso e ridículo acesso. Os pais ficaram com a cama de baixo, as crianças se

dividiram mais ou menos bem nas três restantes. Colocamo-nos, então, numa dessas posições preguiçosas que continuarão sendo, por muito tempo, para a humanidade uma das mais agradáveis, uma fonte de deleite, tendo para isso de esquecer a enciclopédia do Kama Sutra. A saber, nossos corpos estavam apertados num arco côncavo e eu esquentava minha bunda no regaço de Jacques. Quando todas as luzes foram apagadas, abaixamos as calças e trepamos profundamente. Sem uma palavra e nem mesmo um breve gemido disfarçado em suspiro de descanso, sem outro movimento senão a imperceptível contração dos quadris que apenas faz oscilar a bacia. Quem já teve de obter seu prazer em uma situação de promiscuidade imposta (dormitório de pensionato, acomodação familiar exígua...) sabe do que falo: nessas condições, o prazer é atingido ao absorver em si o silêncio absoluto e a quasetetanização dos corpos, que o tornam ainda mais intenso. Por isso é possível compreender as tentativas de recriar, de forma mais ou menos artificial, essa situação de promiscuidade, e também que alguns escolham as alcovas mais insuspeitadas e, ao mesmo tempo, mais expostas.

Naquela cama, atenta às respirações próximas de nós que suspendiam seu ritmo regular quando o trem dava um solavanco um pouco mais brutal, tive medo. Eu que, talvez, seria capaz de me arregaçar no cais se essa fosse a fantasia de Jacques — tive medo que as crianças adivinhassem o que estávamos fazendo. Em relação à coabitação na cama com minha mãe, eu tinha mudado de papel; eu era sempre aquela que se entregava à atividade clandestina mas tinha me tornado a adulta que podia ignorar a reação da criança. Na verdade, não tinha me esquecido do meu pudor antigo, pudor ainda mais intransigente nessa idade em que o concebemos como um privilégio, como uma superioridade da infância em relação à idade adulta.

Em outros termos, se eu não temia o julgamento dos adultos, temia o das crianças. Temia expor a seus olhos não uma coisa que eles não pudessem conhecer ainda, mas uma coisa séria, preciosa, que não se expõe assim atabalhoadamente. Pelo fato de ter relações com pais de família, por duas vezes quase expus crianças a uma cena mais explícita que a do beijo disfarçado de minha mãe e seu namorado. A primeira noite que passei na casa de Robert — aliás a última —, eu o vi prender a maçaneta da porta do quarto com o encosto de uma cadeira. Disse a mim mesma: "Essas coisas

que a gente vê nos velhos filmes de aventura dão certo!" De manhã, sua filha sacode a porta, querendo ver o pai antes de ir para a escola. Ele lhe disse que se arrumasse, que já estava indo. Foi o que fez. Nas férias, na hora da sesta, o filho de Éric chamou o pai por trás da cortina de algodão / que isolava o quarto. Eric se separou de mim apoiando-se no cotovelo, como a tampa de uma caixa que gira sobre uma charneira, e foi como se o diabo surgisse de dentro da caixa: "Caia fora", disse intempestivamente em sua aflição. "Caia fora, me deixa dormir." Em ambas as vezes, me senti do lado da criança que foi tratada de maneira rude.

Quando estamos de moto e ultrapassamos um veículo longo, por menor que seja o vento, o ar apoderase de nós no momento preciso em que nos aproximamos da parte dianteira, pouco antes de começarmos a nos abaixar. Uma corrente de ar se produz e o dorso sofre um duplo movimento de torção. Um ombro é projetado para a frente, outro para trás, e, ao mesmo tempo, o movimento se inverte bruscamente. Somos uma vela que estala ao vento. Alguns minutos antes, rasgávamos o espaço que se abria à nossa frente. De repente, no mesmo espaço, somos sacudidos e molestados. Adoro essa sensação e sei identificá-la em outras circunstâncias bem diferentes: sentir-se no coração de um espaço que se contrai e se fecha, se estende e se retrai. E da mesma forma que um elástico que se estira e depois se solta inadvertidamente vem fustigar a mão que o sustenta, estamos nesse espaço, em seqüências breves, alternando um sujeito que captura o que está à sua volta (mesmo que seja pelo olhar) e um objeto apreendido. Era assim dessa maneira inesperada, num sex-shop, onde gostava de ir acompanhando Éric. Enquanto ele falava com o vendedor sobre seus pedidos extremamente precisos, porque ele sempre estava a par dos últimos lançamentos, sobretudo na área de videocassetes, eu caminhava dentro da loja.

A primeira imagem, não importa qual era (uma moça separando com os dedos manicurados sua vulva carmesim, com a cabeça ligeiramente levantada vista em perspectiva, o olhar flutuando acima do corpo com a mesma expressão de um doente que procura seus pés na extremidade de uma maca; uma outra sentada nos calcanhares na pose tradicional da modelo sustentando com as palmas abertas o fardo dos peitos maiores que sua

cabeça; o jovem rapaz de terno que segura seu cacete em direção a uma mulher de idade madura acocorada na beirada de sua mesa [ela é advogada ou diretora de empresa]; e mesmo homens malhados destinados à clientela homossexual, apertados em tapa-sexos que parecem proporcionalmente minúsculos), não importa que tipo de imagem, gráfica, fotográfica, cinematográfica, realista ou caricatural (um manequim de calções posando nas páginas de um catálogo de vendas por correspondência; uma ejaculação em gotas grossas transbordando das margens de uma revista em quadrinhos), toda imagem faz com que eu sinta a partir da primeira olhada a excitação característica entre minhas coxas. Folheava as revistas expostas, virava, circunspecta, as embrulhadas em celofane. Não é formidável que possamos nos excitar livremente, diante de todos os outros clientes que fazem o mesmo, cada um, no entanto, se comportando como se estivesse diante do balcão de uma banca de revistas? Não é mesmo admirável a aparente indiferença diante de fotografias e objetos que, em casa, nos fariam perder o juízo? Brincava de me transplantar para um mundo mítico em que todas as lojas ofereciam o mesmo gênero de mercadorias junto com outras, e onde, naturalmente, as pessoas se deixassem tomar por uma sensação quente, absorvidas na contemplação de órgãos cuja quadricromia restituía perfeitamente a umidade que seria exposta em seguida, sem vergonha, à vista dos vizinhos. "Desculpe, você poderia me emprestar seu jornal?" "Pois não." Etc. É a tranqüila evidência que reina num sex-shop estender-se-ia à vida social em seu conjunto.

Ir para o fundo da loja onde acontece o peep-show é como chegar atrasado ao teatro. Encontramo-nos mergulhados na obscuridade em um corredor circular ao longo do qual estão as portas das cabines. Não é preciso dar gorjeta para o lanterninha e as moedas são mais do que suficientes para alimentar a iluminação da janela-tela que dá sobre o tablado no centro do dispositivo, onde uma moça ou um casal se entrega a contorções de uma lentidão irreal. A cabine é tão escura que nunca consegui perceber ali o que quer que seja, nem mesmo as paredes; é quase como estar num vazio. Do tablado, emana, porém, uma luz baixa, azulada, a tal ponto que meu espaço perceptível se reduz a essa tora de carne enrugada e salpicada de pêlos, que engulo regularmente.

Éric chama o caixa para que ele troque uma nota por novas moedas de dez francos. Virada para o lado da janela, não identifico as mãos que começam a escorregar sobre minha bunda exposta, mãos que, assim como a bunda, acreditava que estivessem muito longe de mim, do outro lado da tela. Logo depois de ter entrado na cabine, nos apalpamos às cegas, o olhar concentrado no espetáculo que tínhamos comentado. Acharmos que a moça tem uma bela xoxota. O homem tem um jeito um pouco convencional. Éric gostaria de ver nós duas nos masturbando.

Pergunto se podemos encontrá-la mais tarde, etc. Depois, somos tomados pela aceleração de nossa própria atividade: o casal se desencarna na luz azul, ele não passa da projeção longínqua, apenas consciente, das imagens forjadas no cérebro daqueles que se ativam no escuro. "Ahn", deixa surdamente escapar a sombra oscilante acima de minhas costas, colando-se um pouco mais firmemente em meu rabo.

A troca fantasmática entre o espetáculo e a ação real, quando trepamos em um peep-show, não tem a fluidez do que se passa quando assistimos a um vídeo ou a um filme na televisão. E interrompemos, de tempos em tempos, a própria trepada para seguir o desenrolar da ação na tela e encontrar nisso o pretexto de uma mudança de posição. Enquanto o pulular das ondas embaralha as fronteiras, a ponto do espaço em que a cena se passa ser quase uma extensão do espaço onde nos encontramos, o vidro do peep-show é um corte que materializa a separação entre as duas partes simétricas, que podemos atravessar, mas que permanece sensível. Dois outros fatores concorrem para esta impressão: o filme pornográfico tem uma trama que, por mais sistemática que seja, drena a atenção, ao passo que a ação em um peep-show é pouco evolutiva; enfim, se é possível projetar o filme indefinidamente ou passar a noite diante da televisão, a cabine sem fundo tem um limite, o do tempo que é contado e cortado pelas paradas da minuteria.

Quem não tem lembranças de beijos vorazes trocados pelas línguas, que de repente fazem valer suas propriedades de músculos, dotados de um comprimento e de uma força de aderência monstruosos, explorando-se mutuamente assim como o relevo da boca e dos lábios do parceiro, e que

dão todo sentido à expressão beijo de língua"? Esse desdobramento obsceno não terá acontecido em um degrau de uma porta, debaixo de uma escada de imóvel ou no canto de um portal, ali onde se encontram os interruptores de luz que não quisemos acender? Quando somos adolescentes, raramente dispendo de um espaço próprio, somos obrigados a viver as urgências carnavais em lugares semipúblicos como as portas de garagens, os vãos de escada e os patamares. Já mencionei a necessidade que tem particularmente a população adolescente urbana de conquistar sua própria esfera íntima nos espaços proibidos. O instinto sexual, que a civilização colocou em segredo, não tem inicialmente vazão espontânea atrás da porta de um quarto, mas em zonas de passagem, que pertencem a todo mundo e onde as práticas de polidez atingem o mais alto grau de contenção: "Bom dia. Boa noite. Queira me desculpar. Por favor..." Etc. Quantas vezes tive o seio esfregado por uma mão pesada, no mesmo lugar em que os vizinhos ordinariamente seguravam uma porta para que eu passasse. Mesmo tendo atingido o estatuto de adulta emancipada, eu podia ainda demonstrar bastante impaciência masoquista para, em um hall de entrada ladrilhado, iluminado através de um postigo pela luz dos postes, ser manipulada como um saco, sentada sobre um radiador, com os joelhos colados no queixo e, a cada estocada, os tubos de ferro fundido entravam um pouco mais na polpa de minha bunda.

Conseqüentemente, podemos nos perguntar se o gosto pela transgressão que leva os adultos a escolher tais lugares, e outros ainda mais freqüentados, desconfortáveis e insólitos, para praticar o ato sexual, não está relacionado a uma transgressão que poderíamos chamar de "primária", e se sua "perversidade" não fica por conta de uma imaturidade perdoável? Antes que me fosse dado conhecer o esquema do bosque de Boulogne ou do picadeiro da porta Dauphine, as idas e vindas em companhia de Henri e de Claude permitiram-me praticar a sacanagem às escondidas, algumas vezes bastante turbinadas, em espaços comuns de moradias parisienses. Tarde da noite, nos perdemos em um conjunto de imóveis, à procura do apartamento de uma amiga. Embora seja artista e exiba um comportamento descontraído e teimoso, ela é burguesa — estamos no bulevar Exelmans — e, além do mais, namora um homem que é nosso "patrão", meu e de Henri. O objetivo é infantil. Vamos bater à sua porta e fazer com que nossa irrupção seja perdoada com carinhos. A segunda intenção é a de que pelo menos um dos

rapazes consiga enfiar seu cacete tenaz no meio da sua almofada de carne úmida, impregnada do odor do sono. Falta ainda sabermos exatamente em que prédio e em que andar se encontra a bela adormecida. Claude, seguro de si, começa a explorar andar por andar de um dos edifícios, deixando, deliberadamente, que Henri e eu fiquemos para trás, onde a procura se revela infrutífera. Henri tem sempre gestos ternos, dedos um pouco dormientes que parecem lhe servir mais para designar as coisas do que para pegá-las. Eu geralmente ajo de maneira mais direta.

De pé, colados um no outro, começamos roçando uma bunda na outra. As minhas estão nuas sob a saia. Ele não é muito mais corpulento do que eu, gosto de agarrar a bunda de um homem e, mais ainda, de poder estreitar facilmente seu corpo. Tive casos com homens grandes e fortes, mas nunca desprezei a sedução dos pequenos. O equilíbrio entre a massa de um homem e a minha, a divisão do esforço que creio ser mais equilibrado na trepada, me proporcionam um arrebatamento particular para o qual contribui provavelmente um desejo de feminização do homem, até mesmo uma ilusão narcísea: ao beijá-lo experimento o mesmo prazer que ele tem ao beijar-me.

Nas páginas que se seguem, espero fazer o relato fiel da embriaguez que me acomete quando tenho a boca ocupada por um membro turgescente; um dos agentes é a identificação de meu prazer com o do outro; quanto mais se empina, mais distintos são seus gemidos, exclamações ou palavras de estímulo, mais me parece que se exterioriza o apelo louco no fundo de meu próprio sexo. No momento, esforço-me em reconstituir a cena com Henri, sabendo que eu o chubei com um ardor que, segundo ele, o deixou admirado. Como fiz? Será que em seguida à pressão instintual dos púbis, um contra o outro, caí a seus pés, conduzida pelo círculo dos meus braços que deslizaram ao longo de seu corpo sem largá-lo, e que, ajoelhada, e segundo um hábito meu, antes passei meu rosto, face, testa, queixo, sobre um relevo que por sua forma e sua dureza sempre me fez pensar em um grande ovo a ser reabsorvido? A luz se apagou. Henri juntou-se a mim no tapete e nos enroscamos abaixo dos degraus, em frente ao vão do elevador. Libertei o objeto aprisionado por trás das casas de botões esticadas da braguilha e, com um movimento lento e regular de minha mão, ajudei-o a tomar a forma

que convém. Depois disso, com a cabeça abaixada entre suas pernas dobradas, encadeei um vai-e-vem similar com os lábios. A luz reacendeu suspendendo minha ação.

Percebi o medo martelando em meu peito e ressoando em meu ouvido, seu eco chegava até as zonas voluptuosas do baixo-ventre... A luz não foi seguida de nenhum barulho. Na espera, mantive por reflexo a mão pousada como em um esconderijo sobre a verga, muito inchada para poder voltar a entrar em seu alojamento decente.

Depois, mais tranqüilos, nos acomodamos melhor nos degraus. Algumas regras da trepada, sobretudo quando a situação é pouco favorável aos exageros, parecem-se com as da polidez: cada um dos parceiros, alternadamente, se dedica ao corpo do outro subtraindo provisoriamente o seu do alcance do outro, como fazem duas pessoas que trocam agradecimentos ou cumprimentos descosturados e tentam superar um a outro com gestos de atenção desinteressada. Os dedos de Henri desencadearam uma verdadeira mecânica de biela no interior de minha boceta. enquanto eu me recostava na aresta do degrau e minha boca só sorvia a luz ambiente. E eu continuava segurando firmemente seu membro, tendo, porém, interrompido o movimento ascendente e descendente. Depois, sentindo-me momentaneamente satisfeita, fechei as pernas e mergulhei novamente minha cabeça entre as pernas dele.

Com nossos gestos, não ocupávamos mais espaço do que o dos nossos corpos encaixados. A luz se acendeu duas ou três vezes. Nos intervalos, poderíamos dizer que a obscuridade nos escondia em uma sinuosidade na parede do poço que formava o vao da escada. A luz forte chicoteava minha testa e eu chupava mais rápido. Não sei mais se Henri esporrou "de dia" ou "de noite". Os tapinhas de sempre com a palma da mão para desamassar as roupas e para colocar os cabelos no lugar.

Quando Claude e eu passávamos as noites com amigos e acontecia de eu trepar inopinadamente sem que ele visse, ao revê-lo sempre me acometia um desapontamento difuso. Acho que acontecia o mesmo com quem estivera

comigo. Claude nos esperava embaixo da escada; fez cara de estar chegando de outro prédio. Henri achou-o com um ar estranho. Tínhamos desistido de descobrir a porta certa.

Doença, sujeira

Todo nicho onde o corpo experimenta uma plenitude inversamente proporcional ao lugar de que dispõe, onde se expande quando está mais contraído, desperta nossa nostalgia do estado fetal. E só usufruímos plenamente dessa situação quando, no interior desse nicho, a vida orgânica retoma todos os seus direitos, e podemos nos abandonar ao que se parece muito com o princípio de uma regressão. A higiene nunca exigiu que os lugares destinados a satisfazer nossas necessidades fossem locais onde ficássemos isolados, como os reservados ou privadas. O pudor foi o pretexto para esta convenção. Porém, o pudor não reflete uma preocupação com nossa dignidade nem com o incômodo do outro, e sua razão oculta é a liberdade de experimentar sem contenção o prazer da defecação, de inalar o balsâmico fedor próprio ou ainda de examinar meticulosamente nossas fezes — rituais dos quais Salvador Dalí, por exemplo, nos deixou descrições comparativas e imagísticas. Não me disponho a contar histórias escatológicas, quero somente me lembrar aqui de circunstâncias banais, quando as funções de meu corpo se encontraram em conflito. E, como nunca encontrei admirador declarado de meus peidos e de minhas fezes, assim como também não procurei apreciar os dos outros, essas confrontações significaram um combate incerto entre prazer e desprazer, gozo e dor.

Tenho muitas enxaquecas. Chegando de avião a Casablanca, fico sufocada com o calor no aeroporto, esperando durante muito tempo a liberação de minha bagagem. A viagem não acabou, Basile, o amigo arquiteto que me convidou, me leva de carro até o vilarejo de férias que construiu e onde possui uma pequena casa.

Parada em um caminho afastado da estrada. O dia está bonito, uma folhagem espaçada se agita à nossa volta sob uma luz clara. De quatro no banco de trás, empino como sempre o rabo a tal ponto que é possível compará-lo a um balão enfunado para fora do carro, pronto para se soltar do resto do corpo e voar. Enquanto o balão é trespassado por um dos cacetes mais acerados que

conheci, sinto os primeiros sintomas. Flashes embaralham minha visão e acentuam a impressão do faiscar da luz. Na última descarga, tudo que é meu corpo além do rabo, deixa de existir, vazio de substância como um fruto que se deixa encarquilhar, decomposto na fosforescência.

Ou, mais exatamente, não há mais nada entre meu crânio mineralizado pelas tenazes da dor e a epiderme de minha bunda onde se alongam as últimas carícias. Eu era incapaz de articular uma só palavra. Chegando ao destino, deito-me, esticada, na cama alta e profunda. As duas pesadas terminações a que meu corpo estava reduzido — uma onde se aniquilava na dor, outra que o prazer tinha abandonado em uma letargia — vinha-se juntar o peso da náusea que acompanha as dores de cabeça muito fortes. Assim, eu não era mais do que um simulacro de corpo, lastreado nos três únicos órgãos que me restavam, do qual se ocupava silenciosamente um homem apreensivo. Ora, quando a enxaqueca me joga assim no fundo de um quarto mergulhada no escuro, e fico sem forças até para descolar de minha pele o lençol impregnado do suor de uma noite e de um dia inteiros, e respiro o azedo atenuado de meu vômito como a única percepção que guardo (o que não me provoca uma dor intolerável), acontece-me de imaginar com o que resta de meus recursos mentais que, neste estado, com a cavidade das órbitas alargadas por círculos acinzentados e com o ângulo interno das pálpebras e a raiz do nariz enfiados em uma mesma contração, estou exposta a olhos estranhos. Jacques já está bastante acostumado e um médico tem a distância clínica suficiente. Gostaria que Jacques me fotografasse nesses momentos e que essas fotografias fossem publicadas, e vistas, por exemplo, por leitores de meus artigos e livros. De alguma maneira, esse estado de completa impotência, em função de um sofrimento muito intenso, encontraria uma espécie de compensação no fato de arrematar meu aniquilamento físico, inscrevendo-o no olhar dos outros. A relação com Basile sempre foi leve, divertida e de um prazer inteiro. Se tive de passar mal em sua presença, isso deveria ser vivido com a mesma simplicidade com que me entregava quando ele me enrabava, isto depois de termos comido bem e de eu ter permitido que minha bar ríga inchada expelisse alguns peidos. Ele era um homem vivo e perspicaz, com quem tinha boas conversas, e que um dia tinha feito a gentileza de elogiar meu nariz grande, fonte de muitos complexos, mas que ele achava que me dava personalidade. Era também alguém que gozava

principalmente em meu rabo, mas não sem antes estimular com um indicador seguro o ponto mais reativo de meu corpo. Nos momentos em que eu não era capaz de trocar a menor palavra com ele, nem reagir ao contato de suas mãos, restava-me a capacidade de oferecer a ele o espetáculo em que me entregava a uma completa retração de minha pessoa.

As dores de cabeça têm, na maioria das vezes, causas extremamente difíceis de diagnosticar, os que estão sujeitos ao mal sabem bem disso, o que, de certa maneira, os dispensa de remorsos quando a causa é evidente e eles são os responsáveis: abuso de álcool ou exposição ao sol.

Em toda minha vida, fiquei bêbada apenas duas ou três vezes. Uma dessas vezes, eu estava com Lucien, que tinha se deitado sobre mim, no tapete da sala de sua casa, diante de seus amigos, sem que sua mulher soubesse.

Ele tinha me levado para jantar fora de Paris na casa de um jovem casal. Sem me dar conta, tomei muito champanhe. Eles moravam num grande pavilhão com entrada diretamente pela cozinha, que também servia de sala de jantar. No fundo, havia duas portas contíguas, cada uma dando para um quarto. A noite deve ter continuado no quarto deles.

Tento reconstituir: Lucien me leva para a cama com a cumplicidade do rapaz; eles começam a me bolinar, concentro minha atenção na prospecção das braguihas.

A jovem mulher fica um pouco retraída, seu namorado a abraça, a beija e a estimula a vir se deitar conosco. Ela vai para o banheiro, ele a segue, depois volta explicando "que esta não é a onda de Christine, mas que a gente pode fazer o que quiser, que isto não a incomoda.

Observo o jogo como se acompanhasse involuntariamente uma peça radiofônica que ecoa no pátio do imóvel, no verão, quando as janelas do vizinho estão abertas. Certamente, em respeito a Christine, que no entanto não reaparece — estará ela ocupada diante do espelho do lavabo? Estará indecisa, sentada na beirada da banheira? —' vamos para o outro quarto.

Não me lembro absolutamente se nosso anfitrião me penetrou ou não, em compensação sei que, completamente apática, dei para Lucien. O edredom era um abismo onde se enfurnava meu baixo-ventre: Lucien, que certamente percebia meumal estar, penetrava sem muito impacto minha vagina, que amolecia, fugia, aspirada pela profundidade, enquanto uma potência paralisante mantinha minha cabeça, minha nuca, meus ombros até os braços, ligeiramente afastados, colados na horizontal.

Assim mesmo encontrei forças para me levantar. Quantas vezes durante a noite? Quatro, cinco vezes? Nua, eu atravessava a cozinha, ia até o jardim.

Chovia a cântaros. De pé, eu vomitava diretamente no chão, sem procurar um canto na aléia. É preciso dizer que cada espasmo converte nisto o trabalho da forja sob a caixa craniana, como um último rasgão no metal batido. O corpo inteiro entra na massa da cabeça e torna-se um punho fechado que seria capaz de segurar uma lâmina. A chuva fria apaziguava momentaneamente a dor. Voltando para o quarto, de passagem, eu bochechava na pia da cozinha. No dia seguinte de manhã, quando trouxeram da farmácia o remédio salvador, quando tudo acabou, Lucien me assegurou ter me comido muitas vezes durante a noite e que eu parecia sentir muito prazer. E uma das muito raras circunstâncias em que agi estando inconsciente. Alguns meses mais tarde, recebi a visita da moça. Ela e o namorado tinham sofrido um terrível acidente de carro. Ele tinha morrido e sua família expulsou-a da casa onde moravam. Ela inspirou-me uma compaixão real, ao mesmo tempo que experimentei a estranheza da continuação de um pesadelo.

A lembrança desses episódios leva a um outro. Não foi depois de ter comido demais, como com Basile.

Era um dia que, ao contrário, eu devo talvez ter comido alguma coisa estragada e estava com o intestino desarranjado. Lucien insistia veementemente em me enrabar. Por mais que eu disfarçasse, começando uma fervente felação, não pude impedi-lo de enfiar os dedos o mais próximo possível de meu cu e percebi, envergonhada, que ele se sujou com um pouco

de matéria líquida. Ele meteu seu cacete. O prazer proporcionado por essa utilização do rectum é evidentemente da mesma família do que se experimenta nos segundos que precedem a expulsão das matérias fecais, mas, naquele momento, a conjugação de ambos foi muito próxima para que não parecesse um suplício. Nunca me entreguei aos jogos escatológicos, nem espontaneamente nem levada por homens que os praticavam. A observação que também faço acerca desses incidentes é que eles aconteceram em companhia de homens muito mais velhos do que eu, um e outro podendo ser relacionados, por motivos aliás diferentes, a figuras paternas. Depois de se retirar, Lucien tinha ido se lavar, sem outro comentário que não o de que eu tinha sido muito boba ao ficar desapontada, uma vez que tinha sido muito bom. Senti-me muito confortada.

Certos aspectos do absoluto bem-estar que experimentamos no prazer — quando, por assim dizer, nos desfazemos do próprio corpo junto com alguém — podem ser reconhecidos também quando nos desfazemos deste corpo no desprazer, na abjeção ou ainda na dor mais viva. Já tratei do tema do espaço aberto que nos apropriamos, da tentação de atrair os olhares desconhecidos para a própria nudez como para uma vitrine. Nesse caso, aliás, a nudez é uma vestimenta, e exibi-la depende de uma excitação comparável a que se manifesta, inversamente, quando nos arrumamos, nos vestimos e nos maquiagemos para seduzir. Insisto na palavra excitação, escalada do desejo dirigido à resposta que lhe dará o mundo exterior. Não se trata seguramente de excitação quando nos dobramos no escoamento ininterrupto da dor ou da imediata satisfação das funções elementares: quando o corpo não tem forças para ocupar mais nenhum lugar além de um espaço delimitado no colchão, que o jato de vômito espirra até a ponta dos pés, que um pouco de cocô mina entre as nádegas. Se a isso se mistura volúpia, não é pelo fato do corpo se sentir tragado pelo que é maior do que ele, é pela impressão de o poço não ter fundo, e, assim, ao exteriorizar a atividade de suas entranhas, acaba fazendo supor que ele pode ser penetrado por tudo que o cerca.

Se um dos significados da palavra "espaço" é o vazio, se quando empregada sem qualificativos ela evoca prioritariamente um céu puro ou um deserto, o espaço exíguo é quase sempre automaticamente visto como um espaço cheio. Quando expiro profundamente ao ar livre, minha imaginação remete-me, de

bom grado, para um depósito de latas de lixo. Quase sempre no imóvel que eu habitava em minha infância. Com as costas no muro, sou fodida, entre latas de lixo de ferro entalhado, por um homem que, diante das circunstâncias, coloca no chão um balde cheio de lixo.

Nunca realizei esta fantasia, mas convivi assiduamente com um homem que vivia em tal desordem e sujeira que o ideal da lata de lixo devia ocupar um lugar em seu inconsciente. Ele era um esteta, teórico claro e empedernido, metucioso ao se expressar. O apartamento tinha dois minúsculos cômodos, as paredes eram inteiramente cobertas de estantes entulhadas de livros e discos empilhados em todos os sentidos, sendo que algumas das estantes já haviam cedido sob o peso das coisas. Três quartos de um dos cômodos eram ocupados pela cama, da qual aliás apenas vi lençol e colcha amontoados, e onde só era possível deitar depois de afastar montanhas de livros, jornais e papéis. No outro cômodo, não apenas a mesa parecia ter sofrido a vingança de um ladrão que não encontrou o que procurava, mas também o chão, onde se andava em meio a pilhas de livros e catálogos soterrados, montes de envelopes abertos e folhas amassadas, páginas em leque que pareciam ainda ter alguma utilidade. Tudo isso e a poeira não eram nada perto dos copos, cujo fundo guardava uma película marrom de uma bebida ressecada, e que serviam de peso marcando outros papéis com rugas circulares e empoeiradas. Uma camiseta acinzentada ou uma esponja de toalha endurecida viviam misturadas aos lençóis, e para conseguir um pedaço de sabão na pia da cozinha era necessário prospectar camadas arqueológicas de pires e de xícaras nas quais as migalhas tinham formado uma crosta, como a terra sobre um vestígio recém-exumado. Tudo isto dava enjôo. Passei muitas noites neste pardieiro. Seu locatário não era muito diferente. A constatação de que ele nunca deve ter praticado esse ato de conforto e urbanidade que é escovar os dentes, constituía, para mim, uma fonte inesgotável de perplexidade. Quando ria, seu lábio superior levantava a cortina sobre uma placa amarela pintalgada aqui e ali de preto. Se, sem dúvida alguma, toda mãe ensina aos filhos as noções elementares de higiene, eu me perguntava a que nível de amnésia da infância ele tinha chegado. Ele gostava muito de que se brincasse com sua bunda. Ficava logo de quatro, oferecendo uma bunda larga, mais para branca, e sua expressão era de seriedade na espera. Então, eu ficava ao seu lado equilibrada sobre meus joelhos afastados, a mão

esquerda ligeiramente pousada sobre suas costas ou seus quadris, e com a mão direita umedecida começava massageando o contorno do ânus, depois enfiava dois, três, quatro dedos. Com as costas arqueadas e o movimento frenético dos braços, eu fazia lembrar uma cozinheira tentando recuperar um molho ou um artesão polindo sua obra. Seus gemidos tinham a mesma sonoridade nasal que seu riso. Ao escutá-los eu podia avaliar o fruto de meu esforço e isso me levava a uma superexcitação tamanha que era com pesar que eu interrompia o movimento doloroso. Depois, encadeávamos as posturas com a lógica de acrobatas que, de uma figura à outra, acabam por trocar de lugares. Eu substituía meus dedos pela língua, depois escorregava para fazer um 69, e depois era minha vez de ficar de quatro. O nível agudo do prazer que eu atingia então era uma questão também recorrente.

Poucas pessoas conhecem um antro de perto, e ser fodida dentro de um reaviva, sem dúvida alguma, a predileção infantil pela cloaca. A cloaca é um lugar escondido, não por ser humilhante ser visto nele, mas porque, a exemplo dos animais que exalam um cheiro infecto para afastar o predador, dela fazemos uma espécie de capa protetora onde nos refugiamos como em um ninho, que é ainda mais seguro por ser em parte tramado pelas próprias excreções. No entanto, do ponto de vista de meu grupo, o homem em questão era mais sujo do que o geralmente admitido para um intelectual, na maioria das vezes, negligente com sua aparência. Eu não desencorajava perguntas, nem comentários. Havia um desafio controlado em minha reação. "Está bem, como você está vendo, tomo banho de manhã, ponho uma calcinha limpa, e me esfrego nessa imundície." Sendo necessário: "Me esfrego nele da mesma maneira que monto em você.

Não é preciso ser grande psicólogo para perceber nesse comportamento uma inclinação para o auto-aviltamento, misturada com o objetivo perverso de aliciar o outro. Mas a tendência não parava aí: eu era levada pela convicção de usufruir de uma liberdade fantástica. Trepar além de toda repugnância, não era apenas me aviltar, era, no reverso desse movimento, pairar acima dos preconceitos. Há os que transgridem interdições tão potentes como o incesto. Contentei-me em não ter de escolher meus parceiros, sem me importar com o número (dadas as condições segundo as quais me entregava,

se meu pai fosse um deles eu não o teria reconhecido), e, posso dizer, sem me importar com o sexo e com suas qualidades físicas e morais (da mesma maneira que não procurei evitar um homem que não tomava banho, eu, com conhecimento de causa, freqüentei três ou quatro personagens covardes e imbecis). Sempre esperei pelo dia de ser trepada por um cachorro amestrado, coisa que Éric sempre prometeu, mas que nunca se realizou sem que eu saiba exatamente se perdemos a oportunidade ou se ele achava que isso deveria ficar apenas no campo da fantasia. Já fiz aqui algumas reflexões sobre o espaço.

Acabei falando de animais e da imersão na animalidade humana. Através de que atalho podemos resumir melhor o contraste de experiências em que se misturam o gozo que nos projeta para fora de nós e a sujeira que nos apequena? Talvez este: em certos trajetos feitos por avião, adoro contemplar durante muito tempo, através da janela, uma paisagem desértica. Nos trajetos mais longos, o enclausuramento na cabine favorece o relaxamento de todos os passageiros e, na promiscuidade, acabamos por trocar com os vizinhos o bafo das axilas úmidas e dos pés aquecidos. Quando a imersão nessa atmosfera densa limita mais meus movimentos do que o cinto de segurança, fico então maravilhada se, simultaneamente, me for dado abraçar com um só olhar uma superfície da Sibéria ou do deserto de Gobi.

No escritório Necessidade de suturar o corte entre o interior e o exterior de meu corpo e, sem atingir uma analidade franca, faculdade de ficar à vontade na sujeira: alguns traços de minha personalidade sexual alimentam pequenas tendências regressivas. Acrescentaria igualmente o hábito de praticar o ato sexual em um máximo de lugares do espaço familiar. Alguns desses lugares são os que permitem ao casal manifestar a urgência do desejo e experimentar, na mesma oportunidade, posições inéditas, entre a saída do elevador e a entrada do apartamento, na banheira ou na mesa da cozinha. Outros pontos dos mais excitantes pertencem aos espaços de trabalho. Aí se articulam o espaço íntimo e o espaço público. Um amigo, que eu encontrava em seu escritório que dava para a rua de Rennes, gostava de ser chupado em frente à parede envidraçada que ia até o chão, e, ajoelhada na contraluz, a agitação eufórica do bairro contribuía para o meu prazer. Na cidade, na falta

de horizonte longínquo, gosto de ocupar um ponto de vista a partir de uma janela ou varanda, aprisionando em um alojamento secreto uma pica langorosa. Em casa, deixo vagar o olhar acima do pátio estreito sobre as janelas dos vizinhos; do escritório que tive no boulevard Saint-Germain, contemplava a fachada maciça do Ministério das Relações Exteriores. Já me referi a alguns desses pontos ao falar do temor refinado provocado pela exposição ao olhar de testemunhas involuntárias. A essa tentação exibicionista, acrescentarei a pulsão de marcar meu território, como o faria um animal. Da mesma forma que o animal, com alguns jatos de urina, define o lugar que será seu, com algumas gotas de porra no degrau de uma escada ou no carpete do escritório impregnamos de nosso eflúvio o compartimento onde todo mundo vem arrumar suas coisas.

Apropriamo-nos por osmose desse terreno, ao inscrever nele o ato através do qual o corpo excede seus próprios limites. E invadimos os dos outros. Não há dúvida de que nessa operação existe um pouco de provocação, até de agressividade indireta em relação aos outros. A liberdade parece ainda mais abrangente quando a exercemos em um lugar em que a convivência profissional impõe regras e limitações, quando dividimos esse lugar com as pessoas mais discretas e tolerantes. Sem contar que ao anexar a nossa esfera privada coisas que lhes pertencem, um pulôver esquecido para proteger os quadris, as toalhas de mão de uso comum do andar para esfregar entre as pernas, estamos, de uma certa maneira, imiscuindo-os em uma situação que desconhecem. Há lugares que freqüentei dessa maneira, em que me sinto mais à vontade do que os que neles passam a maior parte de seu tempo, porque deixei a marca úmida de minha bunda onde eles deixam seu material de trabalho e seus dossiês.

Isso não impede que não me passe pela cabeça a possibilidade de que eles também tenham desviado a função de seu espaço de trabalho e que, assim, teríamos trepado indiretamente.

Metodicamente, fui estabelecendo o perímetro de um território sexual nos locais de trabalho. Alguns lugares são particularmente propícios, como o local onde fica instalado o laboratório fotográfico ou as grandes peças cegas

onde são geralmente guardados os pacotes de jornais. O primeiro é fechado apenas por uma cortina.

Sua exigüidade só permite ficar de pé e ali ficamos banhados por uma espécie de luz de cabaré. A luz aveluda a pele, essa percepção ótica exacerba o tato e assim basta um simples roçar de peles. A medida que os corpos se desencarnam, a luz vermelha dá uma transparência à pele clara e apaga as partes escuras, os cabelos e a roupa que não despimos.

No depósito de jornais o mais difícil é encontrar o lugar.

O espaço recortado em fileiras paralelas pelas estantes é uniforme, uma fileira não nos protege mais do que outra do olhar intruso e, de toda maneira, os espaços vazios entre as pilhas de papel acabariam permitindo a visão. A tal ponto que somos obrigados a nos colocar nesse lugar de acumulação tão arbitrariamente quanto o faríamos em um espaço aberto, não sem antes termos de nos virar um pouco sobre nós mesmos. Para mim, nesses lugares, era preferível a felação por ser um ato mais fácil de ser interrompido. Penso que isto se deve ao aspecto neutro do lugar. Em um bosque, em um caminho deserto, em qualquer recinto público, existe sempre uma boa razão para escolhermos ficar atrás de certo grupo de árvores, certo canto de porta, porque oferecem mais comodidade ou segurança, ou porque apresentam um atrativo lúdico ou estético. Aqui, não há nada disso. Então a permanência é forçosamente curta, porque podíamos nos deslocar alguns metros mais para longe, migrando de um lugar para outro. A isto soma-se o fato de que, se pensamos na hipótese de sermos surpreendidos em flagrante delito em um lugar pitoresco, seria quase uma humilhação sermos apanhados em um lugar tão desinteressante.

Gosto muito da atmosfera dos escritórios desertos, onde reina uma calma que não é como a de uma pausa, mas sim como a de um suspense. Embora a agitação do mundo do trabalho tenha cessado, ele permanece como uma ameaça, através da campainha de um telefone persistente, uma tela de computador, um dossiê que ficou aberto. Todas as ferramentas, todo material, todo o espaço exclusivamente à disposição dão a ilusão, mas apa

ziguadora, sensação de que disponho de uma força de trabalho ilimitada. Como já disse, quando os outros liberam o espaço, liberam o tempo, e é como se eu tivesse a eternidade à disposição para aprender a usar todos os aparelhos, analisar e resolver todos os problemas, como se a possibilidade de entrar em um escritório sem ser anunciada e sem ter de me desculpar tornasse mais fluida minha vida atropelada.

Nessas condições, e nas vezes que era encontrada em minha solidão por um colaborador e parceiro sexual, muito raramente aproveitei do semiconforto do carpete. Foram sobretudo os planos de trabalho que me serviram de apoio. Poderíamos pensar que a posição — a mulher sentada na beirada da mesa, o homem em pé entre suas pernas separadas — seja mais fácil de ser desfeita no caso da chegada de um colega. Não é este o caso. A verdade é que os gestos se encadeiam. Com Vincent, que era diagramador, acontecia de examinarmos a paginação lado a lado sem nos sentarmos, porque ele era um homem apressado, e talvez porque achássemos conveniente manter no mínimo trinta centímetros de recuo suplementar para facilitar a perspectiva de visão. Uma pequena hesitação era suficiente para que eu me virasse. Um ligeiro movimento, a bunda ao lado dos diagramas das páginas, e eu já tinha o púbis na altura necessária. A altura é importante. Geralmente, o momento propício para passar da conversa profissional para a trepada silenciosa corresponde a um relaxamento da concentração, quando é preciso, por exemplo, procurar um documento em uma gaveta embaixo de um móvel. Abaixando-me para pegá-lo, exibo minha bunda. Tudo o que ela quer sentir é a ação de duas mãos firmes. Em seguida, procura apoio na mesa; sou sempre precavida quando se trata de abrir o espaço em volta para estender minhas costas. Mas nem todos os lugares de trabalho têm uma boa altura, alguns são muito baixos, e existem mesas em que jamais me deitarei novamente. Um diretor de arte com quem me encontrava em sua agência tinha resolvido a questão astuciosamente, adotando o uso de cadeiras giratórias que se ajustavam milimetricamente. Eu me sentava com o sexo exatamente diante do dele.

Atrás dele, deixávamos uma mesa para que eu pudesse apoiar os pés. Assim podíamos ficar muito tempo sem nos cansarmos, eu como se me encontrasse em um transatlântico, ele, com o tronco tão flexível como se tivesse girando

um bambolê. Intermitentemente, ele substituía seu movimento pelo do assento da cadeira, que segurava com as duas mãos e fazia girar ligeiramente de um lado para o outro.

Tabus

Raramente tenho medo de ser apanhada em flagrante durante uma trepada. Nas páginas precedentes, várias vezes fiz alusão à consciência do risco inerente à prática do sexo em lugares indevidos, uma vez que isso também faz parte do prazer. O risco é quase sempre medido e limitado por convenções implícitas: assim como um freqüentador do bosque de Boulogne saberá mapear lugares proibidos onde o sexo é possível e os lugares em que é definitivamente impossível, quase não fiz sexo nos escritórios durante os horários de trabalho... De uma maneira prosaica, a convicção de que a sexualidade, seja qual for a forma através da qual se exprima, é a coisa mais bem partilhada do mundo me assegura que nada de desagradável acontecerá. Quem testemunha involuntariamente um ato sexual, se não é levado à participação, será, no entanto, suficientemente atingido em suas próprias pulsões para não reagir, para manter uma reserva pudica. Quando Jacques se pergunta sorrindo qual teria sido a reação do jovem caminhante que acaba de nos cumprimentar se tivesse nos encontrado dois minutos antes — quer dizer, quando estávamos com as calças arriadas e nossos corpos balançavam a folhagem à beira do caminho, exatamente como faz um pequeno animal que perturbamos —, respondo que nada teria acontecido.

A isso acrescentaria que só temo os que conheço muito bem, não os anônimos para quem estou pouco ligando e, neste caso, não acho que eu seja a única. Na verdade, para mim, a utilização da casa que dividimos com alguém, em sua ausência e desconhecimento, constitui o único tabu. Em um começo de tarde, Claude chegou em casa — um grande apartamento burguês para onde acabávamos de nos mudar — e entrou no quarto de hóspedes perto da porta de entrada. Ele interrompeu uma copulação a que eu não tinha resistido. Era a primeira vez fora do grupo que eu aproveitava plena e agradavelmente o corpo de Paul.

Claude saiu sem dizer nada. Vi Paul levantar-se, ocupando toda a largura da porta com seu corpo, a bunda proporcionalmente muito pequena, e ir atrás de

Claude. Através da porta, escutei: "Me desculpe." Fiquei impressionada com a pouca ênfase com que ele exprimia seu embaraço real. Em compensação, no que me diz respeito, mesmo já tendo trepado com Paul sob os olhares de Claude, e embora ele nunca tenha mencionado o incidente, jamais consegui me lembrar dele sem experimentar uma culpa renitente. Eu poderia considerar o quarto de hóspedes como um território relativamente neutro. Mas o quarto comum, o leito "conjugal" está submetido a uma interdição absoluta. Uma vez, esta deliquescência de todo o meu corpo e da minha vontade como minha reação fatal aos primeiros contatos com um homem, me conduziu à soleira do quarto que continua sendo o nosso, meu e de Jacques. Mas eis que não consegui nem mesmo me apoiar no alizar da porta, inconsciente mente com medo de desencadear o mecanismo de uma armadilha.

Então, comecei a saltitar em uma perna só, recuando, porque o homem de joelhos diante de mim, na pressa de chegar à xoxota por baixo da saia, tinha colocado uma de minhas coxas sobre seu ombro. Perdi o equilíbrio ao chegar ao pé da cama. Um olhar incrédulo estava fixo em mim através do V de minhas pernas no ar. Encerrei o encontro com o rabo entre as pernas.

Estes são os limites fixados pela moral, que pertence muito mais à esfera da superstição do que à ação de uma inteligência clara ou ao que seria a fronteira entre o bem e o mal. Em primeiro lugar, esses limites só emitem sinais de um lado; de manhã em um banheiro que não o meu, nunca tive escrúpulos de eliminar o cheiro da noite anterior utilizando um sabonete perfumado que também não era meu. Em segundo, já traí de uma maneira que, se revelada ao traído, poderia machucar muito mais do que o fato de ele saber que eu tinha trepado com outro sob seus lençóis.

Empresto ao outro esta aderência ao ambiente que eu mesma experimento, que faz de todo objeto íntimo ou que tenha servido a um propósito íntimo, uma espécie de extensão do corpo, uma prótese sensível. Se na ausência da pessoa, tocamos um objeto que a toca, é a pessoa que é atingida por contigüidade. Numa suruba, minha língua podia lambe uma xoxota onde alguém, que tinha se excitado antes comigo acabara de esporrar, mas apenas

pensar em me enxugar com uma toalha que uma mulher, vinda clandestinamente à minha casa, tivesse passado entre suas coxas, ou que Jacques utilizasse a mesma toalha que um convidado de quem ele ignorasse a visita, me horroriza tanto quanto uma epidemia de lepra. Além do medo, entra aqui em jogo uma hierarquia segundo a qual dou mais importância ao respeito à integridade física (a tudo que se liga a ela, a tudo que ligo a ela...) do que ao respeito à serenidade moral, considerando que o atentado à primeira é menos remediável que o atentado à segunda.

Minha tendência (que também aprendi a relativizar) é de pensar que "a gente se vira melhor" com uma ferida invisível do que com uma ferida externa. Sou uma formalista.

Confiante Em minha vida as imagens têm papel dominante e, sendo assim, o olho é, mais que qualquer outro, o órgão que me norteia. No entanto, este traço de personalidade é permeado por um paradoxo: no ato sexual, fico completamente cega. Digamos que, nesse continuum que é o mundo sexuado, eu me desloque como uma célula em seu tecido. Para mim, eram agradáveis as saídas noturnas e o fato de ser cercada, segurada e penetrada por sombras. Mais ainda, posso seguir cegamente aquele que me acompanha.

Deixo tudo a seu cargo, abandono meu livre-arbítrio; sua presença impede que possa me acontecer qualquer mal.

Quando Éric estava ao meu lado, podíamos andar durante muito tempo em direção a um lugar desconhecido, no campo ou no terceiro subsolo de um estacionamento, e jamais fazia qualquer pergunta. Pensando bem, era menos estranho quando não acontecia nada. Tenho uma lembrança ruim do subsolo de um restaurante marroquino, perto da praça Maubert, um bairro que não tínhamos o hábito de freqüentar. As banquetas e mesas baixas ficavam dispostas sob a abóbada da pequena adega onde fazia um pouco de frio. Jantamos sozinhos, minha blusa estava desabotoada e minha roupa em desalinho. Quando o garçom ou aquele que eu pensava ser o dono trouxe os pratos, Éric abria um pouco mais minha blusa, passava com insistência a mão sob minha saia. Lembro-me bem mais do olhar dos dois homens sobre

mim, pesado e sem acolhimento, do que de seus toques rápidos, pontuais, respondendo ao convite mudo de meu companheiro.

Interrompi as preliminares enfiando logo o sexo de Éric em minha boca. Minha intenção não era, sobretudo, a de me livrar de uma vez da atitude pouco amistosa do pessoal? Saímos do restaurante sem terminar de jantar. E a clientela habitual, onde estava? Eric, que conhecia bem o lugar, não teria superestimado a recepção que nos teria sido reservada? A expectativa tinha sido mais inquietadora do que o surgimento em um lugar impróprio de uma tropa de desconhecidos, todos de pau de fora.

Com Eric, eu não duvidava de que todo indivíduo que encontrássemos, em quaisquer circunstâncias, fosse capaz, através de um sinal imperceptível de sua parte, de abrir minhas coxas e deslizar seu membro entre elas. Não pensava que pudesse haver exceções, como se Eric fosse um barqueiro universal para me conduzir não a uma terra prometida, mas para que o mundo inteiro penetrasse em mim, indivíduo por indivíduo. Daí minha perturbação naquela noite.

Em certas zonas incertas onde eu encontrava uma população cujas diferenças sociais eram niveladas pelo igualitarismo sexual, nunca tive razões para temer a menor ameaça ou brutalidade, na verdade, fui até objeto de uma atenção que nem sempre encontrei em uma clássica relação a dois... Quanto ao "medo do guarda", ele não existe. Por um lado, tenho uma confiança infantil no homem com quem estou: para mim, ele sempre tem o controle da situação e a capacidade de garantir nossa segurança. E, de fato, nunca houve um único incidente. Por outro lado, se fico muito envergonhada diante de um fiscal de metrô que me pede agressivamente uma passagem que não sei onde coloquei, não fi caria mais do que contrariada se fosse presa em flagrante delito de exibicionismo em via pública, O corpo descoberto pelo representante da ordem não seria mais que o corpo penetrado por desconhecidos no bosque de Boulogne, menos um corpo habitado do que um caramujo de onde eu seria retirada.

Despreocupação e inconsciência que também estão ligadas à determinação e à constância de que sou capaz no ato sexual, como aliás em outras

atividades, e que estão relacionadas com a dissociação do ser que evoquei há pouco: ou a consciência se aniquila nessa determinação, não permitindo considerar o ato com distância, ou, inversamente, com o corpo entregue a seus automatismos, a consciência escapa e perde toda a relação com o ato. Nestes momentos, nada que venha de fora pode incomodar o meu corpo e o de meu parceiro, uma vez que nada existe fora do espaço que ocupam. E este espaço é estreito! É bastante raro alguém trepar em lugar público ocupando muito espaço, ficando muito à vontade. É mais comum que acabemos nos retraindo um dentro do outro.

Poucos lugares são tão limitados por zonas proibidas como um museu: proibição de se aproximar das obras, muitos acessos... mas fechados ao público. O visitante avança com o sentimento vago da existência de um mundo paralelo ao seu, invisível e de onde ele é vigiado. Henri, um amigo chamado Fred e eu tínhamos aproveitado uma porta entreaberta, no fundo de uma sala gigantesca do Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, naquele momento deserto, para entrarmos por trás de uma parede fina que escondia a desordem de uma reserva técnica ali instalada, suponho que provisoriamente. Não nos aventuramos muito longe. O espaço estava entulhado, e resolvemos nosso assunto rapidamente, sem pensar muito. O fato é que, como havíamos deixado a porta na posição em que a encontramos, eu via uma réstia de luz no chão enquanto fazia um meio-arco entre os dois rapazes. Após alguns minutos eles trocaram de lugar. Ambos gozaram, um na boceta e outro na boca. Não sei qual dos dois interrompia intermitentemente os movimentos de seu cacete para passar seu braço em meu ventre e me masturbar. Isto me estimulava a também me masturbar e a desencadear o orgasmo enquanto o pau que murchava permanecia em minha boceta e o outro, de quem eu tinha acabado de engolir a porra, tinha saído para me liberar de minhas amarras e me deixar gozar melhor. Isto suscitou uma discussão sobre minha maneira de me masturbar. Expliquei, achando que estava revelando uma coisa extraordinária, que em condições menos precárias eu teria tido dois ou três orgasmos em cadeia. Enquanto enfiávamos sem pressa as camisas por debaixo das calças, eles zombavam de mim, argumentando que isto era a coisa mais comum entre as mulheres. Quando voltamos à luz do dia, o museu continuava tranqüilo e continuamos nossa visita à exposição. Eu passava de um quadro a outro, de Henri a Fred

para fazer alguns comentários e a visita se tornou ainda mais prazerosa pelo fato de estar fundada em uma cumplicidade que, desde então, me ligava aos dois homens e àquele lugar.

Eu estava bem enquadrada na reserva técnica escura, meu corpo dividido em dois entre dois outros corpos, meu olhar mergulhado ao longo das pernas aprumadas.

Estou convencida de que a limitação de meu campo de visão engendra de uma maneira bem primitiva a conjuração de tudo que possa me ameaçar, ou apenas me incomodar, ou mesmo daquilo que não tenho vontade de levar em conta por uma razão ou por outra. O corpo daquele que tapa minha visão e o do outro que está do outro lado, e que não posso ver não têm existência real. Assim, na mesma posição que no museu, desta vez no primeiro andar de uma loja de artigos sado-masoquistas do boulevard de Clichy — novamente em um lugar que serve de depósito —, uma face apoiada na barriga de Éric que me sustenta pelos ombros enquanto o dono da loja, com movimentos bruscos, me enraba. Antes de tomar posição, observo que o homem é muito pequeno e robusto, que seus braços são curtos, mas ele se desintegra logo que desaparece de meu ângulo de visão. E nesse momento que me dirijo a Éric, e não diretamente ao homem, para pedir que ele coloque uma camisinha antes de me penetrar. O pedido o perturba, obriga-o a vasculhar nas caixas até encontrar o objeto; ele fala em voz baixa que sua mulher pode chegar a qualquer momento. Embora ele tenha um sexo bastante grosso que, certamente, forçaria a abertura, ele fica todo o tempo brincando por fora sem me penetrar. Uma moça com uma expressão reservada de empregada, vagamente carrancuda, assiste à cena. De tempos em tempos, meu olhar, de viés, cruza o dela, negro, claramente contornado de kajaal. Sinto-me como em uma cena de teatro, separada por um vazio indistinto de uma espectadora entediada, que espera uma cena acontecer. De certa maneira, acabo juntando-me a ela, uma vez que meu olhar se volta para mim e sou eu mesma que represento, mas unicamente com a cabeça, o pescoço afundado entre os ombros, a face comprimida no blusão de Éric e ligeiramente marcada pelo zíper, a boca aberta, enquanto o que acontece além da minha silhueta pertence a uma espécie de pano de fundo. As estocadas do anão me parecem

tão irreais quanto o tumulto que ecoa por trás dos bastidores para simular uma ação distante.

Uma outra vez, em uma sauna, foi a afetação de uma massagista que provocou meu desdobramento.

Os bancos de madeira, dispostos em degraus, tinham-me obrigado a me desdobrar em todas as direções. De maneira alternada, me pendurava e me elevava para alcançar com a boca as picas insistentes. Transpiro pouco. Portanto, permaneci seca o tempo suficiente para ser montada por um e outro e, ao mesmo tempo, me esforçava para reter e comandar partes do corpo que tinham se tornado viscosas. Até debaixo do chuveiro, tinham massageado meu clitóris e apertado os bicos dos meus seios. Finalmente, tinha me esticado, dolorida, na mesa de massagens. A moça falava baixo, acentuando suas frases da mesma maneira que marcava o tempo para passar talco nas mãos entre cada série de gestos. Ela percebia meu cansaço. Neste caso nada substitui um banho a vapor seguido de uma boa massagem. Ela parecia fingir ignorar a que espécie de provas meu corpo tinha estado submetido, e se dirigia a mim como a esteticista que dá uma atenção, ao mesmo tempo profissional e maternal, à mulher ativa e moderna que a ela se entrega sem pudor. Sempre gostei, sobretudo nessas circunstâncias, de me entregar a um papel. Vivê-lo me relaxava mais efetivamente do que o trabalho de seus dedos. Divertia-me ao vê-la massageando músculos que minutos antes sofriam pressões mais lúbricas. Ela também me parecia distante.

Sucessivas mudas de pele nos separavam. Ela se apropriava de um disfarce que nossa conversa ia produzindo gradativamente, mas debaixo desse disfarce havia a pele onde os toques cobriam a outros, pele da qual me desfazia de bom grado, como de uma roupa usada. Afinal de contas, eu não era mais a pequeno-burguesa dissipada que ela pensava que eu fosse, mas uma outra, de caráter sólido, que inventávamos. Que eu soubesse, naquela noite éramos as únicas mulheres no estabelecimento, mas eu me via no espaço ativo dos homens — que, de certa maneira, continuavam à minha volta —, ao passo que a via em um espaço feminino passivo, que ela ocupava como observadora, os dois espaços separados por uma brecha intransponível.

Enfim, a seleção realizada por meu olhar é redobrada pela proteção segura do olhar do outro, pelo véu com que ele me cobre que, evidentemente, é ao mesmo tempo opaco e transparente. Jacques não escolhe especialmente os lugares mais freqüentados para me fotografar nua — ele só me exibirá em um gesto especular —, mas tem uma predileção pelos lugares de passagem e sobretudo pelo caráter transitório dos objetos do cenário (carcaças de carros abandonados, materiais diversos, ruínas...), o que acaba nos conduzindo para onde esses objetos estão. Somos prudentes. Uso sempre um vestido fácil de reabotoar. Na estação fronteira de Port Bou, esperamos que a plataforma se esvazie. É bem verdade que há um trem de partida, mas duas ou três plataformas mais adiante. Os passageiros estão, de qualquer forma, muito ocupados para prestar atenção em nós, e asseguramo-nos de que os três ou quatro fiscais continuam conversando. Jacques está na contraluz e distingo mal seus sinais. Avanço em sua direção com o vestido aberto de alto a baixo. Quando ando, me sinto segura. Hipnotizada pelo faiscar da silhueta que me espera na outra extremidade, tenho a impressão de cavar uma galeria gradativamente, de abrir no ar, carregado de um cheiro acre, um longo espaço da largura do afastamento de meus braços que balançam.

Cada clicar confirma a impunidade de minha progressão. No final da linha, apoiome no muro. Jacques fará ainda algumas fotos. Negligência autorizada quando o espaço está atrás de mim. Euforia da conquista: não fomos mais incomodados no túnel que liga as plataformas, nem no grande hall vazio e sonoro, nem no pequeno terraço invadido por gatos e enfeitado por uma fonte, onde desemboca uma das saídas da estação.

A segunda sessão de poses do dia aconteceu no cemitério marinho, nas aléias ao longo das cavidades dispostas em vários andares, no túmulo de Benjamin, e em um jogo de esconde-esconde com duas ou três mulheres que caminham vagarosamente. Parece-me natural estar nua ao vento e com os mortos. Mas experimento também uma sensação de incerteza em um espaço ambíguo, ao mesmo tempo aberto e sem profundidade, entre o horizonte e o quadro da objetiva. Não é a balaustrada que me sustenta na beira do vazio, é o olhar que me segue e me conduz e desenrola entre ele e eu uma amarra.

Quando fico diante do mar, de costas para a máquina fotográfica sem que eu possa estimar a distância em que ela se encontra, essa objetiva adere como uma ventosa em meus ombros e quadris.

Depois do jantar, voltamos para o carro estacionado perto do cemitério. Agora, desfrutamos da noite e de um rala-rala, bunda e braguilha. O ato de tirar a roupa repetidamente reclama uma coroação; como, durante todo o dia, não parei de desabotoar e tirar a roupa, gostaria ainda de me abrir largamente. Estou semideitada sobre o capô e minha boceta se prepara para engolir o cacete pronto, quando latidos estridentes agridem meus ouvidos. O único halo de iluminação é atravessado pela sombra aflita de um cachorrinho, seguido por um homem que chega mancando. Pequeno momento de confusão: abaixo a saia do meu vestido, Jacques recolhe como pode suas partes recalcitrantes.

Continuando a acaricialo através da espessura da calça, insisto para tomarmos cuidado, já que não sabemos que direção o homem vai tomar e ele, como que de propósito, dá alguns passos e nos olha de lado. Jacques acha que é preferível ir embora. No carro, nervosa como costume ficar quando a frustração é muito grande, sou tomada por uma crise de raiva. Às ponderações de Jacques, respondo que o tipo teria vindo se juntar a nós. O desejo exasperado é um ditador ingênuo que acredita que nada pode se opor a ele e tampouco contrariá-lo. Não tinha também ficado com a impressão de ter sido abandonada por aquela atenção extrema que me acompanhara e protegera durante todo o dia e que constituía, de alguma maneira, meu vínculo com o mundo? A cólera nasce de um sentimento de impotência. Quando minha vontade de ser penetrada é impedida, fico dilacerada entre dois estados contraditórios: de um lado, uma incredulidade que me impede de compreender as causas — por mais razoáveis que sejam — pelas quais os outros não correspondem à minha imperiosa espera; por outro lado, uma incapacidade igualmente imbecil de forçar a resistência — por mais circunstancial, formal ou frágil que ela seja —, quer dizer, de tomar a iniciativa de um gesto de sedução, ou de provocação, que certamente os faria mudar de idéia. Quantas vezes não aconteceu de eu me enfurecer com Jacques quando o desejo, que eu não deixava transparecer, se apoderava de mim em meio a uma atividade ordinária, caseira por exemplo, e, de uma

certa maneira, eu o recriava por não conseguir ler nas circunvoluções de meu cérebro, local onde minha libido tem sua fonte? Peço desculpas por fazer aqui uma comparação indevida para falar desses caprichos, mas eu gostaria de evocar as pessoas privadas, de nascença ou em razão de um acidente, do uso de seus membros e da palavra, mas sem que a inteligência e a necessidade de se comunicar tivessem sido alteradas. Eles dependem inteiramente da criatividade das pessoas de sua convivência para quebrar seu isolamento. Isto pode ser conseguido parcialmente com uma atenção extrema aos ínfimos sinais do doente, como um piscar de olhos, por exemplo, ou ainda através de pacientes massagens que despertarão sua sensibilidade. A insatisfação sexual me joga em um estado que eu chamaria de autismo benigno, que me faz depender inteiramente de um olhar carregado de desejo e das carícias de que acabarão me cobrindo. Nessas condições, a angústia se dissipa e posso reocupar meu lugar em um meio que deixa de ser hostil. No caminho de volta, peço para pararmos em um acostamento. Mas meu furor aumenta porque estamos em uma via expressa onde estacionar é quase impossível.

Então abstraio-me da estrada e do carro. Concentro minha atenção em meu púbis que empurro para a frente e me deixo levar pelas carícias lentas e circulares no pequeno animal pegajoso que mora ali. De tempos em tempos, os faróis dos outros carros fazem emergir meu ventre liso como um vaso. Em que miragem mergulho neste momento? Seguramente, não no encadeamento de fatos que partiriam do que havia ficado suspenso alguns minutos antes. O caso já está liquidado. Não, prefiro me refugiar em meus velhos e confortadores roteiros, bem longe de onde, na realidade, me encontro.

Em um esforço de imaginação intenso, sustentado, construo detalhada-mente cada cena, por exemplo aquela em que sou fodida por uma quantidade de mãos que me apalpa, em um terreno vago ou nos banheiros de um cinema de má fama — não me lembro muito bem. Quando Jacques, sem deixar de olhar para a estrada, estende o braço e faz largos movimentos cegos em meu peito e em meu ventre, e quando introduz sua mão para disputar com a minha seu brinquedo molhado, acaba perturbando o desenrolar desse roteiro. Contenho-me para não impedi-lo.

Na entrada de Perpignan, Jacques pára o carro em um estacionamento vazio e muito claro, embaixo de um imóvel de habitação popular. Para se aproximar de mim, e por causa do espaço entre os bancos, ele joga seu tronco para a frente à maneira de uma figura de gárgula. Sua cabeça entra em meu campo de visão e desaparece. Ele me masturba com três ou quatro dedos vigorosos.

Gosto de ouvir o marulho dos grandes lábios inundados; o barulho me desperta de minhas fantasias.

Nunca é de chofre, nem muito à vontade, que estendo meu corpo para ser acariciado.

Preciso de um tempo antes de me entregar; de separar largamente minhas coxas, pender minha cabeça e abrir os braços para arquear o peito. O tempo talvez de desfazer a posição fetal e reflexa que foi imprimida em meu corpo quando, menina, eu dissimulava a masturbação, ou o tempo de aceitar sempre. O mesmo depois de ter passado horas diante de uma máquina fotográfica, mostrar meu corpo inteiramente, de uma só vez. Não é a nudez que temo, ao contrário, é o instantâneo da revelação. E não é também porque eu hesite em me entregar aos outros — muito pelo contrário! — , é porque não sei muito bem abandonar meu olhar interior para ver a mim mesma. É absolutamente necessário passar pelo olhar do outro. Não sei dizer: "Olhe!" Espero, acima de tudo, que me digam com cuidado: "Olhe como eu te olho..." Entrego-me a Jacques.

Mas, como decididamente me refugiei bem longe, no fundo de mim mesma, devo, para retomar à realidade, passar por uma espécie de estado fetal. Enrosco-me para agarrar com a boca seu membro endurecido e sentir em meus lábios a pele tenra que desliza em seu eixo. Posso me mobilizar a tal ponto nesse ato que poderia almejar ser totalmente preenchida, todo o meu corpo enfiado e ajustado como uma luva.

Em uma série de fotografias publicadas por um fotógrafo americano, anos mais tarde na revista *On Seeing*, sou vista — ou melhor vejo-me hoje — primeiro de pé como uma sonâmbula frágil — diríamos que estou me

balançando —, perto de um casal fornicando em um colchão. Está escuro, parece que estou vestida de preto, e só os joelhos da moça e a planta dos pés do rapaz estão iluminados. Em outras fotos, estou sentada ao lado do casal, dobrada em duas: adivinha-se, sob a cabeleira que cai, minha cabeça comprimida entre uma coxa da moça e a bacia do rapaz. Com uma mão, forço um pouco a separação da coxa. Estou tentando lambe o que consigo dos sexos colados dos dois. O que pareço? Um trabalhador aplicado — bombeiro, tapeceiro, mecânico — examinando as partes em que terá de intervir; uma criança que deixou cair seu brinquedo debaixo da cama e que examina um buraco negro para encontrá-lo; o corredor exausto que acaba de se sentar e deixa arriar seu tronco antes de retomar um pouco de ar. Quanto ao esforço que faço para introduzir meu corpo no intervalo entre os dois outros corpos (pode-se até mesmo deduzir que pretendo introduzi-lo por inteiro), posso afirmar que corresponde a uma extrema concentração mental.

4. DETALHES

Gosto muito de chupar o sexo dos homens. Fui iniciada nisso quase ao mesmo tempo que aprendi a conduzir a cabeça de um pau até a outra entrada, a subterrânea. Em minha ingenuidade, no início, acreditei que o boquete era um ato sexual desviante. Ainda me vejo explicando o assunto a uma amiga, que tinha dúvidas e estava um pouco enojada, eu afetando indiferença, mas na realidade bastante orgulhosa de minha descoberta e de minha resolução ao enfrentá-la. Tal resolução é bem difícil de explicar porque, além de ser um vestígio qualquer do estágio oral, por trás da audácia em praticar um ato que acreditamos imoral existe uma obscura identificação com o membro do qual nos apropriamos. O conhecimento que dele adquirimos — explorando, simultaneamente, com a ponta dos dedos e com a língua os menores detalhes de seu relevo e suas mais ínfimas reações — talvez seja superior ao que dele possui seu proprietário. Disso resulta um inefável sentimento de domínio: com uma minúscula vibração da ponta da língua podemos desencadear uma resposta desmesurada. Além disso, estar com a boca cheia proporciona mais claramente a impressão de pleno preenchimento do que quando a vagina está ocupada. A sensação vaginal é difusa, irradiadora, o ocupante parece nela se fundir, enquanto que na felação podemos distinguir claramente o contato doce da cabeça do pau com o exterior e interior dos lábios, com a língua e com o palato até a garganta. Sem falar que, no estágio final, experimentamos o esperma. Em resumo, somos também sutilmente solicitados da mesma maneira que solicitamos. Para mim, permanece um mistério a transmissão do orifício superior para o orifício inferior. Como é que o efeito da sucção pode ser sentido em outra extremidade do corpo, que a compressão dos lábios em volta do pênis crie um bracelete extremamente rígido na entrada da vagina? Quando a felação é bem conduzida, e tenho todo o tempo para reajustar minha posição e para variar o ritmo, sinto, então, chegar de uma fonte que não tem lugar definido em meu corpo uma impaciência que afluí e concentra uma imensa energia muscular naquele lugar do qual só tenho uma imagem imprecisa, na beira desse abismo que me abre desmesuradamente. Orifício de um tonel que circundaríamos com um fio de ferro. Posso compreender quando o círculo se forja por contaminação

com a excitação do clitóris vizinho. Mas e quando a ordem vem do aparelho bucal? A explicação, sem dúvida, deve ser procurada em um desvio mental. Por mais que, na maior parte do tempo, eu fique com as pálpebras abaixadas, meus olhos estão tão próximos do trabalho minucioso, que eu o vejo, e a imagem que recolho é um possante ativador do desejo. Talvez exista também a fantasia de que, atrás dos olhos, o cérebro tenha uma consciência tão instantânea e per feita do objeto que quase o toca! Primeiro, vejo a disposição dos gestos com os quais regulo minha respiração: o estojo flexível da minha mão, meus lábios dobrados sobre os dentes para não machucar o membro, minha língua que acaricia a glândula quando ela se aproxima. Avalio, visivelmente, o percurso da mão que acompanha os lábios, às vezes com um ligeiro movimento em círculos, e que aumenta a pressão na altura do grande gomo terminal. Depois, a mão, de repente, se dessolidariza para masturbar vivamente, usando apenas dois dedos para formar uma tenaz, e agita a sedosa extremidade na almofada dos lábios fechados com um beijo. Jacques deixa sempre escapar um "haa" claro e breve de êxtase inesperado (embora conheça perfeitamente a manobra), que duplica minha própria excitação, quando a mão relaxa para que a verga se engolfe totalmente, até tocar o fundo da garganta onde tento mantê-la alguns instantes, e faço mesmo com que passeie no fundo arredondado do palato, até que me venham lágrimas aos olhos, até sufocar. Ou então, e para isto é preciso estar com o corpo inteiro bem equilibrado, eu imobilizo o pau e é toda a minha cabeça que gravita em torno dele, e o acarício com o rosto, com o queixo molhado de saliva, com a testa e os cabelos, e mesmo com a ponta do nariz. Lambo com uma língua pródiga, até os colhões, que são muito bem engolidos. Faço movimentos entrecortados com paradas mais demoradas na glândula onde a ponta da língua descreve círculos, a menos que ela resolva provocar a orla do prepúcio. E depois, sem avisar, engulo tudo e ouço o grito que uma onda transmite à armadura da entrada da minha boceta.

Se me deixasse levar pela facilidade, poderia escrever páginas e páginas, levando-se em conta que apenas a evocação desse trabalho de formiga já desencadeia os primeiros sinais de excitação. Talvez haja mesmo uma longínqua correspondência entre meu esmero em fazer um boquete e o cuidado que tenho com toda descrição na escrita. Eu me limitaria a acrescentar que também gosto de abrir mão da função de condutora. Adoro que me imobilizem a cabeça entre duas mãos fechadas e que fodam em minha

boca como foderiam em minha xoxota. Em geral, tenho necessidade de segurar o pau com a boca nos primeiros momentos da relação, para ativar alguns mililitros de sangue que produzem a ereção. Se estamos de pé, deixo-me escorregar até os pés de meu parceiro, se estamos deitados, precipito-me sob o lençol. Como em um jogo, vou procurar no escuro o objeto de minha cobiça. Aliás, nesses momentos, minhas palavras são, tolamente, as de uma criança gulosa. Peço "minha chupeta grande" e isto me deixa feliz. E, quando levanto a cabeça, porque preciso distender os músculos de minhas bochechas, exclamo um "hum... está bom!" como uma criança que pensa agradar aos pais se empanturrando. Da mesma maneira, recebo os elogios com a vaidade do bom aluno em dia de distribuição de prêmios. Nada me estimula mais do que ouvir dizer que sou "a melhor das chupadoras". Melhor: quando, dentro da perspectiva deste livro, converso com um amigo vinte e cinco anos depois de ter encerrado nossas relações sexuais, e ele me diz que desde então "ele nunca mais encontrou uma mulher que chupasse tão bem", baixo os olhos, por pudor, mas também para lambar meu orgulho.

Não é que eu tenha sido privada de outras gratificações em minha vida pessoal ou profissional, mas, pelo que me parece, haveria um equilíbrio a ser mantido entre a aquisição de qualidades morais e intelectuais, que atraem a estima dos semelhantes, e uma excelência proporcional nas práticas desdenham dessas qualidades, que as expurgam e as negam. Esta capacidade pode ser provada a tal ponto que aceitaremos ver a admiração que ela suscita se transformar em zombaria.

Éric quase esbofeteou um bofe naquela boate que se chamava Cléopâtre. Como eu pedi uma bebida, o imbecil, incapaz de avaliar meu ardor como convinha, disse que de fato já era hora, porque começava "a cheirar mal".

O corpo em pedaços

Se cada um de nós desenhasse seu próprio corpo sob o ditado de seu olhar interior, obteríamos uma bela galeria de monstros! Eu seria hidrocefala e calipígia, e as duas protuberâncias estariam ligadas por um inconsistente braço de molusco (não consigo descrever como são meus peitos), o todo assentado sobre duas pernas grossas e mal feitas que mais atrapalham do que facilitam meus movimentos (durante muito tempo tive complexo de minhas pernas das quais Robert dizia, sem maldade, que pareciam com as da menina do chocolate Meunier). Talvez minha natureza cerebral tenha determinado que eu desse prioridade aos órgãos situados na cabeça, os olhos e a boca. E pode mesmo ter havido uma relação compensatória entre eles.

Quando eu era muito pequena, elogiavam meus olhos grandes, que sobressaíam por serem marrom-escuro. Depois, cresci, e meus olhos foram, proporcionalmente, perdendo importância em meu rosto. Na adolescência, foi uma grande ferida narcísea constatar que as pessoas já não davam muita importância a eles. Então transferei para a boca, que eu achava mais bem desenhada, um possível poder de atração. E aprendi a escancará-la, ao mesmo tempo que fechava os olhos, ao menos em certas circunstâncias, enquanto meu traseiro ganhava importância numa representação fantasmática de mim mesma: sua rotundidade era ainda mais acentuada pela cintura marcada. Este traseiro que projeto sempre mais em direção ao desconhecido do outback (é a expressão utilizada pelos australianos para designar o deserto que eles têm às suas costas), quer dizer, em direção ao que não posso ver realmente.

Um dia, Jacques me deu um cartão postal reproduzindo um estudo de Picasso para *Les demoiselles d'Avignon*: uma mulher de costas, o dorso em forma de triângulo isósceles, a bunda destacando-se vivamente sobre duas coxas grossas. Meu retrato, segundo ele.

Meu traseiro, outra face de mim mesma. Claude dizia que "minha cara não era fantástica, mas que bunda!". Quando estamos em ação, gosto que Jacques chame indiferentemente de "rabo" toda a parte de baixo de meu corpo que ele penetra, e que acompanhe as declarações de amor que ele faz com francas palmadas na bunda. Peço sempre. "Brinque com meu rabo" é um dos meus pedidos mais freqüentes. Em resposta, ele pega cada uma de minhas nádegas, sacode sua massa plástica tão rudemente como se estivesse batendo duas montanhas de creme de leite. Se ele finaliza o trabalho escorregando por trás seus dois dedos juntos em forma de cabeça de pato, para abrir o bico, quer dizer, os dedos no corredor estreito que vai do rego da bunda à abertura da boceta, minha excitação é tamanha que quase não posso mais esperar pelo pau.

Uma vez fodida, posso, de minha parte, ser capaz de uma atividade frenética.

De quatro ou deitada de lado, movimento energicamente a articulação da cintura, e a repercussão das bombadas vigorosas e regulares dos meus quadris leva à interpenetração fantasmática de minha boca e do meu sexo. Pergunto se "chupei" bem o pau com minha xoxota. "Será que vou sugar bem toda a sua porra?" Uma resposta simples é o suficiente para me estimular: a que liga meu nome à parte em que me sinto completamente integrada — "Oh. Catherine! Teu rabo, teu rabo...." É também muito estimulante saber que examinam atentamente uma parte que não posso ver. Para isto, mais do que uma iluminação geral, é preferível uma luz dirigida, como a de uma luminária da mesa-de-cabeceira. Muitas vezes sugiro o uso de uma lanterna. Com uma olhadela para trás, capto o olhar daquele que examina a fenda entre as nádegas e assisto ao desaparecimento de seu precioso apêndice. Antes de qualquer coisa, conto sempre com a descrição que ele faz, por mais literal e gasta que seja.

"Você está vendo bem meu rabo?" "Estou, ele é bonito. Ele engole bem o pau.

Ah, o filho da puta, ainda quer mais..." Quando há um espelho por perto, fico de perfil e vigio a imersão e a emersão do que parece ser um pedaço de

madeira flutuando ao sabor das ondas. Por preferir as sensações experimentadas nessa região, a posição de quatro foi durante muito tempo minha preferida, até que acabei reconhecendo — sempre acabamos sendo sexualmente honestos conosco mesmos, mas é claro que isto pode levar tempo — que, se ela permitia ao pau meter fundo e forte, não era, no entanto, o modo de penetração que mais me agradava. Em outras palavras, depois de investir contra o pau com os quadris, e depois de ter sido, alternadamente, martelada e sacudida como um velho trapo de pano, gosto de ser virada e fodida classicamente.

O prazer de expor meu traseiro não data de ontem. Com seis ou sete anos, eu já o mostrava para meu irmão em um jogo que retomava em parte o procedimento utilizado para me masturbar. Com a saia arregaçada, eu esfregava minha calcinha da racha até a região entre as coxas e projetava, ao máximo, minha bunda para fora do pequeno banco onde estava sentada. Eu esperava, assim, que meu irmão roçasse minhas costas. A graça estava no fato de fingirmos: eu que estava com a bunda de fora por estouvamento e, ele, que roçava nela por descuido. Acredito que existe uma sintonia entre as carícias, porque sempre correspondi à expectativa dos homens que tinham sensibilidade no rabo. Falei daquele amigo que ficava de quatro e que eu masturbava até que meu braço e meu ombro ficassem paralisados pela dor.

Outro amigo, um dia, sem me prevenir colocou o rabo em meu nariz. Isto aconteceu no início de nossa relação, ele se comportava com pudor, e tive de vencer sua resistência para chupá-lo.

Mas, mal abocanhei seu pau, ficou com o corpo completamente rígido, fez uma meia-volta sobre si mesmo e, para minha surpresa, ofereceu-me suas nádegas resolutas.

Foi muito mais fácil atingir o buraco de seu cu do que seu pau. No entanto, quando me levantei, parece-me que ele estava com a mesma expressão severa e reprovadora de quando tentei chupá-lo. Em seguida, adotei o hábito de explorar o corpo dele até suas mais ínfimas partes: nunca lambi, beijei, mordisquei tanto alguém, desde o lóbulo da orelha até o ligamento instável

dos testículos, passando pelas depressões delicadas da axila, das dobras do braço e da virilha.

Tratava-se da ocupação sistemática de um território, que eu demarcava através de pequenas escarradas a alguns centímetros de distância para que a saliva tivesse o tempo de escorrer, límpida, sendo, porém, um sinal de sujeira.

Será que é pelo fato de terem se interessado menos pelos meus seios, que têm uma natureza mais linfática, e também pelo fato de eu não pensar em oferecê-los à visão e às carícias que acho fastidioso ter de excitar os mamilos de meu parceiro? Muitos homens pedem que eu "brinque com o peito deles" e esperam mesmo, à guisa de afagos, beliscões e mordidas nessas zonas delicadas.

Fui freqüentemente recriminada por não beliscar forte o suficiente, quando já estava com as mãos doloridas de tanto apertar os mamilos entre os dedos. Afora o fato de que, em meu campo de pulsões, a pulsão sádica ser a menos desenvolvida de todas, não consigo encontrar em mim mesma a ressonância do prazer assim provocado. No que me diz respeito, prefiro que me envolvam com um gesto largo, tocando de leve todo o meu peito, o que é mais agradável no período do ciclo em que os seios ficam um pouco mais pesados porque, então, sinto-os estremecer docemente. Não gosto que os apertem nem que os belisquem. A excitação dos meus mamilos está reservada para mim mesma, sobretudo para sentir sua dureza e rugosidade sob minhas palmas lisas. Mas, na intimidade, proporciono a mim mesma uma sensação de contraste ainda mais vivo: agachada ou em posição fetal, esfrego meus seios com minhas coxas, e esta carícia é perturbadora: parece que minhas coxas são estranhas, que não me pertencem, que a carícia vem de fora e, a cada vez, me derreto surpreendida com sua pele aveludada.

A propósito da procura desse contraste entre o áspero e o macio, o corre-me uma lembrança de uma de minhas primeiras emoções eróticas. Meu irmão e eu íamos passar férias na casa de amigos de meu pai, que tinham muitos netos com quem brincávamos. Um dia, o avô ficou doente e fui visitá-lo em seu quarto. Eu estava sentada na beirada da cama, ele começou a deslizar os dedos sobre meu rosto, analisando-o. Observou que eu tinha o ângulo do

maxilar muito fino mas, chegando à altura do pescoço, fez um diagnóstico de bócio para o futuro. Aquelas observações contraditórias me perturbaram. Depois, passando a mão sob minha blusa, roçou os seios que apenas despontavam. E como eu estava com o busto imóvel, perplexa, ele disse que, quando eu me tornasse uma mulher, eu iria gostar muito que acariciassem assim os peitos". Eu fiquei imóvel, mexia talvez apenas a cabeça, que virava para a parede, como se não entendesse o que estavam me dizendo. As calosidades de sua mão grossa quase esfolavam minha pele. Pela primeira vez, tive consciência do enrijecimento dos bicos dos seios.

Escutei a profecia. De uma hora para a outra, eu era conduzida ao umbral de minha vida de mulher e fiquei muito orgulhosa. Uma criança forja seu poder no enigma de sua vida futura. Embora confusa com o gesto para o qual ainda não tinha resposta, eu mergulhava de novo o olhar em direção àquele homem que estava deitado, de quem eu gostava muito. Ele inspirava-me piedade, porque sua mulher era impotente e obesa, tinha as pernas cobertas de feridas que supuravam.

Ele, dia e noite, trocava meticulosamente os curativos. Ao mesmo tempo, seu rosto acinzentado e seu nariz grumoso me davam vontade de rir. Desvencilliei-me lentamente.

À noite, contei o episódio para uma de suas netas que dormia na mesma cama que eu.

Havia acontecido com ela a mesma coisa. Falávamos, olho no olho, como se medíssemos uma no olhar da outra a dimensão de nossa descoberta. Sabíamos que o avô fizera uma coisa proibida, mas o segredo que ele partilhara conosco era mais valioso do que uma moral cujo sentido não era, de qualquer maneira, muito claro para nós. Uma vez em que quis, também com orgulho, quase que por bravata, falar de minhas masturbações no confessional, a reação do padre foi tão desapontadora — não fez nenhum comentário e me mandou rezar, como de costume, algumas AveMarias e alguns Pais-Nossos — que passei a desprezá-lo. Imagine, contar para ele que fiquei perturbada porque um velho pegou em meus seios! Se vejo que o olhar de um homem se detém, mesmo que seja por meio segundo, no lugar em que

suponho que meu sutiã esteja forçando a casa do botão de minha camisa, ou, o que é mais comum, se meu interlocutor me olha fixamente demonstrando estar pensando em outra coisa que não seja o tema da conversa, re fugio-me exatamente no mesmo comportamento modesto daquele primeiro exame feito pelo avô. Por esta razão, em meu guarda-roupa não há nenhum vestido com decote profundo e nenhuma roupa muito colante. Este pudor se estende a meu grupo. Se estou sentada no sofá de uma sala, ao lado de uma mulher indecente, costume, por reflexo, puxar a barra de minha saia e encolher o peito. Nessas circunstâncias, meu mal-estar se deve tanto à impressão de que, por uma espécie de osmose, é minha própria anatomia que ela desvela, quanto à minha tendência, já descrita, de radicalizar sem esperar os preâmbulos sexuais: em outras palavras, ao me endireitar, me contenho para não meter a mão entre os dois peitos descobertos e desnudá-los inteiramente. Porém, durante muito tempo, não usei roupas de baixo. Esqueci a razão pela qual deixei de usa-las. Certamente não era para obedecer a uma palavra de ordem feminista, que determinava que o sutiã fosse jogado às urtigas, porque nunca aderi a essa filosofia, mas era talvez porque, assim mesmo, dentro do mesmo espírito eu não quisesse recorrer a um acessório de sedução. Bem entendido que o resultado podia ser inverso: o peito que se adivinha livre sob a roupa é tão excitante quanto o valorizado por uma armadura, mas ele o é naturalmente. Ao menos, eu acreditava me garantir contra a suspeita de que pudesse ter uma estratégia de conquistadora. Da mesma maneira, eu não levava em consideração a conveniência do uso da calcinha. Durante quantos anos sujeitei-me a limpar todas as noites, por higiene, a parte interna entre as pernas da calça comprida usada durante o dia, ao passo que teria sido mais simples colocar uma calcinha na máquina de lavar? Eu achava, ao contrário, mais simples usar diretamente sobre a pele todas as outras roupas.

Explicitamente, isso me era ditado por um certo minimalismo, quase um funcionalismo: o princípio segundo o qual um corpo livre não tem de se embaraçar com ornamentos, e mais ainda porque ele já está pronto sem que precise passar por preliminares, cuidados com as rendas ou a manipulação de fechos de sutiã.

Em resumo, não suporto o olhar do conquistador que despe com o olhar. Mas, se é para se despir de verdade, melhor fazê-lo de um só gesto.

A estrada percorrida pelo olhar subjetivo é cheia de contrastes! Como uma estrada de montanha entrecortada por túneis, passamos direta e brutalmente da obscuridade à luz, da luz à obscuridade.

Eis-me explicando que prefiro manter coberto tudo que é comum desnudar, enquanto aqui mesmo nestas páginas exponho uma intimidade que a maior parte das pessoas mantém em segredo. Não é preciso dizer que, a exemplo da psicanálise que nos ajuda a abandonar no meio do caminho alguns farrapos de nós mesmos, escrever um livro na primeira pessoa acaba por relegá-la à terceira pessoa. Quanto mais detalho meu corpo e meus atos, mais me separo de mim mesma.

Quem se reconhece nesses espelhos de aumento que mostram as bochechas e o nariz como vastas terras cheias de rachaduras? Acontece que o gozo sexual instaura o mesmo tipo de distância porque, como se diz, ele faz com que você saia de si mesmo. Talvez a relação seja mesmo estrutural e a distância comande o gozo da mesma maneira que ela é comandada por ele, ao menos para a categoria de pessoas à qual pertenço.

Porque, e este é o ponto onde queria chegar, aquela que descrevi incomodada por um olhar insistente, hesitante em vestir uma roupa sugestiva, a mesma aliás que embarcava às cegas em aventuras sexuais em que os parceiros não tinham rosto, é a mesma que tem um prazer incontestável em se expor, com a condição de que tal exposição seja distanciada, objeto de uma operação especular, de relato.

Nessa questão, a imagem e a linguagem são cúmplices. Se é de tal maneira estimulante medir num espelho, quase centimetricamente, a quantidade de carne que sua própria carne pode engolir, é porque o espetáculo é também pretexto para comentários. "Nossa! Como ele desliza bem, como ele vai longe!" "Espere, vou deixá-lo na beirada para que você o veja bem, depois vou te foder..." Uma forma de diálogo que Jacques e eu adotamos se caracteriza por seu modo puramente factual. Se o vocabulário é cru e

limitado, é menos para superarmos um ao outro na provocação do que pela preocupação com uma descrição exata. Você sabe como está molhada? Está encharcada até as coxas, e o pequeno clitóris está todo inchado." "Este rabo, como mexe bem! Ele tá querendo o pau? Tá querendo." "Está bem, mas eu ainda quero passar a cabeça do pau no pequeno clitóris. Posso bater uma punheta em cima dele?" "Pode, e depois vamos meter no rabo!" "Está bem..." "E você, está bom para o seu pau?" "Está, isto é muito bom pra ele". "Tá esticando bem os colhões também?" "Tá, isto, chupa bem os colhões, ah, isto! Mas ainda vamos foder bastante esta boceta!" E a troca prossegue em um tom que permanece, mesmo quando nos aproximamos da conclusão, bastante pausado. Na medida em que não vemos e nem sentimos a mesma coisa ao mesmo tempo, cada um se dirige ao outro com o objetivo, de uma certa maneira, de completar sua informação. Poderíamos dizer que também somos como dois dubladores, o olhar ancorado na tela em que seguem a ação dos personagens a quem eles emprestam a voz: com nossas palavras substituímos os protagonistas desse filme pornográfico que se desenrola sob nossos olhos que são Rabo, Boceta, Colhões e Pau.

O relato coloca o corpo em pedaços, satisfazendo a necessidade de reificá-los, de instrumentalizá-los.

A célebre cena em *O Desprezo*, de Godard, em que Piccoli percorre, palavra por palavra, o corpo de Bardot, é uma bela transposição deste vai-e-vem entre visão e palavra, e esta última enfatiza ininterruptamente o foco sobre os pedaços de corpo. Quantas vezes, na trepada, não exclamamos "Olhe!" É claro que temos, então, todo o tempo para usufruir de uma visão muito próxima, mas acontece também de recuarmos para termos uma visão melhor, assim como fazemos nas salas de um museu. Enquanto nos despimos, adoro contemplar de longe o cacete promissor. Segundo a lei da teoria da Gestalt, ele me parece enorme proporcionalmente ao corpo — que se encontra quase fragilizado por sua seminudez às vezes um pouco risível e por seu isolamento ridículo no meio do cômodo — em todo caso, bem maior do que se eu não tivesse nada além dele diante dos olhos. Da mesma maneira, pode acontecer que eu saia do jogo sem avisar, para ir ficar de pé, de costas, a dois metros de distância, as mãos coladas nas nádegas para separá-las ao

máximo e colocar sob o ângulo de visão, em uma mesma linha de fuga, a cratera amarronzada do buraco do cu e o vale carmesim da vulva.

Como quando um convite ganha a conotação de uma necessidade, da mesma forma como se diz: "Você precisa provar estas frutas", eu digo: "Você precisa ver o meu rabo." E porque tornamos as coisas mais pitorescas quando as animamos, eu estremeço.

Mostrar meu rabo e ver meu rosto. Poucos prazeres se igualam a essa dupla polarização. O dispositivo do banheiro é ideal; enquanto o lavabo oferece uma posição perfeita que ajuda a amortecer as estocadas recebidas no traseiro, percebo através do espelho que está acima dele, cruamente iluminado, um rosto, que, ao contrário da parte de baixo do corpo totalmente mobilizada, se desfaz. As bochechas estão afundadas e a boca aberta à maneira de um autômato cujo mecanismo no fim da corrida deixa bruscamente em suspense. Poderia ser o rosto de uma morta se não fosse um olhar, que assim que cruza com o meu, é de insustentável fraqueza. Ao mesmo tempo que o encubro, baixando as pálpebras eu o procuro. Ele é o ponto de referência; agarrando-me em seu reflexo estabeleço esta certeza: eis-me gozando. Ele é o sifão por onde se esvai meu ser; não posso me reconhecer em um tal relaxamento, e mesmo, com um sentimento de vergonha, eu o recuso. Assim o prazer se mantém sobre um cume: como a multiplicação de dois números, negativos resulta em um número positivo, este prazer é o produto não, como às vezes se diz, de uma ausência de si mesmo, mas da conjugação do vislumbre desta ausência e do horror que, num sobressalto da consciência, ela suscita.

Algumas vezes, conduzi-me sozinha até essa volúpia, em um entreato durante minha toalete. Ponho uma mão sobre a beirada do lavabo, masturbo-me com a outra, e me vigio com o canto dos olhos através do espelho. Um filme pornográfico me impressionou muito. O homem comia a mulher por trás. A câmera estava diante dela, de tal maneira que seu rosto ocupava o primeiro plano. Regularmente, sob a pressão que sofria todo o corpo, o rosto era projetado para a frente e se deformava como todo objeto muito próximo da objetiva. Escutava-se as Injunções do homem: "Olhe! Olhe a câmera", e o

olhar da moça caía diretamente dentro do nosso. Pergunto-me se ele não puxava os cabelos dela para que ela levantasse melhor a cabeça.

Inspiro-me bastante nessa cena para as pequenas histórias que sustentam minhas masturbações. Na realidade, um homem que encontrei apenas uma vez me proporcionou um prazer de uma intensidade da qual guardo lembranças muito precisas, isto porque, a cada estocada de seu pau, ele me pedia instantaneamente: "Olhe dentro dos meus olhos." Eu me rendia, sabendo que ele era a tes temunha da decomposição de meu rosto.

A faculdade de absorção Um dos defeitos dos filmes pornográficos é o de fazer uma representação estereotipada do orgasmo: o gozo vem sistematicamente após estocadas redobradas, com os olhos fechados, a boca aberta, dando gritos. Ora, existem orgasmos que se desencadeiam na imobilidade, ou no silêncio, e que vemos chegar e acontecer. Recorremos mais aos clichês da vida comum e dos filmes, quando queremos estimular ou provocar o desejo. São mais ou menos as mesmas palavras, obscenas ou não, que vêm à boca de todos. Frequentemente os homens solicitam a referência a seu sexo e serem chamados pelo nome ("Você quer um bem grosso? Responda", "Me chama, anda, me chama"), ao passo que as mulheres, mesmo as que têm um espírito mais independente, permanecem propensas à sujeição, até imploram gestos que resultariam em feridas horríveis ("Me arrebenta", "Mais! Ah, me rasga!"). Vendo um vídeo em que massageio meu peito espalhando a porra que acaba de ser lançada, pergunto-me se não repito um gesto visto dezenas de vezes nos filmes. O jato é menos espumante do que nos filmes mas, no entanto, é espetacular; a porra faz minha pele brilhar. Será que os homens e as mulheres tinham a mesma retórica e o mesmo gestual erótico, segundo os mesmos esquemas, antes da invenção do cinema? Porém, quanto mais vivo é o gozo, menos cinema existe. E o que constato. Quanto mais ascendente é o prazer, menos me poupo. Além dos movimentos da bacia, mexo as pernas e os braços. Deitada de costas, esporeio a bunda e as pernas de meu parceiro. Depois, fico mais calma. Viro um pacote de carne inerte sobre o qual o outro se encarnaça. A voz se transforma. Já não se fala tanto, o diálogo é mais lacônico. Digo "sim, sim, sim" às vezes acompanhando um movimento de cabeça de um lado para o outro, ou então repito "continue, continue". E, de repente, a voz se torna

mais clara, sonora, com a qualidade de articulação e a autoridade de um ator que aprendeu a colocar sua voz, e as palavras se espaçam, as sílabas escandidas, "con-tinu-e". As vezes o sim toma-se um não e, em certas imagens, vejo-me escondendo o rosto com as mãos.

Eu não teria a profissão que tenho, e, aliás, não seria capaz de reunir hoje todas estas notas, se eu não tivesse algum dom para a observação. Um dom que se exerce melhor ainda quando acompanhado de um superego sólido. Não me deixo levar facilmente e, mesmo nos momentos que devem ser de abandono, sempre estou vigilante. Portanto, sempre prestei uma grande atenção em meus parceiros, evidentemente apenas nos que tinham identidade, mas não importando qual fosse o nível de minha relação com eles, se laço profundo e durável ou ligação passageira. Esta atenção deve pertencer à mesma estrutura perceptiva de minha concentração diante de um quadro, ou da faculdade que tenho, no metrô, no restaurante ou em uma sala de espera, de mergulhar verdadeiramente na contemplação de meus vizinhos ou vizinhas de cadeira.

Atenção que acompanhou meu savoir-faire. Gabo-me de ser bastante experiente e a conquista desta qualidade se deve ao fato de sempre ter avaliado o efeito de minhas iniciativas. Como já foi dito no início deste capítulo, coleí-me espontaneamente na pele dos outros para tentar experimentar o que eles experimentavam. Não é apenas uma maneira de falar; já me surpreendi, retomando por mimetismo, tiques e exclamações de um e de outro. O que vale dizer que, muitas vezes, deixei o meu próprio prazer em segundo plano. Demorei muito, muito, antes de identificar as carícias e as posições que mais me agradavam. Arriscaria uma explicação: um corpo apto para o prazer não me foi dado de bandeja. Antes foi preciso que eu me entregasse literalmente de corpo perdido à atividade sexual, que eu esquecesse de mim a ponto de me confundir com o outro, para, depois de uma muda de pele, tendo me despojado de meu corpo mecânico recebido no nascimento, endossar um segundo corpo capaz tanto de receber quanto de dar. Na espera, absorvi-me na observação de muitos corpos e muitos rostos! Com algumas exceções, lembro-me quase com exatidão do corpo de meus principais parceiros, e também do que sua fisionomia revelava no momento em que a outra parte de seu ser estava ausente. A essas imagens ligam-se os gestos convulsivos e as particularidades de linguagem de cada um. A

observação não resulta imediatamente em um julgamento mas, se é escrupulosa, ela mantém a consciência dentro de um padrão de objetividade. Eu poderia estar seduzida pela beleza física de um homem, mas isto não quer dizer que não identificasse defeitos que acabavam com qualquer fascinação. Por exemplo, um rosto mais para redondo, enfeitado com dois olhos amendoados, mas que, visto de perfil, revelava uma cabeça singularmente achatada atrás e me lembrava uma bola amassada. Por um pequeno deslocamento no ângulo de visão, aquele cuja figura podia ser comparada com um retrato renascentista, tinha apenas um pouco mais de espessura do que o quadro. Percorrendo de novo uma galeria de retratos, eis que percebo uma falha em minha memória e em meu senso de observação: paradoxalmente, um homem cuja beleza me seduziu particularmente, o único aliás que era mais jovem do que eu entre todos os que com quem convivi, não me deixou nenhuma lembrança de ordem sexual. Muitas de suas expressões, atitudes e palavras vêm à minha cabeça. Nenhuma delas que eu tivesse escutado enquanto trepávamos!

Os homens terão sido poupados do risco de se romper, quando a natureza banha de paz os seus rostos após o esforço máximo de seus músculos? Não poderíamos dizer que eles baixam o rosto como que para refrescá-lo sob uma fonte, no momento em que chegam ao final de uma corrida que aqueceu seu corpo inteiro? Muitos espelham esta serenidade, mas não o homem que parecia com um retrato renascentista. Ao passo que, em minhas lembranças, se sucedem muitos daqueles rostos apaziguados — um que arredondava a boca e, por causa de um bigode, tinha o ar estúpido de uma criança embaraçada em seu disfarce; um outro que esboçava um sorriso tão tênue que poderia significar um incômodo e acompanhar as desculpas de uma pessoa pudica surpresa diante de uma situação indecente —, no rosto daquele homem ordinariamente tão liso, ao contrário, revejo a máscara de uma dor profunda. Teria sido patético se, naqueles momentos, à exclamação de praxe, "vou gozar! vou gozar!", não fosse acrescentada esta outra: "ah, Meu Deus!". O que constituía uma ridícula invocação a qual eu não podia deixar de prestar atenção.

Mas a calma pode também se confundir com a indiferença. Conheci um homem tão recolhido em si mesmo, que se au-sentava de sua aparência física a ponto de ela não exprimir mais nada. Seu corpo pesava inteiro sobre mim, é certo que ativo, mas impassível, como se ele o tivesse deixado comigo; pousava um rosto ausente contra o meu, enquanto, acima de nós, eu poderia ter visto flutuar seu fantasma transportado pelo orgasmo. Era o mesmo corpo que eu via quando ele se masturbava sem se preo cupar com a minha presença, segundo uma técnica que só conheci praticada por ele. Deitado de bruços, com os braços dobrados e apertados ao lado do corpo, ele pressionava seu sexo através de contrações imperceptíveis entre as coxas, que eram muito potentes. Seu corpo era rechonchudo, mais avantajado ainda pela postura. Eu, adepta experiente do onanismo, admirava a concentração com a qual ele conduzia a coisa, protegendo de maneira feroz e teimosa o isolamento mental que constitui a condição do gesto.

Quando fazemos amor algumas vezes com um homem, sabemos bem o momento em que ele "vai gozar", mesmo que ele não seja dos que anunciam em voz alta.

Talvez o saibamos antes dele através de indícios que podem ser ínfimos: talvez porque ele a tenha feito escorregar para uma posição que você sabe que funciona como um detonador para ele; talvez porque ele se cale, que sua respiração toma-se perceptível, apaziguada por antecipação de alguns segundos.

Um amigo, garanhão imaginativo, eloqüente e inquieto, que me prendia por uma hora com as mais inacreditáveis fabulações eróticas e fazia com que eu tentasse as posições mais acrobáticas e os substitutos mais improváveis (pepino, salsichão, garrafa de água mineral, cassetete branco e luminoso de policial, etc.), de repente, alguns segundos antes de gozar, tomava-se circunspecto.

Não importava qual fosse minha posição, ele me punha debaixo dele, metia sem forçar muito e substituí as palavras por pequenos mugidos discretos. Estava convencida de que aquela fase final obedecia a uma decisão tomada com todo conhecimento de causa e eu não teria ficado surpresa ao ouvi-lo

declarar: "Bem, chega de brincadeira, passemos às coisas sérias". Depois de esporrar, ele ficava um tempo em cima de mim, desfiando em meu ouvido um "Hi,hi,hi" que parecia um pequeno riso forçado, mas acredito que não o fosse, que era apenas sua maneira doce de nos fazer retomar o pé na realidade. Era o riso de quem ri primeiro procurando cumplicidade e pedindo desculpas por tê-la aliciado em uma aventura imprevisível. E como para me despertar melhor de nosso sonho, antes mesmo de reabrir os olhos ele afagava afetuosamente minha cabeça.

Da mesma maneira que não me desagradava esbarrar na degradação ou na abjeção, pois isto alimenta minhas fantasias, assim como nunca tive repugnância em fazer cócegas com a língua na dobra de um ânus ("Tá com cheiro de merda", escuto-me dizer, "mas é bom"), e que de bom grado fiz o papel de "cadela no cio", não sinto aversão, longe disso, se posso encher meus olhos com a visão de um corpo um pouco degradado. Sim, acho agradável abraçar um corpo inteiramente rígido como um pau bem lustrado, mas da mesma maneira me agrada escorregar sob a pança pendurada de um homem que espera, em uma posição de fêmea, que eu venha ordenhá-lo com a boca. Sim, gosto do jeito daquele que tem o cuidado de abrir; com dois dedos de cirurgião, os lábios da vulva, e que fica um tempo admirando o que descobre como um conhecedor, antes de me masturbar com uma precisão inusitada, que logo ficará insuportável. Como é igualmente bem-vindo aquele que segura meus quadris sem mais cuidados do que teria ao agarrar-se na amurada de um navio que balança! Aquele que me monta dirigindo para longe seu olhar desvairado de animal que copula! Aquele que se deita pela metade em minhas costas, agarrado na gordura de minha bunda onde, no dia seguinte, encontro uma mancha roxa, e que pouco se importa se me mantenho equilibrada à custa de uma câimbra horrível nas coxas que suportam o peso de dois corpos. Depois disso, ser apenas um corpo macerado, colado e revirado na cama, sem nenhuma reação própria além da de uma bola de massa de pão; ser o suporte amorfo de uma atividade frenética, esquecer que minhas carnes podem ter uma forma específica e ver meus seios se exporem e acompanharem os movimentos, embalados como a água no fundo de um barco, ou a gordura de minha bunda apalpada aos punhados pelas mãos que a amassam. Nestes momentos, preciso alcançar;

com meus olhos que flutuam na superfície de meu corpo fundido, a cara do operário que se embrutece em seu trabalho obstinado com a matéria.

Esta cara não conhece o êxtase devoto. Ela me faria medo se a volátil desnaturada que sou não se enamorasse do espantalho.

Um de seus olhos está fechado pela metade por causa de uma cristação que afeta a metade do rosto — já vi este aspecto da fisionomia em pessoas que foram vítimas de um ataque —, e o canto da boca que lhe corresponde se entorta e revela a gengiva. Se não tenho medo desta careta, é porque ela não exprime uma dor, mas antes de tudo um esforço terrível, uma tenacidade prodigiosa, e fico orgulhosa de me submeter a esta força.

Paciente

Durante grande parte de minha vida, trepei ingenuamente. Com isto quero dizer que dormir com os homens era uma atividade natural que não me preocupava exageradamente. Frequentemente via-me diante de algumas dificuldades psicológicas (mentiras, amor-próprio ferido, ciúmes), mas elas eram relegadas à categoria das perdas e danos. Eu não era muito sentimental. Tinha necessidade de afeição e eu a encontrava, mas sem tentar criar histórias de amor a partir de relações sexuais.

Quando me apaixonava por alguém, parece-me que eu permanecia consciente de ter sucumbido a um charme, a uma sedução física, e até ao pitoresco de um esquema relacional (por exemplo, manter simultaneamente uma relação com um homem bem mais velho e com um homem bem mais jovem do que eu, e divertir-me ao passar do papel de neta para o de protetora) sem que nada disso me envolvesse. Quando lamentava a dificuldade de manter quatro ou cinco relações ao mesmo tempo, tinha um bom amigo para me dizer que o problema não era o número de relações, mas o equilíbrio a ser encontrado entre elas, e que me aconselhava a arrumar um sexto amante. Sendo assim, eu era fatalista. Não me preocupava também com a qualidade das relações sexuais. Quando não me proporcionassem muito prazer, ou mesmo provocassem desprazer, ou quando o homem me levava a fazer coisas que não eram do meu gosto, eu não o colocava em questão por isto. Na maioria dos casos, a natureza amigável da relação era o que mais importava. Estava claro que ela poderia levar a uma relação sexual, isto até me tranquilizava e, melhor dizendo, eu tinha necessidade de ser inteiramente reconhecida. Que eu encontrasse ou não a satisfação imediata dos sentidos, era secundário. Isto também era relegado à categoria das perdas e danos. Não exagero quando digo que, até a idade de trinta e cinco anos mais ou menos, eu não pensava que meu próprio prazer pudesse ser a finalidade de uma relação sexual. Eu ainda não o tinha compreendido.

Minha atitude pouco romanesca não me impedia de distribuir a torto e a direito muitos "eu te amo" unicamente no preciso momento em que o pequeno motor localizado no baixo-ventre de meu parceiro se embalava. Ou, então, eu ficava repetindo seu nome em voz alta. Não sei de onde tinha tirado que isto poderia estimulá-lo a prosseguir e finalizar seu prazer. Eu era tanto mais pródiga nessas declarações de amor oportunas quanto menos significado profundo elas tivessem, não as fazia sob nenhuma emoção específica, nem mesmo em um êxtase que pudesse carregar sentimentos. Aplicava, de cabeça fria, o que acreditava ser um truque técnico. Com o tempo, nos desfazemos desses artifícios.

Romain era um rapaz muito doce, sua aparência viril escondia uma quase indolência, o casaco de couro jogado sobre uma camiseta amassada de solteiro. Ele era um dos que morava em um estúdio em Saint-Germain desprès, o menos mobiliado que conheci. Trepávamos em um colchão discretamente colocado sobre o carpete, no meio da peça, e eu recebia no rosto a luz que caía do teto. Na primeira vez, fiquei olhando para a lâmpada, e não percebi que ele tinha ejaculado. Seu peito cobria o meu sem peso, sua cabeça estava virada. De vivo sentia apenas algumas mechas de seus cabelos compridos em minha boca e em meu queixo. Quase não senti quando me penetrou fracamente. Eu mesma permanecia imóvel e constrangida. Não gostaria de perturbá-lo se ele não tivesse finalizado, mas seria o caso de me manifestar para reativá-lo? E se eu me empenhasse e a coisa já estivesse concluída, eu não ficaria com cara de idiota por não ter percebido? Finalmente, senti alguma coisa no alto de minha coxa, um pouco de esperma que escorria de minha vagina. O sexo de Romain era de um tamanho convencional, ficava duro normalmente, mas era totalmente inativo.

Se quisesse personificar seu cacete, poderia tê-lo comparado ao neófito que não se mexe na cadeira quando todos os participantes de uma cerimônia se levantam: não ficaríamos mais zangados com ele do que com o neófito desajeitado. Abrindo minhas pernas debaixo daquele rapaz, experimentava um quase conforto de nada sentir, nada de agradável e, também, nada de desagradável. Em certas circunstâncias, sou capaz de uma paciência incomum. Tenho em mim recursos suficientes para, silenciosamente, deixar

meu espírito livre e, portanto, tolerar que os outros vivam sua vida ao meu lado.

Posso suportar sem reagir as manias, as pequenas tiranias ou os ataques francos dos outros, mas sei me pro teger. Deixo as coisas acontecerem e ajo do meu jeito. Retrospectivamente, dou-me conta de como fui paciente nas relações sexuais. Não ter nenhuma sensação, não me preocupar, e cumprir até o fim todo o ritual. Não compartilhar dos gostos do outro, não me incomodar com eles, e me deixar foder Indiferente, e a tal ponto voltada para mim mesma, comando meu corpo como uma marionetista e seu marionete. Portanto, continuei a sair com Romain. Por causa de seu personagem de rapaz mau de maneiras ternas, ele fazia sucesso com as mulheres, e eu me divertia imaginando a surpresa ou o infortúnio daquelas que achavam que estavam tendo um caso com um homem de verdade. Vi os olhos aturdidos de uma delas procurarem nos meus conforto e cumplicidade em uma experiência decepcionante: "Mas Romain... não se mexe. Acolhi as confidências da assombrada com a placidez de um sábio.

Falei do tédio que, às vezes, me assomava durante as reuniões com amigos e da escapatória que encontrava saindo para trepar com um deles. Mas acontece também de nos entediarmos trepando! Porém, suporto melhor esse tipo de tédio. Posso muito bem ter paciência durante um cunilinguio morno, desistir de reorientar o dedo que insiste em masturbar não o clitóris, mas ao lado, onde machuca um pouco, e finalmente, ficar muito contente quando o outro ejacula, mesmo que eu não aproveite muito, porque, com o tempo, tudo isto é mais ou menos fastidioso, e posso suportar tudo a partir do momento que, antes ou depois, a conversa tenha sido animada, que me levem para jantar em casa de pessoas especiais, ou que eu possa perambular em um apartamento cuja decoração me agrada, e brincar de fingir que vivo ali uma outra vida... O curso de meu pensamento é tão desligado das contingências que ele não se deixa entrar por um corpo, mesmo que eu esteja entre os braços de um outro corpo. Melhor, quanto mais o eventual interlocutor se ocupa do corpo, mais o pensamento estará livre; conseqüentemente, este último não repreenderá o primeiro por utilizar o corpo como um acessório erótico.

Não são necessariamente os mulherengos que melhor satisfazem as mulheres.

É provável que alguns deles — não todos — passem de uma para outra para estar sempre na situação de recomeço e, assim, evitar o estágio em que a realização seja exigida. (Isto, sem dúvida, vale também para certas mulheres sedutoras...) Um dos primeiros que conheci era artista e muito mais velho do que eu. Uma de minhas amigas tinha me prevenido: "Com os homens de certa idade é formidável, eles têm tanta experiência, que nós não temos nada a fazer, senão abrir as pernas!" Tive de fazer um esforço para não desmenti-la. Em uma das peças do ateliê onde ele recebia as visitas, havia uma mesa grande cheia de objetos. Como em um gabinete de curiosidades, encontravam-se misturados objetos, luminárias, vasos, garrafas de formas extravagantes, cinzeiros kitsch, assim como ferramentas insólitas, maquetes e esboços de suas próprias obras. Muitas vezes, não nos dávamos ao trabalho de ir para o quarto e eu ia encontrá-lo naquela confusão. Ele me espremia contra a mesa. Talvez pelo fato de ele ser ligeiramente menor do que eu, consigo rever nitidamente suas pálpebras semifechadas, suas olheiras que eram como o reflexo de suas pálpebras, seu beijo pidão e infantil. Nossos púbis estavam mais ou menos na mesma altura e eu, logo que percebia o inchaço sob a calça, punha em movimento, como ele dizia, minha "pequena mecânica". Quer dizer, eu fazia, como me era de hábito, movimentos nervosos com a bacia.

Movimentos aos quais ele respondia, esfregávamos os púbis um no outro. Sobre que divagava meu pensamento quando minha excitação começava a arrefecer? Será que eu reparava uma nova imagem pregada na parede? Será que pensava no artigo que tinha de escrever, ou, melhor ainda, será que, com o espírito vazio, eu fixava o olhar nas pequenas excrescências de pele marrom na superfície das pálpebras dele? Será que pensava na possibilidade de termos tempo para recomeçar mais tarde, e que daquela vez seu sexo entraria dentro do meu? Sua cabeça pendia para trás, ele me empurrava um pouco mais contra a mesa que quase cortava minha bunda, e deixava escapular dois ou três pequenos relinchos. Podíamos ficar apenas naquilo.

Outro era ainda um homem atencioso e, enquanto eu o via e a seu grupo com certa admiração, ele me examinava e a todo mundo com um olhar

incrivelmente escrutador. Não conheci um homem tão pouco complacente em seus comentários sobre a aparência física das pessoas, formulados sem segundas intenções, com a exatidão daquele que exercita seu olho clínico, sendo que os eventuais defeitos não comprometiam o fato de alguém ser "tesudo". Além do mais, a acuidade visual era acompanhada de uma grande destreza da qual me aproveitava nos contatos físicos. Mas outros — se posso falar assim — não se embaraçam com os corpos que lhes são oferecidos se já obtêm de saída tudo que querem. Aquele, por exemplo, que me fez vir a seu quarto, na avenida Paul-Doumer, que lhe serve também de escritório. Eis que começa a me bolinar — não vim para isto, mas tanto faz. Normalmente ele deveria me fazer deitar no sofá. Mas não, é ele quem se deita de costas, e que faz sempre este gesto patético do homem que estende seu pau sem olhar para ele. Portanto, ponho o pau na boca e, quase imediatamente, escuto-o dizer: "Ah, vou esporrar! Com você, não me constranjo, mais tarde resolvo seu caso." No que me diz respeito, gosto muito disto, mas tenho o espírito suficientemente lúcido para dizer a mim mesma que ele age grosseiramente. Ele não resolve meu caso mais tarde.

Sou dócil, não por gosto da submissão, porque nunca me coloquei em uma posição masoquista, mas, no fundo, por indiferença ao uso que se faz dos corpos. É claro, nunca me submeteria a práticas extremas como as de infringir ou sofrer ferimentos, mas quanto ao resto, desde o imenso campo das singularidades até os caprichos sexuais, eu agi sem preconceitos e tive, invariavelmente, uma boa disponibilidade de espírito e de corpo. No máximo, posso ter sido recriminada por aparentar pouca convicção, quando uma prática não encontrava muito eco em minha própria vida fantasmática. Durante muito tempo tive um caso com um homem que, de vez em quando, tinha vontade de mijar em mim. Eu sabia o que me esperava quando ele me fazia sair da cama para chupá-lo. Quando seu sexo ficava bem duro, ele o retirava com uma mão, a pouca distância. Eu ficava com a boca aberta. Naquela atitude, de joelhos, eu tinha de fazer o ar contrito de quem se prepara para comungar. Havia sempre uma pequena espera durante a qual ele parecia ir conduzindo mentalmente a urina. Naquele esforço de concentração, ele conseguia não brochar. E o jato chegava espesso, abundante, quente. Amargo. De um amargor que nunca provei igual, que travava toda a língua até a garganta. Ele manejava seu sexo assim como teria feito com uma mangueira e aquilo era tão abundante e durava tanto tempo

que, às vezes, eu era obrigada a me debater como fazemos quando alguém brinca de nos molhar. Uma vez me deitei sob o jato e ele, depois de ter se esvaziado, deitou-se ao meu lado no chão. Com as duas mãos espalhou sua urina em meu corpo e me cobriu de beijos. Detesto sentir meus cabelos molhados na nuca, mas não podia fazer nada para impedir que a urina escorresse. Tive um ataque de riso. Aquilo o aborreceu e ele interrompeu bruscamente as efusões de carinho. Alguns anos depois, ele ainda me recriminava! "Se há uma coisa que você não faz bem, é ser mijada". Eu reconheço. Em meu favor, posso garantir que não tinha rido para dissipar um incômodo (não era a primeira vez que me molhavam assim!), ainda menos para zombar dele ou de nós (qualquer exercício sexual mais ou menos original, longe de me rebaixar, era ao contrário uma fonte de orgulho, como uma bandeira a mais na conquista do Graal sexual). Eu tinha rido porque, não podendo encontrar satisfação masoquista em uma situação que não achava humilhante, ao menos desfrutava da brincadeira alegre de deslizar em uma substância líquida repugnante.

Certas posições são mais convenientes do que outras para aquela que gosta de brincar de bebê pendurada em uma teta de bom tamanho. O mínimo que se pode dizer é que não sou uma dominadora, nem moralmente — nunca enganei um homem — e nas pequenas encenações perversas nunca era eu quem manipulava o chicote. E ficava bastante chateada quando se tratava de esbofetear! O homem dos encontros no bairro da gare de l'Est não se contentava em lambar todo o contorno da fenda, intermitentemente ele levantava a cabeça e, fazendo biquinho, pedia uma bofetada. Não me lembro das palavras que ele empregava, sei, porém, que, pelas circunstâncias, ele me chamava de "minha rainha", o que não me impedia de achar ridículo. Eu o via esticar o pescoço e alguma coisa me repugnava naquela cara cujos traços se amoleciam na espera, cujos lábios úmidos lembravam os de um bêbado que, ao baixar o copo, fica com um bigode desenhado pela marca da bebida. Porém, isto não me ajudava muito a bater com força suficiente. Empenhava-me de boa vontade, infelizmente sem conseguir satisfazê-lo de verdade. Eu estapeava com força, mas o medo de machucá-lo com um dos meus anéis freava minha mão. Outras vezes, tentava com uma mão, depois com outra, com a intenção de colocar mais energia em cada gesto, mas era difícil manter o equilíbrio, com a bunda na beirada da cama ou da poltrona,

o que fazia com que eu não ficasse à vontade para bater na cara que emergia entre as minhas pernas. Enfim, eu não acreditava naquilo.

Paradoxalmente, estou convencida que se ele tivesse uma expressão de incredulidade, se ele tivesse imprimido um quê de humor em seu pedido, insistisse de tal maneira que pudesse parecer uma encenação, eu teria entrado mais facilmente no jogo, teria me deixado capturar, e teria batido mais francamente.

Diante de minha pouca disposição, ele não insistia muito e ignoro se, com outras, seu masoquismo o conduzia a práticas mais exigentes. Para mim, as seqüências de bofetadas se juntavam a todos os adiamentos de nossas relações com encontros espaçados e aleatórios. Elas prolongavam, mesmo que por um período curto, minha espera pelo pau. Como contei, eu já chegava ao encontro com um desejo exacerbado. Desde os primeiros beijos na boca, desde os primeiros momentos em que suas mãos escorregavam sob minha roupa, o prazer era violento.

Em seguida, a sucção insaciável tornava o desejo quase insuportável. Mas quando chegava a hora da penetração, minha pequena corda interna estava relaxada; eu tinha esperado muito. Eu provavelmente deveria ter vivido o ciclo do desejo de uma outra maneira: considerar as carícias na boca como um prelúdio, não dar muita importância à copulação e admitir o intervalo entre os dois encontros como o eco deleitável das carícias. Mais ainda, enfrentar a realidade: a pausa era o momento em que, ao abrir a porta para mim sem dizer "bom dia" nem "boa noite", e ainda enfiados em nossos casacos, ele colava meu corpo bruscamente contra o dele. Neste caso, a perfeccionista que sou não teria se dobrado como uma escolar ao penoso aprendizado na arte de esbofetear. Ela o teria posto em prática como todas essas pequenas preliminares, dengos e beijinhos, aos quais nos entregamos sem pensar.

Já que é para dominar, prefiro cavalgar um homem deitado de costas. A posição não influi sobre o papel de um e de outro no jogo. Quando eu era muito jovem e queria fazer papel de má, chamava essa posição de "A torre Eiffel". Uma torre que teria passado como uma ponte sobre o Sena, um Sena

que, em sua passagem, teria sido uma torrente suspendendo a torre. O movimento de pistom, de alto a baixo, a bunda fazendo um barulho seco cada vez que se choca com as coxas do homem: as circunvoluções de um início de dança do ventre, que é o movimento mais calmo que adotamos para descansar ou para fantasiar; a oscilação de frente para trás, o movimento mais rápido, e de minha parte, o mais prazeroso — conheço tudo isto tão bem quanto a felação.

Também, como na felação, a "posição torre Eiffel", a mulher controla a duração e o ritmo com, evidentemente, uma dupla vantagem: o pau age diretamente dentro da boceta e o corpo se expõe de baixo para cima, sob um ângulo vantajoso para o olhar do homem. E depois, de vez em quando, ao escutarmos dizer: "É você que está me comendo... Como você me come bem!", é muito gratificante. Rebolamos sobre o cacete como uma caixa bem azeitada. Se fecho os olhos, em função dessa facilidade, de domínio, vejo em mim o pau desmesuradamente grosso e robusto, porque ele ocupa plenamente uma cavidade, que me parece alargada nas dimensões de meu dorso, e da qual expulsamos a tal ponto o ar que ela adere completamente ao objeto. E também uma das posições em que podemos exercer melhor pequenas pressões sobre o objeto, contraindo os músculos da vagina. São sinais que enviamos de longe, uma maneira de comunicar ao outro, enquanto nos servimos copiosamente, sem cerimônia, e por nossa conta, do que lhe pertence, e assim mesmo pensamos nele.

Todas essas manobras são impossíveis de fazer quando uma mulher, montada sobre o homem, tem a boceta ocupada e sua bunda também se abre para permitir a penetração de outro homem. Dois amigos que me atochavam dessa maneira afirmavam que, através de minhas entranhas, eles sentiam mutuamente os respectivos paus e que aquilo era particularmente excitante. Nunca acreditei muito neles. Para mim, as posições mais ou menos acrobáticas, como também aquelas que, para serem mantidas, acabam limitando os gestos, como a acima descrita, e as que nos imobilizam, produzem, acima de tudo, um efeito plástico. Nos divertimos formando um grupo como teriam feito antigamente os modelos em uma Academia. O que

atiça o prazer vem mais da visão dos corpos tão bem ajustados como peças de Lego, do que do contato propriamente dito.

Portanto, na posição sanduíche, nunca vi grande coisa.

Atualmente, quando fico por cima, evito abaixar muito a cabeça para a frente.

Embora meu rosto não esteja tão marcado, penso que ele tem menos tonicidade do que tinha antes e não gostaria de, no caso de meu parceiro estar de olhos abertos, oferecer um festival de papadas. Minha outra restrição a essa posição é a de não poder manter cada movimento durante muito tempo. Nos movimentos de cima para baixo, as coxas, acionadas como alavancas, cansam-se rapidamente, sobretudo se estão atravessadas por uma bacia larga. Posso manter por mais tempo o movimento de oscilação, mas, aí, a sensação muito localizada na frente da barriga por um lado e a imitação precisa do movimento masculino por outro, criam, por uma espécie de reverberação, uma imperiosa necessidade de ser satisfeita. A tal ponto que paro a máquina, encolho-me sobre o corpo que está sob o meu e digo: "Me mete, duas ou três vezes." Três ou quatro estocadas, que se chocam secamente no fundo da minha boceta, são suficientes para me proporcionar muita felicidade.

Admiro os homens que martelam durante longos minutos sem, aparentemente, se incomodarem com a posição adotada. Sempre me pergunto como é que eles fazem para se manterem assim apoiados sobre os braços, ou para mover com tanta resistência os quadris. E os joelhos, como fazem com os joelhos? Quando estou na posição dominante que acabo de descrever e que o ato acontece no chão, depois de algum tempo, meus joelhos ficam doendo. O mesmo acontece durante uma longa felação em que fico de joelhos diante de um homem em pé: quando fico mais afastada para prolongar o boquete, é que mais me inflige pequenas torturas. Pode acontecer de soltar uma ou as duas mãos, exatamente com as mesmas intenções de um equilibrista, para demonstrar a segurança com que a boca mantém sozinha a trajetória, ou para acelerar brutalmente o movimento. Neste caso, a nuca se contrai e uma dor se instala. Uma rigidez comparável à que experimentamos no dentista que

trabalha lentamente toma também conta do maxilar, dos músculos tensos das bochechas e dos lábios, principalmente se, por seu diâmetro, o sexo com o qual nos ocupamos obriga a boca a se manter muito aberta. Como dobro os lábios sobre os dentes, a mucosa onde os dentes pressionaram ganha uma barra inflamada. Gosto muito deste machucado. Ele é quente e saboroso. Quando minha boca fica novamente livre, passo a língua ali com a aplicação de um animal que lambe sua ferida. Depois de me ter esfalfado, encontro a mim mesma nesta dor refinada que estimo deliberadamente com a língua.

Suporto da mesma maneira todos os caminhos do coito, as excentricidades de uns e de outros, como as pequenas misérias psíquicas. Isto depende do poder de programar o próprio corpo independentemente das reações físicas. O corpo e o espírito a ele ligado não vivem nas mesmas temporalidades, suas reações diante dos mesmos estímulos exteriores podem ser defasadas. E assim que nem pestanejamos ao ficarmos sabendo de uma notícia dramática ou, ao contrário, continuamos a chorar apesar de sabermos perfeitamente que tudo está sendo feito para nos consolar. Se, intedormente, coloco em movimento a corrente obreira do prazer, o corpo certamente acabará sofrendo algum desprazer, que não será, porém, suficiente para emperrar a corrente.

Melhor dizendo, o desprazer só atingirá a consciência posteriormente, depois que o prazer tiver sido atingido, e então pouco nos importará o desprazer, acabaremos por esquecê-lo mais rapidamente do que ele se fez lembrar. Como explicar de outra maneira que, durante muitos anos, os mesmos homens me causaram os mesmos desconfortos sem que eu tenha me lamentado e muito menos os evitado? Eu que, fora do chuveiro, detesto ser molhada, recebi freqüentemente em gotas grossas o suor de um homem. As gotas caíam diretamente em cima de mim a ponto de eu conseguir distinguir o impacto de cada uma.

Ele mesmo não parecia incomodado com o calor ao passo que eu sentia, em meu peito molhado, uma sensação gelada. Talvez eu compensasse aquele desprazer escutando o gotejar da água de suas coxas sobre as minhas; os ruídos sempre me estimularam. De vez em quando, eu até poderia gentilmente pedir a ele que se enxugasse, mas não o fiz. Também nunca me

curei de uma alergia provo cada pela fricção de uma certa bochecha contra a minha. Uma vez que o mal era crônico, eu não poderia me besuntar com um creme antes dos encontros com o proprietário das bochechas, que, no entanto, se barbeava cuidadosamente? Sempre saí de sua casa com uma metade do rosto pegando fogo. As marcas demoravam horas para desaparecer. E também provável, a propósito do descompasso entre o corpo e o espírito, que, neste exemplo, a culpa que eu sentia de conviver às escondidas com ele tenha contribuído, além de uma propensão alérgica, para me fazer enrubescer.

Naqueles momentos, o espírito alcançava o corpo.

As diferentes manifestações do prazer É bem mais fácil escrever sobre os desprazeres na medida em que eles parecem fazer distender o tempo e que o tempo permite detalhá-los. Mesmo que eles não atinjam imediatamente a consciência, eles cavam em nós um sulco que corresponde a uma duração. As sessões de bofetadas nunca eram longas e patinar no suor estava longe de representar o essencial de minhas relações com a pessoa e, no entanto, isto não impedia que, durante o tempo em que se desenrolava, eu não esperasse (observasse) ao mesmo tempo ativa e passivamente.

Relatar o prazer. o prazer extremo é, por outro lado, muito mais delicado. Aliás, ele não é comumente vivido e identificado como um arrebatamento para fora de si e do mundo, não quer dizer também para fora do tempo? E não existe também uma dificuldade suplementar, problemática, em querer identificar, reconhecer, alguma coisa da qual nos forneceram pouca ou nenhuma descrição? Nas páginas precedentes, relatei meu arrebatamento na ocasião de meu primeiro contato carnal, evoquei também a descoberta de um orgasmo prolongado graças a um determinado vibrador; enfim, tentei descrever a mobilização da entrada de minha vagina, que se torna rígida como um círculo de metal quando a excitação está em seu auge. Foram constatações feitas relativamente tarde.

Durante grande parte de minha vida, trepei com total indeterminação do prazer. Em primeiro lugar, devo admitir que, para mim, que tive muitos parceiros, nenhuma solução é mais adequada do que a que procuro

solitariamente. Neste exercício, controlo a ascensão do meu prazer quase em milésimos de segundos, o que não é possível quando é preciso levar em conta o ritmo do outro e que dependo também de seus gestos, não apenas dos meus. Esboço minha história. Admitamos que eu fosse uma atriz de filmes pornô, fazendo teste com uma quinzena de parceiros eventuais que se apresentam nus e enfileirados. Em minha fantasia, sou um oficial que passa sua tropa em revista, examinando e apalpando um a um, enquanto esfrego com o dedo médio meu clitóris que logo ficará pegajoso. Eu observo como ele se dilata. As vezes, parece que ele se retesa, ficando pontiagudo como um broto novo. Na verdade, é todo o monte-de-Vênus e a vulva que incham sob a palma de minha mão.

Posso interromper por três segundos o movimento circular para comprimir rapidamente o conjunto como o faria com uma pêra. Prossigo minha história. Decidome por um rapaz que puxo pelo pau até uma espécie de mesa de massagem onde me deito, com a boceta na beirada. Neste momento (e este preâmbulo demora muito tempo, seis, oito minutos, às vezes mais), a excitação pode ser enorme. Ela está muito localizada, como um peso que comprime a parte de baixo de minha vagina e parece fechá-la como um diafragma de uma objetiva. Porém, sei (de onde me vem esta ciência? Da medida espontânea, exata, do grau de excitação? Confinando-se até à exasperação, esta excitação, de uma certa maneira muito carregada, não tem outro caminho senão o de estagnar-se em uma zona precisa? Pelo fato de não ser esta a posição, com o parceiro imaginário, que me dará a ilusão de estar satisfeita?) que se eu der continuidade, o orgasmo não acontecerá ou que ele será de pouca intensidade. Então, interrompo o movimento e retomo o início de minha história. Chupo algumas picas duras antes de me decidir por uma. Volto à mesa de massagem. (Pode haver várias retomadas da história para que sejam introduzidas ligeiras variantes.) Desta vez, são dois ou três que vão se revezar rapidamente em minha boceta. A pressão do dedo se acentua, o clitóris escorrega sobre uma base dura, um osso? Imagino um dos rapazes metendo em mim.

A fricção torna-se frenética. Acontece de eu murmurar mas articulando distintamente, um diálogo de encorajamento rudimentar: "Você é boa..."

"Continue..." Quando chega o momento, o espírito se esvazia.

Saída dos quinze garanhões. No esforço de concentração faço uma careta, levanto a boca num trejeito desprezível; uma de minhas pernas fica paralisada, mas, em uma desarticulação inesperada, às vezes, tenho o reflexo de esfregar delicadamente um seio com a mão livre. O orgasmo é o efeito de uma decisão. Se isto é possível, eu diria que vejo o orgasmo chegar.

Aliás, verdadeiramente, estou sempre com os olhos fixamente abertos, que vêem não a parede em frente ou o teto, mas uma radiografia fantástica. Se tudo deu certo, a volúpia vem de longe, do fundo fino dessa longa passagem estreita de paredes onduladas e cinzas, e ela se propaga até a abertura que abre e fecha como o maxilar de um peixe. Todos os outros músculos estão relaxados. Posso gozar seis ou sete vezes, O ideal é ficar ainda um tempo deslizando os dedos unidos na vulva, depois os levo ao nariz para me deleitar com o perfume adocicado.

Não lavo as mãos. Masturbo-me com a pontualidade de um funcionário: de manhã, quando me levanto, ou durante o dia, com as costas apoiadas em uma parede, as pernas separadas, um pouco dobradas, nunca ao me deitar. Saboreio igualmente fazer tudo o que se faz de real bem encaixada em uma verga.

Neste caso, demoro mais a gozar: a concentração em meu relato fantasmático torna-se mais difícil, porque o fato de praticar o sexo com um parceiro não exclui o exercício de minha fantasia. O verdadeiro se mantém pronto, imóvel, paciente, até que eu dê o sinal, o "bem" de consentimento total, ou uma virada de cabeça, e então meus espasmos encontram a carga do pênis em sua potência mais forte. Será possível conjugarem-se, então, duas volúpias tão diferentes uma da outra, a que é percebida distintamente, a tal ponto que creio poder medir a ampliação de meu espaço da mesma maneira que observaria a maré cheia que avança pouco a pouco na praia, e a que é muito mais difusa, como se meu corpo devolvesse o som surdo de um gongo porque, a exemplo do que acontece no caso de uma dor extrema, a consciência encontra-se afastada? Nunca localizei as contrações de minha vagina enquanto fazia amor.

Permaneci completamente ignorante neste assunto. Será que pelo fato de não poder conhecer esse tipo de orgasmo acompanhada? Será que meu sexo, preenchido pelo outro, não tem a mesma elasticidade? Felizmente, acabei sabendo que isto era uma manifestação própria ao gozo feminino. Já tinha passado dos trinta quando tive com um amigo uma dessas con versas íntimas que só tive excepcionalmente ao longo de minha vida. Ele preocupava-se em saber como era possível saber que uma mulher tinha gozado. "É quando ela tem espasmos? Esta é a única prova?", perguntava-me. Hesitante, mas não querendo passar por imbecil, respondi que sim. "Com exceção de mim mesma, é claro", pensei. Até então, quando meu corpo exprimia tais sinais, eu não os tinha identificado, mesmo se fosse enquanto me masturbava com a precisão que conhecemos. Não tendo deliberadamente procurado saber o que significavam, não podia reconhecê-los como sinais. Certas carícias me faziam bem, certas posições eram melhores do que outras, ponto. Agora compreendo que aquela conversa lacônica (mantida com um homem com quem, não por acaso, nunca tive uma relação sexual) suscitou em mim uma preocupação que levou anos, longos anos, para chegar ao estado de insatisfação que foi tema do primeiro capítulo deste livro.

Como expliquei, a prática do onanismo, a princípio e durante muito tempo, era para mim, não a estimulação do clitóris, mas a fricção dos lábios da vulva um contra o outro.

Não que eu ignorasse sua existência, mas por não ter de me preocupar com ele para ter prazer. Pertenço à geração de mulheres que teve, nas obras feministas, manuais e guias de exploração do próprio corpo.

Agachada sobre um espelho, observei meu sexo e o que tive foi uma visão confusa. Talvez eu tivesse dificuldade de acompanhar uma descrição muito científica ou tivesse alguma restrição às iniciativas feministas, que eu supunha serem destinadas às mulheres inibidas ou que tinham dificuldades nas relações sexuais, o que não me dizia respeito porque, para mim, trepar era fácil. Talvez eu não quisesse colocar em causa minha facilidade: é certo que eu trepava por prazer, mas será que eu não trepava também para que trepar não fosse um problema? Daquela vez, talvez eu tenha fechado inconscientemente as coxas como se fechasse um dicionário de medicina:

por medo de descobrir em mim mesma os sintomas de doenças ali descritas e que me impediriam de fazer alguma coisa de que gostava muito.

Eu tinha razão, porque muito mais tarde quando consultei o dicionário das idéias feitas', a inquietação começou a brotar. Então, tive um caso com um homem, depois com um segundo, com a idéia fixa de que deveria sentir durante a trepada os mesmos espasmos desencadeados durante a masturbação. Será que eu tinha conhecimento suficiente de meus próprios órgãos para atingi-lo? É, como se minha vida sexual se desenrolasse em sentido contrário, como se eu comesse a fazer perguntas ingênuas após ter adquirido e esquecido uma experiência, duvidei de minha antena clitoriana. Será que era ela que respondia quando eu me esquentava com uma falange enraivecida? Cheguei a pensar que eu não tinha clitóris ou que ele era atrofiado. Um homem, movido pelas melhores intenções, mas sem nenhum tato, não me ajudava nada ao deslizar seu dedo incessantemente. Enfim, acabei rendendo-me à evidência: o clitóris não era uma ponta viva identificável como um prego na parede, ou como a torre de uma igreja em uma paisagem, ou como o nariz no meio da cara, era uma espécie de nó complicado, sem verdadeira forma própria, um minúsculo caos formando-se no encontro de duas pequenas línguas de carne, como quando a ressaca joga uma onda contra a outra.

O prazer solitário é possível de narrar, o prazer obtido na união é mais difícil. Ao contrário do que acontece quando eu mesma provooco o orgasmo, em uma relação a dois nunca digo: "É agora." Não há disparo, não há clarão. É mais como o mergulho lento num langor de sensação pura. O contrário de uma anestesia local. Obra do escritor francês Gustave Flaubert que, através de um alfabeto peculiar, fez uma sátira das idéias, conceitos e preconceitos da sociedade. (N. do T.) que suprime a sensibilidade mas permite manter o espírito acordado; meu corpo não é nada mais do que a borda de um dilaceramento vivo, enquanto a consciência fica em um estado de entorpecimento. Mesmo quando ainda me mexo, o faço por automatismo, embora possa perguntar em um último reflexo de sociabilidade: "Algum problema se eu não me mover mais?" É isto a plenitude? É mais um estado próximo daquele que precede o desmaio, quando temos a impressão de que o corpo se esvazia. Invadida, sim, mas de vazio. Quase sinto frio, como

quando parece que o sangue se esvai. Ele aflui para baixo. Uma válvula se abriu e por ela deixo escoar o que fazia do corpo uma massa compacta. E escuto o ruído da expulsão. A cada metida do membro dentro desta bolsa mole em que me transformei, o ar que ele desloca emite uma sonoridade clara. Faz bastante tempo que não grito mais, desde que acordei o bebê dos vizinhos e que eles protestaram tamborilando na parede. O amigo com quem eu estava, descontente, tinha me ligado alguns dias mais tarde para dizer: "Informe-me com um amigo que é médico, gritar deste jeito é sinal de histeria." Perdi o hábito sem me dar conta. Depois disso, os gritos das outras mulheres me fizeram muitas vezes pensar nos dos acrobatas, mais voluntários do que espontâneos, ao encorajar suas montarias quando passam perto de nós na pista. Eu não solto nada além de peidos. Os outros me imitam. Fico maravilhada com tantos recursos.

O amigo médico teria detalhado ou corrigido seu diagnóstico se tivesse sabido que, durante um tempo, meus parceiros, depois do amor, abandonavam na cama, na mesa ou no chão, um corpo rígido como um cadáver? Felizmente, isto não acontecia todas as vezes, mas, pelo que me lembro, apenas quando o prazer tinha sido enorme. Tinha uma crise de tetania. Nunca tive medo.

Aquilo passava rápido. O mesmo sintoma tinha acontecido uma vez quando fiz um aborto, e o ginecologista me explicou que eu estava com falta de cálcio. Não era nem mesmo penoso. Aquilo aparecia como uma prova de que alguma coisa de incompreensível se passava com meu corpo, que parecia não me pertencer mais. A paralisia prolongava a letargia. É óbvio que me perguntei se um motivo inconsciente não havia se unido à falta de sais minerais. Eu deveria conter meu corpo antes ou depois do orgasmo? Para evitá-lo ou para prolongá-lo? O sintoma desapareceu e esqueci de responder à pergunta. Ora, uma manifestação inversa veio ocupar o lugar. Em lugar de me crispar à beira do abismo, afogo-me em lágrimas. Relaxo a tensão com soluços francos, ruidosos. Choro como nunca mais choramos na idade adulta, o coração inteiro tomado por uma dor imensa. E preciso que a tensão tenha sido particularmente forte, excepcional, e, sem dúvida mais do que os outros, tenho um longo caminho a percorrer antes do êxtase e meus soluços têm qualquer coisa parecida com um atleta exaurido que recebe sua

primeira medalha. Alguns de meus parceiros já ficaram apavorados, achando que tinham feito alguma coisa ruim. Mas as lágrimas são de uma alegria desesperada. Tudo foi abandonado, mas este tudo não é nada além disso: o corpo que entreguei não era nada além de um sopro de ar e aquele que beijei já se encontra a anos-luz de distância.

Como, em um tamanho despojamento, não exprimir o próprio abandono? Não são as cargas mais violentas que me fazem afundar. É preciso amortecêlas e quando me encontro com o lombo esmagado no colchão, sinto-me muito pesada para a Ascensão. Bem preparada, prefiro certos deslocamentos ínfimos que, ao contrário, fazem com que eu não pese nada.

Lembro-me de ter sido divinamente tocada e sustentada pelos gestos rápidos de um homem, muito maior do que eu, que passava a mão sob minhas costas e alisava meus quadris. Sua atenção, por ser tão bem exercida, era mecânica: uma faxineira que tira pó tem o mesmo gesto.

Três ou quatro golpes secos me levantavam no ar como uma folha de papel. Aquilo fazia com que minha boceta abarcasse mais alguns milímetros do comprimento de seu sexo. Era o bastante.

VISÕES DA FUGACIDADE

Tenho uma altura mediana, e a flexibilidade de meu corpo permite que alguém me pegue e me vire em todos os sentidos que quiser. Essa maleabilidade é o que mais me surpreende quando me vejo em uma tela de vídeo. Normalmente, me sinto tão acanhada, tão gauche (desde a adolescência praticamente não dancei e sou incapaz de dar três braçadas no mar), que quase não reconheço o réptil que se estica, se retrai e reage imediata e completamente a todas as solicitações. Estou deitada de lado em uma pose de odalisca, as pernas ligeiramente dobradas para realçar em primeiro plano o globo das nádegas, o olhar dirigido para o alvo a que o globo se oferece, a mão entreaberta sobre a boca em um gesto de expectativa. Depois, sempre de lado, um pouco mais encolhida para oferecer um ângulo melhor, a cintura um pouco inclinada para trás, o que faz salientar a parte de cima do corpo, o pescoço virado para, de uma só olhada, verificar se a fenda está completamente livre. Nesta posição, eu quase nunca posso inter-vir. O animal finge ser um objeto sem vida. O homem dobra um pouco mais as pernas para encaixar uma delas no triângulo que elas formam, parecendo preparar um pacote para segurá-lo melhor. Ele mantém a mão firme e sacode vivamente o objeto diante dele, que salta com flexibilidade sobre sua barriga. Gosto deste estado de inércia, embora meu sexo penetrado assim de lado não seja muito receptivo. Da mesma maneira, quando o homem, por sua vez, se deita de lado formando a barra de um T do qual, deitada de costas, sou o traço vertical, com uma das pernas pousada acima de seu tronco e a outra entre suas coxas.

Retomo uma identidade de animal, alguma coisa entre uma rã e um inseto virado com as pernas curtas se debatendo no ar. No entanto, como disse, prefiro ser fodida pela frente. Recebo melhor as estocadas do pau e posso recobrar a consciência do que se passa. Levantando a cabeça, se necessário sustentando meus calcanhares e panturrilhas, consigo acompanhar o que se passa no enquadramento de minhas pernas completamente separadas. Posso

retomar a iniciativa: por exemplo, arquear o tronco para levantar a bacia e me mexer o máximo que puder. A relação entre os elementos se inverte: não é mais a estaca que penetra na terra, é a terra que treme para engoli-la. Vólto à posição horizontal. Puxada pelo tronco, como um peso morto, coisificada novamente. Mais tarde, na tela, vejo-me assumir a forma de um vaso que teria sido virado. A base está na altura dos joelhos levados até a altura do rosto, as coxas apertadas contra o dorso desenhando um cone que vai se alargando até as nádegas cujo gargalo se retrai bruscamente após uma dupla intumescência — serão as taças do osso ilíaco? —, deixando a passagem exata para um cacete mergulhar.

O prazer é fugidio porque o corpo, todo triturado, remexido e virado, é evanescente. O corpo gozou e se deixou absorver tão inteiramente em certas partes escondidas e misteriosas para ele mesmo, tanto quanto o corpo de um pianista acaba se concentrando na extremidade de seus dedos. E os dedos do pianista pesam sobre as teclas? Por alguns momentos, parece que não. Vendo um vídeo na qual me masturbo com a mão fazendo movimentos no ar; meu vizinho afirma que tenho um gesto de guitarrista.

Meus dedos estão soltos e balançam na nuvem negra com uma regularidade de pêndulo, mas sua ação é precisa.

Quando não estou só e sei que minha mão será logo substituída por um instrumento bem maior; não esfrego com muita intensidade e aproveito essa doçura. Nunca me masturbo penetrando os dedos na xoxota, contentome em molhar o maior mergulhando-o apenas para umedecer a frente. Se o movimento se torna um pouco mais insistente, a pele muito fina da parte interna das coxas é atravessada por uma onda. Percebo que acaricio da mesma maneira o sexo do outro. Aplicando-me a um boquete, protejo a base do pau e os testículos na concavidade de minha mão exatamente com o mesmo gesto que faria para segurar um lagarto ou um pássaro.

Um grande plano me mostra com a boca cheia e os olhos bem abertos em direção à tela: há um controle técnico neste olhar. Em um outro, ao contrário, estou com as pálpebras e a boca fechadas, esta última oferecida à cabeça do pau que passeia nela, tenho o ar de quem dorme profundamente mas, sem

dúvida nenhuma, estou atenta para não perder o prumo. Mais adiante, querendo ajustar a cabeça do pau, entreabro e desenrugo a vulva com cuidado, consciente da fragilidade do objeto que me preparo para entubar.

Um outro filme mostra meu corpo inteiro, de uma forma como nunca é visto, oculto pela roupa, nas ocupações ordinárias do dia-a-dia. Jacques, improvisado de diretor, me faz subir e descer vinte vezes a escada do prédio, pouco freqüentado naquela hora da noite, vestida com um vestido de linho preto transparente.

Como se eu vestisse uma roupa opaca e fosse seguida por uma câmera com raios X, discernimos, quando estou de costas, a animação pneumática da bunda e, quando estou de frente, o estremecimento dos seios cada vez que o pé pisa em um degrau, ao passo que a genitália desaparece em uma larga mancha de sombra quando roça o vestido.

Embora seja possível perceber a densidade da carne, a silhueta é fugaz. Para a próxima seqüência, Jacques me pede para ficar na guarita — ocupada durante o dia pela zeladora — primeiro com o corpete abaixado até a cintura, depois sem o vestido e, finalmente, que simule desempenhar o papel exigido pela função de zeladora. Ah, se pudéssemos vagar assim de casa para o trabalho sem nada sobre o corpo! Não estaríamos apenas aliviados do peso das roupas, mas também do peso do corpo que ficaria nelas. Confesso: o papel que Jacques me pede para fazer tem uma ressonância tão grande em minhas fantasias que fico perturbada de uma maneira pouco habitual, quase constrangida de me sentir mais despida do que se estivesse nua.

Voltamos para o apartamento. Ali, meu corpo se dissolve com precisão sobre o sofá branco. No meio, a mão sobe e desce lentamente, enfeitada por um único anel do qual os reflexos comprometem intermitentemente a nitidez da imagem. Coxas e pernas muito abertas inscrevem-se em um quadro quase perfeito. É o que vejo hoje, mas sabia, desde então, esta era a imagem que o homem que operava a câmera via. Quando, sem abandonar a câmera, ele veio retirar minha mão de onde ela estava, meu sexo, onde ele introduziu o seu, estava intumescido como nunca. A razão era clara: eu já estava possuída

pela coincidência entre meu verdadeiro corpo e suas múltiplas imagens voláteis.

Fim

1. A palavra bricolage designa todas as atividades de reparos domésticos que envolvam marcenaria, hidráulica, eletricidade, pintura, etc.
2. Suruba da qual participam dois casais.
3. Caminho aberto num terreno escamado.
4. Carro popular da época.
5. (Abro um parêntese para relativizar esse julgamento severo. Sabemos que nossas tendências sexuais podem, como um velho guarda-chuva cuja armadura nos protege enquanto o vento sopra no sentido do real, virar em sentido contrário para nos deixar encharcados sob a borrasca das fantasias. Mais uma vez neste livro aproximarei fatos e fantasias, neste caso para colocar em evidência uma antinomia divertida: apesar da regra moral que acabo de exprimir, excitei-me muito ao me imaginar transformada num saco inundado pela porra de um grupo de congressistas nervosos que me fodiam, às escondidas uns dos outros, em um canto do bar de um hotel e até mesmo numa cabine telefônica, o homem com o fone na mão, prosseguindo uma conversa corriqueira com a esposa: "Sim, querida, está tudo bem, só a comida que..." etc. Este é um dos roteiros sobre uma situação de escravidão máxima mais eficazes para me levar ao gozo.)

CATHERINE MILLET

A VIDA SEXUAL DE
Catherine M.

